

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAURICIO HEPP

ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA OCUPAÇÃO GUARANI NO VALE  
DO RIO TIBAGI

CURITIBA

2012

MAURICIO HEPP

ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA OCUPAÇÃO GUARANI NO VALE  
DO RIO TIBAGI

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Claudio Pereira Symanski

CURITIBA

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTRPOLOGIA  
 RUA GENERAL CARNEIRO, 460 / 6º ANDAR  
 CEP 80060-150 - CURITIBA- PR  
 Telefone (41) 3360-5272 Fax (41) 3360-5316

**93ª ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO  
 PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ANTRPOLOGIA  
 SOCIAL.**

Aos vinte dias do mês de dezembro de dois mil e doze, às quatorze horas e trinta minutos, no Anfiteatro1000 – 10º andar, Edifício D. Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná (SCHLA/UFPR), foram instalados os trabalhos de arguição do mestrando **Maurício Hepp** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: *“Estudo Arqueológico da ocupação guarani no Vale do Rio Tibagi”*. A Banca Examinadora, designado pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná (PPGAS/UFPR), foi constituída pelos seguintes Professores Doutores Luis Claudio Pereira Symanski (orientador), presidente da sessão, Laércio Loiola Brochier (PPGAS/UFPR) e Dione da Rocha Bandeira (UNIVILLE). Dando início à sessão, o presidente passou a palavra ao aluno, para que o mesmo expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, o presidente da sessão passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. O aluno respondeu a cada um dos arguidores. O presidente retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou aos presentes e ao mestrando que deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente para discussão de suas avaliações, e decidiu pela **APROVAÇÃO**..... do aluno, com conceito **A**..... O mestrando foi convidado a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que o presidente da sessão fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora, outorgando-lhe o Grau de **Mestre em Antropologia Social**. Nada mais havendo a sessão foi encerrada, da qual eu, Dóris Guidolin, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Curitiba, 20 de dezembro de 2012.

Dóris Guidolin

  
 Prof. Dr. Luis Claudio Pereira Symanski (Orientador)

  
 Prof. Dr. Laércio Loiola Brochier (PPGAS/UFPR)

  
 Prof. Dr. Dione da Rocha Bandeira (UNIVILLE)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao professor Dr. Luis Claudio Pereira Symanski, pela orientação, conselhos e a auxílio em conduzir esta pesquisa. Também ao professor Dr. Láercio Loyola Brochier pelos ensinamentos e conselhos que enriqueceram os meus conhecimentos.

Ao professor Dr. Éverson Fogolari e à Habitus, pela oportunidade de ingressar no mundo da Arqueologia e o apoio constante a esta pesquisa e ao crescimento como profissional.

À equipe de pesquisa da Habitus, companheiros desde longa data e pessoas que apoiaram sempre o andamento desse trabalho, em especial aos colegas Maquieli, Katilene, Giovani, Eliane, Ana, Fabrício, Cristine e Tiago, que sempre compartilharam os sucessos e os contratempos, mesmo que hoje estejamos em caminhos diferentes.

Aos colegas de mestrado, companheiros de estudo e amigos da jornada, em especial ao Jonas, Camila, Ângela e Eloi que compartilham a paixão pela arqueologia.

Aos professores do curso de pós-graduação da UFPR pelos ensinamentos e conselhos que, sem dúvida, são parte do que sou hoje.

Aos mestres do curso de graduação pelos primeiros passos no mundo acadêmico e pelo apoio em seguir a jornada.

Ao professor Dr. André Soares pelos ensinamentos e ao professor Dr. Igor Chmyz pelos sábios conselhos.

Aos meus familiares pelo apoio a ajuda nos momentos necessários; aos amigos de longa jornada por acreditarem na minha capacidade, e à Katy pelo amor, companheirismo e paciência durante todo tempo dessa dissertação.

## RESUMO

Essa dissertação discorre sobre a ocupação dos grupos Guarani no rio Tibagi, no norte do estado do Paraná entre os municípios de Telêmaco Borba e Ortigueira. Revisitando o cenário da arqueologia Guarani e revendo modelos de expansão e ocupação do território, a pesquisa propõe apresentar uma perspectiva para a compreensão dos processos e ocupação do território local. Seguindo o modelo de *Territory Life Histories* de Zedeño para entender a ocupação do espaço e a interpretação da densidade populacional e grau de permanência dos grupos em determinados assentamentos, parte-se para a análise dos conjuntos cerâmicos através da compreensão da funcionalidade dos vasilhames projetados através dos fragmentos coletados nos sítios. A definição de unidades qualitativas que permitam tal projeção e a variação de determinados atributos nos fragmentos associados ao método estatístico de *clusters*, apontou para evidências que permitem pensar nos modelos vigentes e nas particularidades regionais de ocupação do território, demonstrando que a variabilidade formal e a proporção de determinados tipos de vasilhames podem permitir aportes para interpretações dos processos ocorridos no passado.

**Palavras-chave:** Guarani, análise cerâmica, Tibagi, inter sítios

## ABSTRACT

This dissertation discusses the Guarani occupation in the Tibagi river, northern Paraná state, between the municipalities of Telemaco Borba and Ortigueira. Revisiting the scene of Guarani archeology and reviewing models of expansion and occupation of the territory, the present research proposes a perspective for understanding the processes and occupation of the local territory. Following the Territory Life Histories model from Zedeño to understand the occupation of space and interpretation of population density and degree of permanence in certain groups of settlements, follows to the analysis of ceramic sets by understanding the functionality of containers designed through fragments collected at the sites. The definition of quality units that allow such projections and the variation of certain attributes in the fragments associated with the cluster statistical method, point to evidence that allow us to think on current models and particularities on regional occupation of the territory, demonstrating the variability and the proportion of certain formal types of containers may allow contributions to interpretations of the processes occurring in the past.

**Key words:** Guarani, ceramic analysis, Tibagi, inter sites

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1 REVISITANDO O CENÁRIO DA ARQUEOLOGIA GUARANI</b> .....	<b>12</b>
1.1 ORIGEM E DISPERSÃO DO GRUPO GUARANI: MODELOS, HIPÓTESES E QUESTÕES .....	12
1.2 BREVE REVISÃO DAS PESQUISAS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI NAS ÚLTIMAS DÉCADAS.....	28
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO E MODELOS DE OCUPAÇÃO GUARANI PARA O SUL DO BRASIL</b> .....	<b>42</b>
2.1 FORMAÇÃO E USO DO TERRITÓRIO: UMA NOVA ABORDAGEM.....	48
2.2 DISCUTINDO MODELOS DE OCUPAÇÃO GUARANI.....	52
<b>3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO</b> .....	<b>59</b>
3.1 CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO.....	59
3.2 AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA ÁREA DE ESTUDO .....	61
<b>4 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA ÁREA DE ESTUDO</b> .....	<b>68</b>
4.1 SÍTIO ARQUEOLÓGICO BARRA GRANDE VIII .....	70
4.2 SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACHOEIRÃO V .....	72
4.3 SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGO DA BARRAGEM VI .....	74
4.4 SÍTIO ARQUEOLÓGICO SALTO DOS ALEMÃES I.....	76
4.5 SÍTIO ARQUEOLÓGICO S.A.M. III.....	79
4.6 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO.....	80
4.7 OS GRUPOS FUNCIONAIS .....	90
4.8 DADOS PRODUZIDOS .....	94
4.8.1 Conjunto cerâmico do sítio Barra Grande VIII .....	94
4.8.2 Conjunto cerâmico do sítio Cachoeirão V .....	104
4.8.3 Conjunto cerâmico do sítio Lago da Barragem VI .....	113
4.8.4 Conjunto cerâmico do sítio Salto dos Alemães I .....	122
4.8.5 Conjunto cerâmico do sítio S.A.M. III .....	132
<b>5 PERMANÊNCIA E OCUPAÇÃO DOS GRUPOS GUARANI NA BACIA DO TIBAGI</b> .....	<b>140</b>
5.1 DENSIDADE POPULACIONAL X PERMANÊNCIA .....	140
5.2 OS ASSENTAMENTOS GUARANI NA PERSPECTIVA INTER-SÍTIOS..	154
5.2.1 Antiplástico .....	155
5.2.2 Decoração .....	158
5.2.3 Diâmetro da borda.....	161
5.2.4 Função .....	164
5.3 PENSANDO A OCUPAÇÃO GUARANI NO RIO TIBAGI, MODELOS, HIPÓTESES E INTERPRETAÇÕES .....	168
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>174</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>180</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o contexto de ocupação dos grupos Guarani através do estudo da sua variabilidade cerâmica e da relação entre os sítios no vale do rio Tibagi. A compreensão de padrões regionais tendo por base modelos desenvolvidos para explicar os sistemas de organização social e de relação com o meio são postos em evidência na perspectiva de compreender a dinâmica da população Guarani pretérita que ocupou a área de estudo.

Esta pesquisa foca na análise dos fragmentos cerâmicos de cinco sítios localizados no Alto Tibagi<sup>1</sup>, na área de influência da Usina Hidrelétrica Mauá, entre os municípios de Telêmaco Borba e Ortigueira, região Norte do estado do Paraná.

Os grupos Guarani referem-se à Tradição Tupiguarani que teve seu nome designado em função do grande conjunto artefactual observado no território brasileiro desde o início do século XX e sistematizado a partir da década de 1960. Embora generalizada na sua atribuição, ela representa elementos que atestam para as populações antecessoras dos primeiros grupos indígenas brasileiros que fizeram os primeiros contatos com o europeu no país. Caracterizados por uma longa sequência histórica, e um dos poucos povos do Brasil onde se verifica uma continuidade entre os registros arqueológicos e os históricos, os Guarani ocupam grande parte da porção sul do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, sendo um dos grupos indígenas mais numerosos da região.

Com uma perspectiva de análise da funcionalidade tendo por base o vasilhame como unidade fundamental de estudo, a pesquisa busca demonstrar

---

<sup>1</sup> Conforme definição do Instituto de Terras, Cartografia e Geociências do Paraná (ITCG-PR).

que a permanência no território e o tamanho dos grupos podem ser alcançados com a compreensão de aspectos formais da cerâmica.

Este trabalho se pauta, inicialmente em uma breve revisão bibliográfica sobre as pesquisas referentes à Tradição Tupiguarani dando ênfase ao debate sobre sua origem e dispersão. O longo diálogo que teve grande expressão na década de 1990 quando novos rumos foram propostos foi um tema recorrente nas mesas de discussão de arqueólogos e propiciou simpatia por diversos pesquisadores. O tema, amplamente abordado, proporcionou uma grande quantidade de produções acadêmicas verificadas na literatura ao longo de mais de 50 anos, inserindo diferentes abordagens e perspectivas com o passar do tempo.

Seguindo a proposta do trabalho, foi realizada uma contextualização da região de estudo e das principais pesquisas nela realizadas, dando subsídio para uma abordagem com base nos dados já produzidos regionalmente. A argumentação da produção bibliográfica Guarani nas últimas décadas também é importante ponto de apoio nesta seção do trabalho, pois embasa os rumos que o tema tem tomado e as diferentes abordagens que contribuem para a construção de uma Arqueologia Guarani<sup>2</sup>.

Tangendo esta primeira parte da pesquisa, passa-se para uma contextualização dos modelos de ocupação para os grupos Guarani. A proposta de interpretação e a inserção desse conteúdo se faz necessário porque cria um eixo temático que dá continuidade à sequência de contextualização do assunto. Discursar sobre modelos de ocupação e uso do território é importante ferramenta já que, considerando a dispersão dos vestígios arqueológicos no território sul americano e, principalmente, se aceito a premissa de Noelli (1993) de que os Tupi e Guarani se expandiram por uma grande faixa de território brasileiro em cerca de 3000 anos, suscita que seu modelo ocupacional poderia ser reconhecido através da atribuição de funcionalidade aos sítios arqueológicos e compreensão dos sistemas de assentamento, o que corroboraria com a proposição do autor. De fato, essa

---

<sup>2</sup> Expressão frequentemente usado por Soares (1997; 2004) no que se refere à arqueologia dos grupos meridionais do Brasil pertencentes à Tradição Tupiguarani.

proposta busca complementar e contextualizar os objetivos da pesquisa, pois a análise, em primeira instância, pautar-se-á no material cerâmico que conduzirá a interpretações sobre a funcionalidade de cada sítio e como estes se inserem em um dado sistema de assentamento.

Sequencialmente, a dissertação distancia-se dos aspectos macro e de modelos de interpretações gerais e entra no trabalho dos dados, com a análise dos sítios arqueológicos selecionados a representar a área bem como a amostra de material cerâmico necessário a gerar os dados da pesquisa. A seleção de sítios buscou conjuntos que representassem os assentamentos Guarani em diferentes meios de implantação na paisagem, bem como características específicas que pudessem testar a validade das análises.

Por fim, a discussão teórica e dos dados analisados se fez conjunta, não dissociando os questionamentos aos mesmos, intimamente ligados à base do conhecimento produzido e concebido com a parte empírica da pesquisa, na junção dos dados de campo. A análise inter-sítios, através do método de *clusters* se fez com a necessidade de verificar as diferenças e similaridades nos conjuntos materiais de cada sítio, nos quais foram levantadas características formais do registro material para compreender os processos atuantes em cada local. Os testes apontaram para os elementos recorrentes e a relação estabelecida com os demais assentamentos, condicionando, assim, possibilidades interpretativas não apenas para a densidade populacional e o grau de permanência nos assentamentos, mas também para compreender as relações que os diversos conjuntos tiveram no passado.

Estudar essa relação entre os sítios e a sua distribuição em determinado espaço não é uma novidade para a arqueologia Guarani. Porém, a proposta dessa pesquisa é apresentar uma metodologia diferenciada que esmiúce características que aparentemente estariam ocultas às interpretações entre os assentamentos, pensando nas implicações da relação entre os modelos ocupacionais comumente abordados para os grupos Guarani e outras possibilidades de compreender os processos de ocupação e uso do território. Além dessa proposta, a perspectiva de se usar tal abordagem em uma área

que, gradativamente vem sendo pesquisada e ampliada do ponto de vista arqueológico, onde o número crescente de sítios identificados permitirá novos objetivos e dados para o estudo dos grupos Guarani, propõe-se a investigar diversos aspectos que contribuirão na construção do conhecimento sobre os referidos grupos na bacia do rio Tibagi.

A apresentação de dados regionais ainda não trabalhados, somando-se aos dados produzidos em pesquisas anteriores (CHMYZ *et al.*, 2008) inserem novas perspectivas e hipóteses para a arqueologia da região de estudo. De fato, não trata-se de uma redundância nas áreas em que pesquisadores já atuaram, mas de uma ampliação de pesquisas em uma região com alto potencial informativo.

## 1 REVISITANDO O CENÁRIO DA ARQUEOLOGIA GUARANI

### 1.1 ORIGEM E DISPERSÃO DO GRUPO GUARANI: MODELOS, HIPÓTESES E QUESTÕES

Para uma compreensão mais abrangente do universo investigado, faz-se necessário a leitura de aspectos elementares que permeiam os estudos sobre a tradição Tupiguarani. Pauta-se, inicialmente, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas ao longo de 50 anos na Arqueologia Brasileira abordando o tema da origem e dispersão dos grupos Tupi. Amplamente percorrida, esta temática propiciou debates no cenário da Arqueologia no Brasil. Desde a consolidação das pesquisas arqueológicas em âmbito nacional com o PRONAPA<sup>3</sup>, até seu crescente desenvolvimento nas últimas décadas, um discurso de grande intensidade foi conduzido na questão da origem dos grupos da tradição Tupiguarani<sup>4</sup>. Mesmo que, muitas vezes considerado defasado nos dias de hoje, o tema não se esgotou e a revisão de alguns elementos se faz necessária para se inserir na temática deste trabalho.

Inicialmente verificada como um conjunto aparentemente homogêneo e disperso em uma grande extensão do território brasileiro, onde sua enorme área de abrangência verificada na América do Sul nos remete a um grupo com traços característicos no registro material, definida como

---

<sup>3</sup> O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas foi instituído em 1965 no Brasil sob a coordenação dos pesquisadores norte americanos Clifford Evans e Betty Meggers com o objetivo de instruir e formar arqueólogos que atuassem em território nacional a fim de definir as principais culturas arqueológicas e a sua dispersão no espaço-tempo. Atuou com maior intensidade nas regiões sul e sudeste onde possibilitaram a criação de núcleos de pesquisa junto às universidades, como o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da UFPR.

<sup>4</sup> A grafia do termo "Tupiguarani", sem hífen, foi utilizada pelo PRONAPA para caracterizar o conjunto material e distingui-lo da família linguística (que apresenta o hífen). Usou-se o termo para designar uma tradição arqueológica em um sentido amplo e não uma cultura propriamente dita como uma opção dado os limites que o contexto arqueológico apresenta.

uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida e pelo uso de tembetás (CHMYZ [Ed.], 1976, p. 146).

Estes aspectos característicos à sua classificação foram difundidos durante a década de 1960 no Brasil com a implantação do PRONAPA. É, de fato, uma das primeiras sistematizações do registro arqueológico associado a estes grupos feita por arqueólogos. Antes abordados por eruditos de outra área, na maioria das vezes de maneira assistemática, através de achados fortuitos e sem embasamento científico, a tradição Tupiguarani, mesmo com a sua grande representatividade no território brasileiro, recebeu a devida atenção apenas com a implantação do PRONAPA e ganhou caráter de objeto de pesquisa pela arqueologia.

A proposta inicial do PRONAPA preocupava-se com a caracterização das culturas arqueológicas situadas no tempo e espaço para o território brasileiro. Um dos desafios dos pesquisadores era de caracterizar as culturas arqueológicas em um vasto campo de pesquisa e com poucos colaboradores. As limitações impostas na metodologia de campo e o aporte teórico utilizado para a explicação dos achados arqueológicos fizeram com que o Programa sofresse inúmeras críticas pelas gerações posteriores<sup>5</sup>. A arqueologia da tradição Tupiguarani veio à luz neste contexto, principalmente por se atribuir ao conjunto material como ou um só grupo homogêneo e com ampla dispersão no território nacional. Fazia-se necessário sistematizá-lo e compilá-lo dentro dos objetivos do Programa.

Atualmente a discussão sobre o tema já percorreu diversos caminhos, assim como os estudos iniciados no século XIX e na primeira metade do século XX, os dados arqueológicos passaram a somar cada vez mais informações relevantes a este debate. É necessário, porém, considerar alguns equívocos e

---

<sup>5</sup> Uma discussão sobre o PRONAPA e as pesquisas arqueológicas nas décadas de 1960, 1970 e 1980, metodologias, problemáticas e críticas são discorridas em DIAS (1994, 2003); NOELLI (1993); e SOARES (1997). Os objetivos deste trabalho e desta síntese não incluem entrar neste mérito.

alguns debates sobre o tema para melhor concepção, o que leva a revisitar algumas abordagens e alguns caminhos escolhidos durante estes cinquenta anos de debates arqueológicos e mais de um século e meio sobre as pesquisas da origem dos grupos Tupi<sup>6</sup>.

O tema é abordado desde 1838<sup>7</sup> e já passou por lingüistas, antropólogos, historiadores, eruditos itinerantes e, principalmente, arqueólogos. Não é de interesse ater-se em todas as discussões desde os meados do século XIX. O foco aqui incide na compreensão da referida discussão dentro do cenário arqueológico, de modo que elucide no entendimento de como este assunto foi abordado pelos arqueólogos (e áreas afins que deram sua contribuição) até o atual estado da questão.

Contudo, antes de entrar na argumentação é necessário levantar alguns pontos que discorrem para o entendimento do tema.

O termo Tupi é a denominação do tronco lingüístico que abrange cerca de 41 línguas verificadas em grande parte da América do Sul, alcançando Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai (NOELLI, 1998). Deste, destaca-se a família Tupi-guarani, principalmente pela sua área de expansão quanto pelo fato de, no período de invasão, ser a língua dos grupos que fizeram o primeiro contato com os europeus no território brasileiro. Tradicionalmente, os Guarani<sup>8</sup> ocupam grande parte da porção interiorana do território sul americano chegando até o litoral meridional, tendo se instalado próximo aos leitos dos grandes curso de água; quanto os Tupi, expressivamente referidos pelos cronistas como as tribos Tupinambá estariam dispersos na faixa litorânea do Brasil, com algumas incursões ao interior provavelmente pelos grandes rios que deságuam no mar (NOELLI, 1996; 1998; 2004).

---

<sup>6</sup> O termo Tupi normalmente é usado para se referir aos grupos indígenas do tronco lingüístico homônimo, dos quais associa-se a cerâmica arqueológica de diversos conjuntos amazônicos.

<sup>7</sup> Conforme síntese elaborada por Corrêa e Samia (2008).

<sup>8</sup> Segue-se a orientação da Associação Brasileira de Antropologia que estabeleceu, em 1953, através da Convenção para a grafia dos nomes tribais, que denominações de etnias não devem flexionar no plural (BANDEIRA, 2004).

As pesquisas arqueológicas realizadas na década de 1960 e 1970 nortearam sua abordagem para caracterizar a grande área de dispersão desse grupo com base no conjunto artefactual. O grupo Tupi-guarani, como um todo só, verificado na similaridade da sua cultura material, apresentou registros por quase todo o território brasileiro. Significativamente, a decisão de atribuir ao conjunto material um aspecto isolado dos grupos humanos, não buscou uma continuidade entre os registros materiais e os povos que viviam no período do contato (NOELLI, 2008), mas seguiu o pressuposto de “tratar cultura de uma maneira artificialmente separada dos seres humanos” (MEGGERS, 1955, p. 129 *apud* NOELLI, 2008, p. 23). A crítica atribuída por Noelli às pesquisas do PRONAPA se deve ao fato de o Programa não considerar para a diferenciação entre os conjuntos materiais (no caso o Tupi e o Guarani) e homogeneizar o material como uma única cultura, ignorando a extensa bibliografia etnohistórica. É fato que os colaboradores do PRONAPA não atribuíram a prerrogativa abertamente, porém tinha-se ciência de tal ligação entre o material arqueológico e os grupos históricos. Os dados provenientes da época do Programa, muitas vezes, não eram suficientes para ligar o material arqueológico aos grupos falantes, mas já era considerado a hipótese durante as pesquisas do programa, porém não concretizado<sup>9</sup>. Chmyz, a exemplo, já publicava trabalhos desde a década de 1960 fazendo a correlação entre os dados etnohistóricos e o material arqueológico. Todavia, o que perpetuou entre os pesquisadores foi uma apropriação do termo sem aprofundar a significância do mesmo enquanto demarcador de identidade, propiciando um efeito aditivo de compilar uma diversidade cultural em um aspecto generalista. Assim, a tradição Tupiguarani foi designada a um conjunto único ignorando (não totalmente) a considerável quantia de dados etno-linguísticos e etno-históricos que se dispunha sobre estes povos durante o período do contato. Por fim, Brochado (1984, p. 1), em sua tese, ganha destaque ao retrabalhar estes conceitos aparentemente esquecidos, lançando a premissa de que, “*if no*

---

<sup>9</sup> Comunicação pessoal Igor Chmyz (2012).

*relations are established between ceramic traditions and styles and the people who made them, something very important has been utterly lost*<sup>10</sup>.

A pesquisa de Brochado retomou um importante aspecto para as pesquisas da tradição Tupiguarani que foi a diferenciação entre os dois grupos que nomeavam a tradição: o Tupi e o Guarani. A proposta deste modelo considerou não somente um ponto de argumentação, mas apreciou dados de distribuição geográfica e histórica dos grupos lingüísticos, relação genética entre os falantes da língua e a distribuição da cerâmica arqueológica e respectivas datações no território de abrangência dessa tradição, mantendo o foco de estabelecer continuidade entre contexto arqueológico e contexto cultural (NOELLI, 2008).

Esse posicionamento “anti-tradicional” levou as gerações seguintes a repensar os modelos e os rótulos e partir para estudos especialmente voltados para um dos dois grupos. A arqueologia passou a ligar os elementos humanos aos elementos materiais rompendo com a idéia de uma cultura separada dos grupos humanos (NOELLI, 2008).

Mesmo sem a necessidade de debate sobre nomenclatura ou diversidade dos grupos humanos, as pesquisas da então nomeada tradição Tupiguarani tiveram impulsos significativos conforme aumentavam os trabalhos de campo no Brasil pós-PRONAPA. A partir da década de 1970 os dados arqueológicos passaram a ocupar uma posição de fonte de estudo deveras considerável no debate da origem dos grupos Tupi. Foi a partir dessa década que as teorias fazendo uso mais significativa da cultura material começaram a “dominar” o debate (ver quadro 01). Destaca-se especial atenção às publicações de Lathrap e Meggers, opostos em seus argumentos e condutores do debate no período.

Lathrap propôs em 1970 no livro *The Upper Amazon*<sup>11</sup> um modelo no qual expõe a correlação entre a Tradição Policroma Amazônica e os grupos de

---

<sup>10</sup> “(...) se relações não forem estabelecidas entre tradições cerâmicas e estilos e os povos que os fizeram, algo muito importante terá sido completamente perdido.”

<sup>11</sup> O Alto Amazonas.

língua Tupi. Ele atribuiu a difusão dos grupos Tupi originários da Amazônia a um “modelo cardíaco” em que a migração populacional se deu a partir da porção central da área da floresta amazônica, cuja área apontou como local de desenvolvimento da agricultura e sedentarismo, em virtude das pressões populacionais com a colonização do rio Amazonas e seus afluentes (CORRÊA e SAMIA, 2008, p. 409; HECKENBERGER *et al*, 1998). Diferentemente da teoria degeneracionista de Meggers, Lathrap apontou a Amazônia Central como o local de origem das sociedades complexas do leste da América do Sul e de onde estas se difundiram culturalmente (NOELLI, 2008).

O elemento motriz na pesquisa de Lathrap e o ponto fundamental de sua teoria

é a hipótese de que o aumento contínuo da pressão demográfica no centro da Amazônia resultou num permanente e centrífugo êxodo populacional em várias direções, atingindo áreas distantes e dispersando artefatos e práticas agrícolas criados no interior da Amazônia (NOELLI, 2008, p. 26).

De fato o modelo encontrou grande resistência na teoria proposta por Meggers, então coordenadora do PRONAPA. Pautado nos moldes tradicionais do determinismo ecológico de Julian Steward, o modelo de Meggers propunha uma “origem extra-continental e andina da cultura e da complexidade social” (MEGGERS, 2000 *apud* NOELLI, 2008). O ingresso destes grupos na floresta tropical simplificou gradativamente as características andinas, dessa forma dando continuidade ao argumento degeneracionista de Martius do século XIX (NOELLI, 1996; 1998; 2008).

Este modelo foi adotado pelo PRONAPA na década de 1970 e guiou grande parte das pesquisas do período e nos anos seguintes. Acompanhando os pressupostos do determinismo ecológico, Meggers sugere que houve um período de seca prolongada tornando as condições de subsistência difíceis para uma população em crescimento e dependente da agricultura, o que levou

a ondas de migração em busca de novas terras com condições para o cultivo (SCHMITZ, 2006).

Posteriormente Meggers muda parcialmente seu modelo, adequando o centro de origem dos Andes para leste do rio Madeira na Amazônia, considerando que o local possuía a maior concentração de famílias lingüísticas do tronco Tupi (CORRÊA e SAMIA, 2008). Seguindo sua proposição, Schmitz também aponta para a Amazônia Ocidental o centro de origem Tupi, embora deixe ligeiramente vago o motivo que gerou a migração (SCHMITZ, 2006, p. 36). Esse posicionamento, tanto de Meggers quanto de Schmitz, se deu principalmente após considerar os dados etno-linguísticos propostos por Miggliaza (1982).

QUADRO 01 – PRINCIPAIS PESQUISADORES SOBRE A ORIGEM DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI

<b>Autor</b>	<b>Data</b>	<b>Centro de Origem</b>
Alfred Metráux	1927	Paraguai
Donald Lathrap	1970	Amazônia Central, entre os rios Amazonas e Madeira
Betty Meggers	1972	Base dos Andes no atual território da Bolívia
Betty Meggers e Clifford Evans	1973	A leste do rio Madeira
José Proenza Brochado	1973	Limitado ao norte pelo rio Amazonas, ao sul pelo Paraguai, a leste pelo rio Tocantins e a oeste pelo rio Madeira
José Proenza Brochado	1984	Amazônia Central
Pedro Inácio Schmitz	1985	A leste do rio Madeira
Ondemar Dias	1993	Sudeste brasileiro, entre os rios Paranapanema e Guaratiba
Francisco Silva Noelli	1996	Amazônia Central
Greg Urban	1996	A leste do rio Madeira
Heckenberger, Neves e Petersen	1998	Local indeterminado fora da Amazônia Central
A. D. Rodrigues	2000	A leste do rio Madeira

FONTE: Adaptado de CORRÊA e SAMIA (2008, p. 409).

Dando sequência ao debate, Brochado que, até então participava do PRONAPA, rompe com o programa e atraído pelas pesquisas de Lathrap passa a revisar e reformular o modelo de dispersão da cerâmica Tupiguarani. Não somente no que tange aos grupos Tupi e Guarani, Brochado propicia um grande impacto quando publica sua tese. Apresentando dados linguísticos, históricos, etnográficos e arqueológicos, ele abandona sua hipótese de 1973 e passa a dar continuidade às pesquisas de Lathrap. Brochado cria, pela primeira vez, um modelo consistente para a dispersão da cerâmica no leste da América do Sul.

Um dos principais aspectos tratado na tese *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*<sup>12</sup>, além da proposição da origem e das rotas migratórias da tradição Tupiguarani, reside no fato de, com a junção não somente de dados arqueológicos, Brochado chega a conclusão e propõe a divisão da tradição Tupiguarani em dois grupos: Tupinambá e Guarani.

Pela hipótese de Brochado (1984; 1989), os proto-Tupi resultaram quando os produtores da cerâmica da tradição Guarita (da tradição policroma Amazônica) dividiram-se, em algum lugar da Amazônia central. Embasado em suposições históricas e lingüísticas, ele considerou a diferenciação de linguagens e da cerâmica ter resultado da divisão espacial-temporal dos proto-Tupi, causada pelo contínuo crescimento demográfico no centro da Amazônia. Esta divisão ligou os Guaranis a cerâmica da Amazônia ocidental, e os Tupinambá para aquela da Amazônia oriental. A expansão é vista como tendo dois períodos, um primeiro ao longo dos principais rios, e um segundo colonizando os tributários menores (NOELLI, 1998, p. 653).

A cisão resultante nas duas levadas migratórias pôs o caminho dos Guaranis no sentido norte-sul, indo da Amazônia até o rio da Prata, através dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Seguindo uma direção oriental, os Tupinambás deixaram a foz do rio Amazonas seguindo a costa do Brasil até o estado de São Paulo, casualmente adentrando o território pelos rios com foz no oceano Atlântico (NOELLI, 1998).

---

<sup>12</sup> “Um modelo ecológico de dispersão da cerâmica e agricultura no leste da América do Sul”.

Noelli deu continuidade ao trabalho de Brochado na década de 1990 e retomou os debates sobre o centro de origem da tradição Tupiguarani. Ele partiu dos pressupostos de Lathrap e Brochado e sugeriu o centro de dispersão dos Tupis deve estar localizado na Amazônia meridional,

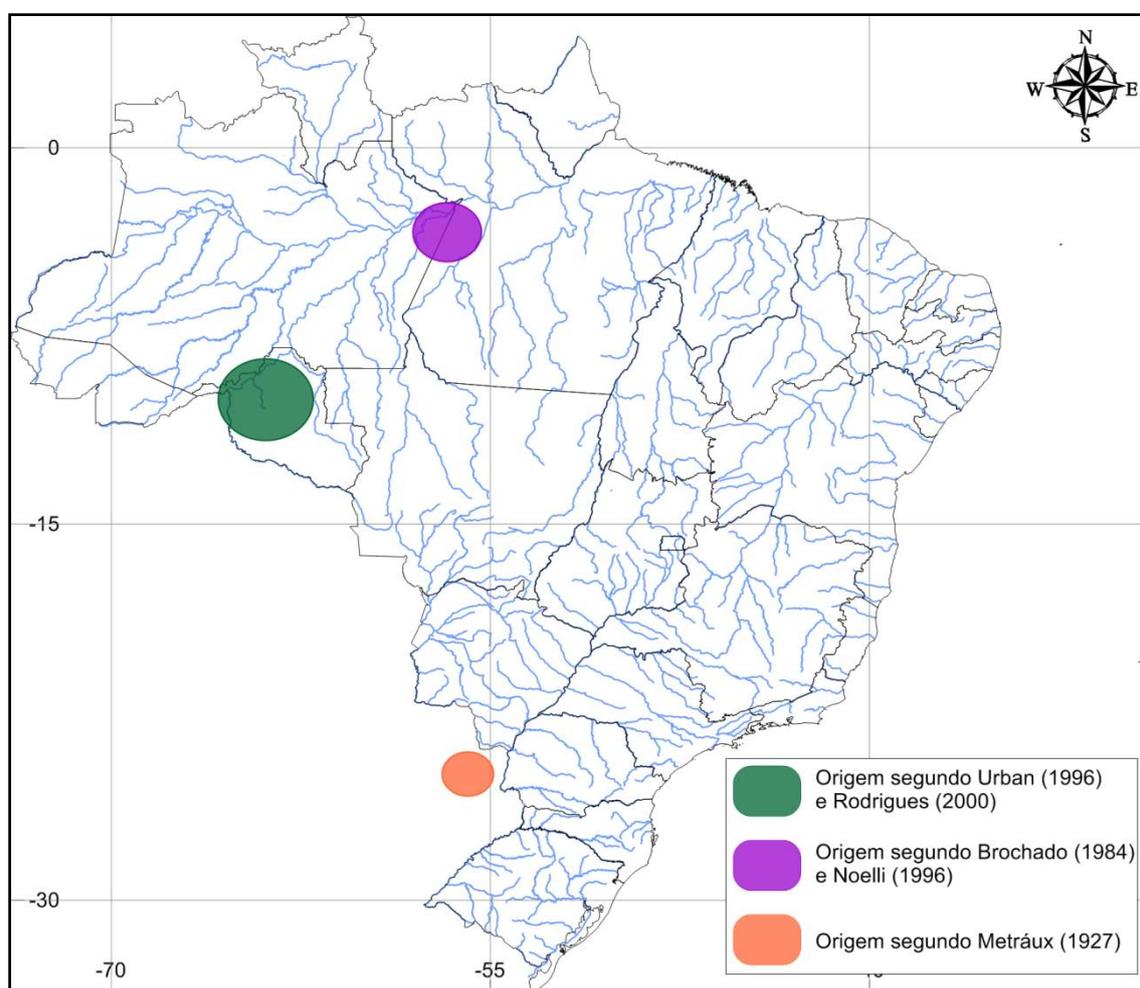
Limitado ao norte pela margem direita do médio e baixo Amazonas; a leste pelo Tocantins; a oeste pelas bacias do Madeira e baixo-médio Guaporé; ao sul, por uma linha que vai do médio Guaporé (paralelo 12° 30') até o Tocantins, próximo a foz do Araguaia (NOELLI, 1996, p. 30).

A discussão levada por Noelli também retomou outro ponto importante nas pesquisas: seguindo Lathrap e Brochado, Noelli desconsiderou a perspectiva migratória e adotou um modelo de expansão. Segundo ele, este avanço não representaria o abandono da área que seria mantida sob domínio por longo período, expandindo-se para outros territórios sem abandonar os antigos (NOELLI, 1998). O *tekohá* Guarani “seria o território correspondente a uma aldeia, com sua área de caça, pesca, cultivo, coleta de fontes de matérias-primas, delimitado por recursos geográficos e explorado predominantemente pelo grupo ali instalado” (NOELLI, 1996, p. 35).

Pesquisas realizadas por Prous (2005) e Jacome e Prous (2009) também apontam para o fato de que há dois conjuntos cerâmicos: um setentrional denominado proto-Tupi, que ocupa desde o Ceará até São Paulo; e outro meridional denominado proto-Guarani, ocupando parte do estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, norte do Uruguai e Argentina (NEVES *et al*, 2011).

Essa separação proposta por Brochado na primeira metade da década de 1980 é, de fato, algo consolidado nas pesquisas arqueológicas da tradição Tupiguarani mesmo quando, em alguns casos, usa-se o termo tradicional ao invés da denominação dos grupos linguísticos.

Embora haja certa desconfiança sobre a fonte arqueológica na origem Tupi (principalmente no que tange a escassez de pesquisas arqueológicas em diversas áreas), os dados apresentados pelos lingüistas apontam para ênfases mais seguras (HECKENBERGER *et al*, 1998). Estes pesquisadores consentem quanto à origem das línguas proto-Tupi no sul da Amazônia, mais precisamente em uma área situada entre o rio Tapajós e o rio Madeira (MIGLIAZZA, 1982; RODRIGUES, 1964; URBAN, 1992, 1996 *apud* HECKENBERGER *et al*, 1998), conforme figura 01.



**Figura 01** - Principais pontos de origem dos grupos Tupi. Fonte: MELLO e KNEIP (2005).

Somado aos dados lingüísticos e arqueológicos dispõe-se, recentemente, dos dados da morfologia craniana como fator a somar nas discussões acerca da origem e dispersão dos grupos Tupi.

Se a expansão da cerâmica Tupiguarani pelo território brasileiro se deu por meio da expansão física de seus fabricantes a partir de uma região específica, e não apenas por difusão cultural, a investigação das afinidades biológicas de esqueletos encontrados em sítios da Tradição pode contribuir significativamente para o debate sobre o local de origem (NEVES *et al*, 2011, p. 99).

Os resultados desta abordagem apontaram para três conjuntos fortemente coesos: o primeiro deles composto por séries amazônicas, os Tupis do interior de São Paulo e Guarani distribuídos no centro-sul do Brasil; o segundo conjunto composto pelos Botocudos do Brasil central, os Kamakã, Kaingang, Botocudos meridionais, portadores da tradição Umbu e Paleoamericanos; e outro conjunto por séries do litoral sul-sudeste (NEVES *et al*, 2011, p. 113-114).

Conforme os autores, considerando os resultados obtidos pela morfologia craniana, os dados corroboram com a idéia de origem da tradição Tupiguarani na Amazônia e sua expansão para o resto do território brasileiro (NEVES *et al*, 2011). Inclusive, há forte associação entre os crânios associados à cerâmica Tupiguarani com os crânios associados à cerâmica policroma do baixo Amazonas (NEVES *op. cit.*).

Dando continuidade aos debates, os dados cronológicos obtidos são outro elemento a acrescentarem mais argumentos na discussão. Do ponto de vista da arqueologia, a cronologia é dado essencial para a análise temporal e estabelecer relações de contemporaneidade.

Desde a década de 1970, tem-se uma gama de datações disponíveis para a tradição Tupiguarani que proporcionam uma cronologia definida de rápida expansão e de ocupação do território (quadro 02 e figura 02).

QUADRO 02 – SÍNTESE DAS DATAÇÕES PARA A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO SUL-SUDESTE DO BRASIL SEGUNDO NOELLI (1999/2000)<sup>13</sup>

<b>Sítio</b>	<b>Local</b>	<b>Datação AP</b>	<b>Referência</b>
SP/BA/7	Itaporanga - SP	1870 ± 100	Brochado, 1973
Ragil	Iepê - SP	TL ± 1668	Faccio 1998
Jango Luís	Angatuba - SP	TL ± 1260	Pallestrini, 1968-1969
SP/BA/7	Itaporanga - SP	1195 ± 80	Brochado, 1973
SP/AS/14	Iepê - SP	1130 ± 150	Chmyz, 1968
Ragil2	Iepê - SP	TL ± 1093	Faccio, 1998
Fonseca	Itapeva - SP	TL ± 1076	Pallestrini, 1968-1969
Camargo 2	Piraju - SP	TL 1070 ± 100	Morais, 1988
Alves	Piraju - SP	± 1020	Pallestrini, 1968-1969
SP/AS/14	Iepê - SP	980 ± 100	Smithsonian
Nunes	Piraju - SP	879 ± 80	Pallestrini, 1988
SP/BA/7	Itaporanga - SP	850 ± 150	Brochado, 1973
PR/JA/2	Cambará - PR	760 ± 50	Chmyz, 1967
Neves	Iepê - SP	TL ± 755	Faccio, 1998
PR/NL/7	Diamante do Norte - PR	530 ± 55	Chmyz e Chmyz, 1986
Almeida	Tejupá - SP	TL ± 520	Pallestrini, 1975
Almeida	Tejupá - SP	TL ± 470	Pallestrini, 1975
PR/FI/140	Foz do Iguaçu - PR	2010 ± 75	Chmyz, 1983
PR/FI/118	Foz do Iguaçu - PR	1625 ± 60	Chmyz, 1983
PR/FI/99	Foz do Iguaçu - PR	1565 ± 70	Chmyz, 1983
PR/FI/142	Foz do Iguaçu - PR	1395 ± 60	Chmyz, 1983
PR/FI/97	Foz do Iguaçu - PR	1235 ± 60	Chmyz, 1983
PR/FO/4	Guaíra - PR	760 ± 40	Chmyz, 1983
PR/FI/140	Foz do Iguaçu - PR	745 ± 75	Chmyz, 1983
PR/FI/112	Foz do Iguaçu - PR	700 ± 55	Chmyz, 1983
PR/FI/100	Foz do Iguaçu - PR	625 ± 55	Chmyz, 1983
PR/FI/103	Foz do Iguaçu - PR	600 ± 60	Chmyz, 1983
PR/FI/127	Foz do Iguaçu - PR	590 ± 55	Chmyz, 1983
PR/FO/3	Guairá - PR	490 ± 60	Chmyz, 1983
MT/IV/1	Bataiporã - MS	475 ± 45	Chmyz, 1974
PR/FI/104	Foz do Iguaçu - PR	415 ± 75	Chmyz, 1983
PR/FI/142	Foz do Iguaçu - PR	395 ± 60	Chmyz, 1983
PR/FI/118	Foz do Iguaçu - PR	340 ± 60	Chmyz, 1983
PR/FI/97	Foz do Iguaçu - PR	255 ± 80	Chmyz, 1983

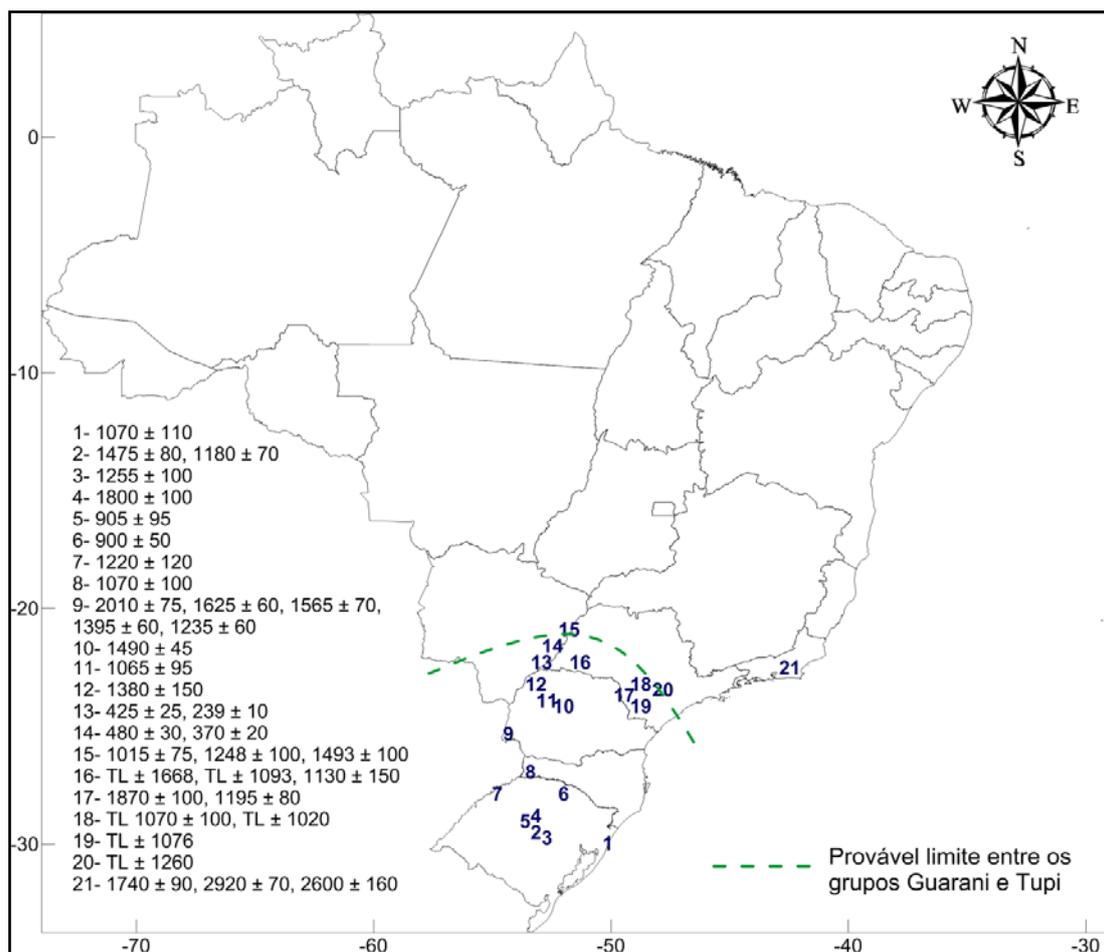
<sup>13</sup>Os dados apresentados abrangem o estado do Paraná, a divisa com o estado de São Paulo e Mato Grosso do Sul, considerando a cronologia mais próxima da área de estudo, o rio Tibagi.

---

MT/IV/1	Bataiporã - MS	260 ± 70	Chmyz, 1974
PR/FI/22	Foz do Iguaçu - PR	230 ± 80	Chmyz, 1983
PR/FI/118	Foz do Iguaçu - PR	205 ± 80	Chmyz, 1983
PR/FI/98	Foz do Iguaçu - PR	190 ± 70	Chmyz, 1983
MT/IV/1	Bataiporã - MS	180 ± 60	Chmyz, 1974
MT/IV/2	Bataiporã - MS	110 ± 60	Chmyz, 1974
PR/FI/104	Foz do Iguaçu - PR	85 ± 75	Chmyz, 1983
PR/FO/6	Guaíra - PR	85 ± 60	Chmyz, 1983
PR/UV/16	União da Vitória - PR	500 ± 45	Chmyz, 1977
PR/CT/54	Campo Largo - PR	528 ± 70	Chmyz, 1995
PR/FL/21	Doutor Camargo - PR	1490 ± 45	Brochado, 1973
José Vieira	Cidade Gaúcha - PR	1380 ± 150	Laming-Emperaire, 1962
PR/ST/1	Indianópolis - MT	1065 ± 95	Brochado, 1973
PR/ST/1	Indianópolis - MT	610 ± 120	Brochado, 1973
PR/FL/15	Doutor Camargo - PR	590 ± 70	Brochado, 1973
PR/FL/23	Doutor Camargo - PR	560 ± 60	Brochado, 1973
PR/QN/2	Mirador - PR	540 ± 60	Brochado, 1973
PR/FL/5	Paraíso do Norte - PR	470 ± 100	Brochado, 1973
PR/FL/5	Paraíso do Norte - PR	300 ± 115	Brochado, 1973
PR/FL/13	Doutor Camargo - PR	135 ± 120	Brochado, 1973
MS/IV/08	Anaurilândia - MS	425 ± 25	Kashimoto, 1997
MS/PR/13	Anaurilândia - MS	239 ± 10	Kashimoto, 1997
MS/PR/26	Bataguaçu - MS	480 ± 30	Kashimoto, 1997
MS/PR/22	Bataguaçu - MS	370 ± 20	Kashimoto, 1997

---

FONTE: NOELLI (1999/2000, p. 250-253).



**Figura 02** - Algumas datações para a tradição Tupiguarani no sul do Brasil. Fonte: NOELLI (1999/2000, p. 250-253); SCHEEL-YBERT (2008).

Distante dos dados arqueológicos, a etno-linguística também propõe meios de criar uma cronologia para os grupos Tupi da Amazônia. Os dados propostos por Rodrigues (1958; 1964) apontam que o tronco Tupi se formou por volta de 5000 anos atrás, e a família Tupi-guarani teria algo em torno de 2500 anos (figura 03). Estas datas também sugerem que os Guaranis habitaram o Paraná e Rio Grande do Sul a cerca de 2000 anos; e os Tupinambás teriam ocupado o Piauí, São Paulo e Rio de Janeiro a cerca de 1800 anos (NOELLI, 1998).



**Figura 03** – Expansão da língua Tupi-Guarani segundo Migliazza (1982). Fonte: Schmitz (2006, p. 56).

Datações radiocarbônicas provêm informações similares a esta hipótese: Santa Maria (RS) possui uma data de  $\pm 150$  d.C. e outra de  $\pm 475$  d.C.; o rio Ivaí, no Paraná apresenta  $\pm 70$  d.C.,  $\pm 100$  d.C. e  $\pm 460$  d.C.; o baixo Tietê em São Paulo apresenta  $\pm 232$  d.C. e  $\pm 578$  d.C.; São Raimundo Nonato (PI) mostra  $\pm 260$  d.C.; litoral do Rio de Janeiro,  $\pm 300$  d.C. e  $\pm 440$  d.C.; no rio Mogi-Guaçu  $\pm 400$  d.C. (NOELLI, 1998).

Estas datações apontam que a expansão Tupi-guarani não foi um fato imediato, tampouco um processo decorrente por volta dos séculos XV ou XVI, antes da chegada dos europeus, quando estes grupos são tidos como dominantes do litoral (Tupi) e de grande área no interior e ao sul do país (Guarani). Ao contrário do que se supôs, os grupos Guaranis e Tupinambás já estariam estabelecidos por volta de 2000 anos atrás em território meridional.

Com base na síntese de Noelli (1999/2000), a cronologia para a tradição Tupiguarani apresenta 32 áreas com datações na região sul do Brasil, sendo a maior parte nos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. As datas mais recuadas no Paraná convergem na região de Foz do Iguaçu, com  $2010 \pm 75$  AP,  $1625 \pm 60$  AP,  $1565 \pm 70$  AP,  $1395 \pm 60$  AP e  $1235 \pm 60$  AP.

É evidente que um dos problemas na elaboração de uma cronologia para a distribuição dos grupos Guarani pode estar associado à disparidade de datações disponíveis em determinadas regiões (CORRÊA e SAMIA, 2008). Levando em consideração a quantidade de datações fica evidente que a proporção da identificação de uma cronologia mais recuada se torna mais clara na porção meridional do Brasil. Considerando apenas estes dados para determinar as rotas de expansão dos Guaranis, de acordo com Corrêa e Samia (2008, p. 412), “inviabilizaria também o modelo de Brochado (1984)”.

Ademais das datações já obtidas, ainda há exceções ao modelo vigente (se considerado a frequência e cronologia estabelecida) em que algumas datas apresentam “problemas” para esta cronologia. Datações obtidas no sítio Morro Grande no estado do Rio de Janeiro apresentam datas de  $1740 \pm 90$  anos A.P.,  $2920 \pm 70$  anos A.P. e  $2600 \pm 160$  anos A.P. e fazem recuar ainda mais o período de ocupação Tupi no litoral do Rio de Janeiro (SCHEEL-YBERT *et al*, 2008).

Considerando os dados apresentados, pode-se verificar que há três fatores no debate sobre a origem da tradição Tupiguarani a serem considerados consenso entre os pesquisadores: o centro de origem estar na Amazônia é, conforme Heckenberger *et al.* (1998), um fato e não apenas uma hipótese; a continuidade pré-histórica e histórica destes grupos é, mesmo que muitas vezes controversa ou problemática, também um fator extremamente forte a ser considerado; e, talvez, o fato da cultura material apresentar uma rigidez tamanha que se verifica em grandes extensões territoriais reflita um

sistema sócio econômico rigorosamente similar e constante, com poucas variações no seus estilos formais<sup>14</sup> (NOELLI, 2004).

Porém, os modelos atuais ainda têm muitas lacunas e necessitam de mais dados para ser, de fato, testados. Heckenberger *et al.* (1998) apontam alguns elementos que não corroboram com os modelos de Lathrap, Brochado e Noelli: algumas áreas com cerâmicas policromas atribuídas aos grupos Tupis parecem não ter sido ocupadas pelos mesmos; não há ligações históricas ou etnográficas entre a Tradição Policroma Amazônica e os falantes da língua Tupi-guarani; e, finalmente, os modelos desconsideram a troca e comércio de bens utilitários e de prestígio entre os diferentes grupos amazônicos.

Mesmo com toda a discussão, o modelo de Brochado parece ter se sustentado por um grande período, e as pesquisas arqueológicas atuais ainda estão além do resultado desejado. Ainda que utilizando-se da lingüística, história, etnografia e da morfologia craniana para compor um quadro de dados considerável, nota-se que um dos principais fatores de incongruência é a escassez de pesquisas sistemáticas em determinadas regiões. A adição gradual de novos dados vem trazendo questionamentos e novas elucidções. Supõe-se que o estado atual da pesquisa pode sanar algumas questões, mas está longe de ser dado como um tema esgotado.

## 1.2 BREVE REVISÃO DAS PESQUISAS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

A produção de pesquisas sobre a tradição Tupiguarani foi proporcional a sua abrangência física. Dispersos numa área grande, diversos pesquisadores tiveram contato com os vestígios materiais destes grupos e puderam contribuir

---

<sup>14</sup> Este é um aspecto que não é, de fato, um consenso geral compartilhado entre os pesquisadores. Porém, os dados obtidos nas pesquisas arqueológicas até o momento e a necessidade de pesquisas que possam suprir essa abordagem ainda são de conhecimento.

para o conhecimento científico. Pautados em diversas áreas do conhecimento e sob diversos aspectos teóricos e metodológicos, cada qual pode contribuir para o que hoje se tem conhecido sobre este extenso grupo.

Para tal finalidade, é necessário ter conhecimento do que se denomina “estado da arte” das pesquisas sobre os grupos Tupi e Guarani. Tema recorrente, exponencialmente discutido, amplamente pesquisado e, muitas vezes apontado como esgotado ou com pouco a acrescentar, as pesquisas arqueológicas sobre a tradição Tupiguarani desempenham, até hoje, um aspecto importante no cenário da arqueologia brasileira.

Considerado um dos grupos melhores documentados historicamente, a produção bibliográfica que envolve os Tupi e os Guarani é amplamente conhecida. Presenciado no século XVI, a chegada dos europeus à terra brasileira foi recepcionada pelos grupos Tupi que residiam no litoral naquele período. O contato inicial gerou farta documentação sobre estes grupos ao longo da costa do Brasil conforme iam-se ocupando as regiões com mais e mais chegada de navios e explorando o litoral brasileiro. O impacto do contato entre o branco e o indígena foi tamanho que alterou profundamente os aspectos políticos, sociais e econômicos dos grupos pré período colonial. A produção de documentos, cartas, relatos e outras escritas aumentaram gradativamente conforme se adentrava o território e contactava-se os diversos grupos que o ocupavam. O interior, que perseverou ao impacto inicial, vai gradativamente sendo afetado pelas incursões do europeu civilizador, sofrendo com o ímpeto colonizador (MONTROYA, 1985 [1639]; SOUSA, 1879; e CORTESÃO, 1951).

Doravante, com a chegada dos padres jesuítas foi iniciada uma nova etapa para os grupos indígenas e um adensamento da produção de registros sobre os grupos Guarani interioranos. Apontados pelos jesuítas como dóceis, de boa índole e suscetíveis à fé cristã, este grupo foi abarcado com a missão catequizadora imposta aos nativos do novo mundo. Os relatos contidos em Cortesão (1951) sobre as expedições dos bandeirantes paulistas em busca de índios para o trabalho escravo nos engenhos e, principalmente, o trabalho do

Padre Montoya (1639) sobre a catequização dos Guaranis do Guairá figuram entre os primeiros registros (e talvez um dos mais consideráveis em termos informativos) dos grupos indígenas daquele período<sup>15</sup>. Montoya elaborou, além do seu relato como viajante pelas missões jesuítico-guaranis, um extenso dicionário da língua nativa para o castelhano, sendo obra de referência até os dias de hoje.

Mesmo não compondo pesquisas arqueológicas, estas obras são, sem dúvida, fontes de referência sem igual nas pesquisas arqueológicas, muito mais importantes quando se trata de sítios datados próximo ao período em que os mesmos foram escritos.

Dada a quantidade abrangente de dados produzidos sobre os grupos Tupi e Guarani (e neste caso, em especial aos Guaranis), estes, representados arqueologicamente pela tradição Tupiguarani, apontados nos documentos históricos, são um dos poucos contingentes em que se verifica uma continuidade entre o registro arqueológico e as fontes escritas, propiciando aportes investigativos mais abrangentes para a pesquisa.

A partir dos dados gerados nas pesquisas financiadas pelo PRONAPA, começaram a ser norteadas as bases da então denominada tradição Tupiguarani, caracterizada a partir deste período. Os sítios arqueológicos identificados eram estudados a partir de uma abordagem Histórico-culturalista, representando, num primeiro momento, uma maior preocupação com a averiguação da dispersão das tradições arqueológicas no tempo e no espaço, muitas vezes condicionando o método de pesquisa a abordagens superficiais e de poucas intervenções, visto que a cerâmica, de um modo geral, passou a ser um elemento guia na caracterização da tradição Tupiguarani (DIAS, 1994; SOARES, 1997).

A partir deste período, as pesquisas da tradição Tupiguarani no Paraná são assumidas pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da UFPR. Este núcleo de pesquisa passa a exercer importante papel não somente

---

<sup>15</sup> Tratando-se de registros do interior do território brasileiro estas são as fontes mais relevantes ao período.

para os estudos da tradição Tupiguarani, mas para a arqueologia em geral, promovendo convênios em empreendimentos de grande porte, como o caso de usinas hidrelétricas, propiciando identificação e resgate de diversos sítios arqueológicos. Grande parte do acervo da tradição Tupiguarani no estado do Paraná provém das pesquisas do CEPA.

Embora durante mais de duas décadas as pesquisas arqueológicas pouco cresceram aos dados produzidos pelo PRONAPA, exceto no que tange à abrangência das áreas pesquisadas, uma das principais preocupações das pesquisas pós PRONAPA recaiu sobre padrões de assentamento. Schmitz (2006) demonstra este aspecto nas suas pesquisas sobre a tradição Tupiguarani do Rio Grande do Sul na década de 1980. A idéia de compreender as relações de território e de sequências de ocupações ao longo de uma determinada região conduziram os pesquisadores, através de seriação do material cerâmico, a propor modelos ocupacionais muitas vezes pouco pautados em datações consistentes. Muitas vezes a ausência de pesquisas sistemáticas também era elemento prejudicial para esses trabalhos.

Foi durante esse período, também, que a sistematização e utilização dos conceitos de Tradição e Fase marcaram importante aspecto da pesquisa arqueológica. A continuação das propostas do PRONAPA guiou a geração de arqueólogos daquelas décadas, propiciando, através das pesquisas arqueológicas, uma grande quantidade de Fases (quadro 03). Este conceito amplamente difundido pelos pesquisadores da época consistia em “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (PRONAPA, 1976 *apud* SOUZA, 1997, p. 55).

QUADRO 03 – FASES DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO BRASIL

<b>Estado</b>	<b>Fase</b>	<b>Quantidade</b>
Rio Grande do Sul	Botucaraí, Camaquã, Comandá, Guaratã, Icamaquã, Ijuí, Induá, Ipirá, Irapuã, Itá, Maratá, Maquiné, Missões, Paranhana, Toropi, Trombudo, Vacacaí, Carazinho.	18
Santa Catarina	Ipirá, Itá, Itapocu, Mondaí, Poço Grande.	5

Paraná	Caloré, Cambará, Condor, Guajuvira, Guaraci, Ibirajé, Imbituva, Itacorá, Ivinheima, Loreto, Pirapó, Sarandi, Tamboará, Tibagi, Umuarama.	15
Mato Grosso do Sul	Ivinheima	1
São Paulo	Cambará	1
Rio de Janeiro	Ipuca, Itabapoana, Itacoara, Governador, Guaratiba, Praia Grande, Sernambitiba, Jequié.	8
Minas Gerais	Cochá	1
Espírito Santo	Cricaré, Tucum.	2
Bahia	Coribe, Itapicuru, Curaçá.	3
Goiás	Iporã	1
Pernambuco	Cacimba	1
Rio Grande do Norte	Curimataú	1
Pará	Arara	1
Mato Grosso	Mampara	1
<b>Total:</b>		<b>59 Fases</b>

FONTE: SOUZA (1997).

As Fases arqueológicas, amplamente difundidas até meados da década de 1990, constituíram o principal aporte investigativo para a compreensão da tradição Tupiguarani. É somente com as críticas ao modelo iniciado pelo PRONAPA que as pesquisas arqueológicas, de fato, passam a se dirigir para outro rumo. Após o trabalho de Brochado (1984), que pode ser considerado como um divisor de água para a arqueologia Tupiguarani, os questionamentos e apontamentos no cenário arqueológico brasileiro começam gradativamente a pender para outra direção. A inserção de uma nova geração de profissionais e a produção de trabalhos acadêmicos pautados em novos pressupostos condicionou as pesquisas da tradição Tupiguarani a um novo patamar. Noelli (1993) elabora uma extensa pesquisa sobre a tradição Tupiguarani, em especial com os grupos Guaranis, em busca de um modelo com base nos dados etnográficos e arqueológicos para a ocupação deste grupo. Posteriormente, Noelli (1996, 1998) conduz um enriquecedor debate sobre a migração dos grupos de origem Tupi (ou como ele mesmo aponta,

expansão) dando sequência ao trabalho de Brochado. Esta discussão (já repassada neste trabalho) foi de longe o maior debate sobre a tradição Tupiguarani e um tema ainda em pauta para as pesquisas Tupi de um modo geral.

Também seguindo a mesma linha, o trabalho de Soares (1997), de maneira similar a Noelli, faz uso de dados etnográficos para discorrer sobre aspectos da organização social dos grupos Guaranis, elaborando um modelo que pudesse ser incorporado às pesquisas arqueológicas. De fato, embora questionado sobre a validade e abrangência desse modelo aos dados arqueológicos, a pesquisa de Soares conduziu os estudos Tupiguarani para outra esfera teórica.

No fim dos anos de 1990, o debate sobre a Arqueologia Tupiguarani movia-se com a incorporação de dados etnográficos e etnohistóricos como fonte complementar de pesquisa. Dessa forma, rompeu-se com os elementos do PRONAPA, deixando os conceitos de Tradição e Fase para trás e buscando argumentos nas pesquisas de âmbito regional como fonte para sustentar os novos pressupostos. Neste período, além do crescente número de pesquisas arqueológicas e o aumento de dados e regiões pesquisadas no Brasil, a crítica ao PRONAPA foi fortemente constituída nos trabalhos acadêmicos, pautando as novas pesquisas a partir da crítica, mas muitas vezes amarrados nos mesmos conceitos difundidos ao longo dos anos na arqueologia brasileira (DIAS, 1994; 2003; NOELLI, 1993).

Salvo alguns trabalhos (NOELLI, 1993; SOARES, 1997), as pesquisas em grande maioria caminhavam seguindo os preceitos Pronapianos, acrescentando dados de novas regiões, mas ainda pautando a argumentação nos mesmos conceitos e nos mesmos métodos. A abordagem etnoarqueológica havia ganhado destaque e a tradição Tupiguarani passou a ser referida, por alguns pesquisadores, a Guaranis e Tupi. Com os dois componentes separados, os estudos regionais e etnoarqueológicos ganharam força para acrescentar aos dados arqueológicos. Os já citados trabalhos de Noelli (1993) e Soares (1997) entram neste contexto; o trabalho de Assis

(1999) com base nos dados dos Mbyá-Guarani; Brochado, Monticelli e Neumann (1990), Brochado e Monticelli (1994), Monticelli (1995) e La Salvia e Borchado (1989) desenvolveram criteriosa e significativa contribuição sobre a cerâmica Guarani, aliando dados etnohistóricos, históricos e arqueológicos. Estes parecem compor um dos estudos mais aprofundados sobre a cerâmica destes grupos propiciando uma referência de destaque nas bibliografias de pesquisas arqueológicas. O trabalho de La Salvia e Brochado (1989) é destaque por conseguir sistematizar extensos dados provenientes dos dicionários e relatos dos padres jesuítas do século XVII e conseguir estabelecer uma relação de função aos vasilhames identificados no registro arqueológico. Sequencialmente, os trabalhos de gênero desenvolvidos por Landa (1995, 1999) apresentaram um quadro de novas propostas para a Arqueologia Guarani demonstrando que o potencial de pesquisas pode ir além dos estereótipos e, com base nos vestígios materiais, atingir uma esfera muito mais específica da sociedade estudada.

A realização de sínteses regionais nos fins dos anos 1990 começou a reorganizar todo o conteúdo produzido desde a época do PRONAPA e compilou uma enorme gama de material que se produziu desde o período, pondo em foco décadas de pesquisas Tupiguarani e projetando perspectivas. As sínteses de Morais (1999/2000), Noelli (1999/2000), e o clássico volume elaborado por Prous (1992), são exemplos de trabalhos que compuseram bibliografia básica nas produções acadêmicas doravante. O fechamento da década parecia apontar para uma gradativa ampliação dos estudos e atingir uma esfera de proporção maior, tendo, aparentemente, rompido com a abordagem Histórico-culutralista para incorporar as abordagens Processualista e Pós-processualista<sup>16</sup> no cenário da arqueologia Tupi e Guarani trazendo consigo, desse modo, novas perspectivas nos estudos destes grupos.

---

<sup>16</sup> Conforme definido por Gamble (2002, p. 37), a arqueologia processual nascida no trabalho de Binford (Archaeology as Anthropology de 1962), "abordava os problemas de adaptação e mudança em tais sistemas (culturais) com base de identificar três âmbitos de comportamento - ambiental, social e ideológico - os quais podiam-se inferir dos objetos e dos contextos nos quais se encontravam estes objetos". A arqueologia pós processual surgiu como uma reação aos preceitos processualistas principalmente nos anos de 1980 que salientou suas idéias na figura do arqueólogo Ian Hodder, que levantou as bases para essa abordagem: a cultura material tem um significado próprio e não é apenas reflexo da forma que se organiza

Noelli (1999/2000), em sua síntese sobre a arqueologia do sul do Brasil destaca que

O grande desafio no futuro será explicar os processos de colonização realizados pelos povos que vieram de fora da Região Sul e, paralelamente, como estes processos ocorreram regionalmente, caso a caso, e se há modificações no interior da tradição que possam ser explicados (NOELLI, 1999/2000, p. 227).

Sua consideração, reforçada em outro momento no texto, aponta para o rumo que as pesquisas Tupi e Guarani deveriam tomar: estudos regionais. Tomado como consenso por outros pesquisadores (SCATAMACCHIA, 2009), as abordagens regionais passariam a ocupar um papel de destaque nas pesquisas arqueológicas na década seguinte. Com a intensificação da Arqueologia de Contrato após a Portaria IPHAN nº 230, novas áreas eram gradativamente “descobertas” pela arqueologia, propiciando um aumento na produção de dados e de pesquisas arqueológicas. Outro aumento verificado foi o das pesquisas na região Amazônica, até então um território pouco explorado do ponto de vista da Arqueologia e que muito ainda tinha para revelar. Pesquisas financiadas por Universidades e também pesquisas provenientes de áreas de grandes empreendimentos abriram um campo para obtenção de dados que indiretamente iam afetando as pesquisas da tradição Tupiguarani (ALMEIDA, 2008; CRUZ, 2009).

Na década que se seguiu, os estudos da tradição Tupiguarani pareciam fadados a se tornar um tema esgotado e saturado, principalmente em virtude da fartura de trabalhos publicados e da pendência de diversas questões que os métodos pareciam não suprir (OLIVEIRA, 2009).

Mesmo após 40 anos de pesquisas, Oliveira aponta que as demandas ainda são as mesmas: “temas como migração e cronologia continuam sendo o ponto chave nas pesquisas sobre a tradição Tupiguarani” (2009, p. 9). Porém,

---

determinada sociedade; o indivíduo passa a constituir parte das teorias de cultura material; e a arqueologia mantém laços interpretativos estreitos com a História (GAMBLE, 2002, p. 48-49).

o principal fato que se tem observado é que, cada vez mais trabalhos de âmbito regional surgem em busca de uma melhor resolução às demandas da Arqueologia Tupiguarani.

O exponencial crescimento das pesquisas com o já referido advento da Arqueologia de Contrato trouxe consigo a possibilidade de financiamento para pesquisas e um exponencial crescimento na quantidade de sítios arqueológicos identificados. Conforme Scatamacchia (2009), o que se viu foi um crescente que parece não ter acompanhado os dados para além da análise cerâmica. Segundo a autora, “o que vem sendo feito é a repetição de referências, inclusive aquelas feitas pelos cronistas do século XVI em relação aos grupos que ocuparam a costa brasileira sem a correlação com os dados arqueológicos” (SCATAMACCHIA, 2009, p. 89).

Essa repetição parece evidente em algumas pesquisas desenvolvidas, visto que os dados obtidos durante o PRONAPA ainda guiam algumas investigações, dado a ausência de pesquisas sistemáticas e o limitado potencial informativo devido à questões metodológicas (OLIVEIRA, 2009, p. 131), como é o caso em algumas regiões do nordeste brasileiro. Este, talvez, não seja um problema exclusivo da região, mas é possível que se verifique em grande parte do território nacional também em sítios destruídos ou com sérios problemas de perturbações no registro que propiciam dados limitados, impossibilitando a aplicação de metodologias mais adequadas.

Retomando o aspecto da etnohistória, os dados gerados durante a década de 1990, também passaram a ser criticados nos anos que seguiram. Em especial, Soares (2001/2002) apresenta uma discussão sobre a validade e os usos de dados históricos e etnográficos para auxiliar a interpretação arqueológica. Soares critica o fato das informações etnohistóricas muitas vezes serem tomados acriticamente desconsiderando o contexto nos quais foram escritos. Com relação ao exemplo usado, o dicionário de Montoya, *Tesoro de la Lengua Guarani, ó más bien Tupi* (1876 [1640]), tido como uma das melhores

fontes do período colonial e amplamente utilizado em outras pesquisas<sup>17</sup>, Soares (2001/2002: 100) adverte:

O uso dos dicionários de Montoya é válido e praticamente inesgotável, mas devo observar de qual Guarani se trata. (...) daqueles visitados por Montoya em sua catequese, (...) aqueles que passaram pelo contato, especificamente no século XVII, (...) um guarani com dinâmica própria e peculiar.

É através desta premissa que Soares aponta para o cuidado de se fazer uso indiscriminado dos dados históricos, sob pena de estar se construindo um “Frankenstein” inexistente (Soares, 2001/2002, p. 100).

Além deste inconveniente, Soares (2001/2002, p. 106) também aponta para, mesmo que as pesquisas tenham trazido abordagens diferentes em suas análises ou enfoques, o conceito não se firmou arqueologicamente, além do que o atribuído pelo PRONAPA.

Nas palavras do autor, “dito de outra forma, a arqueologia guarani, ao invés de construir um conhecimento novo, ou pelo menos diferente, tem sido usada somente para reafirmar os dados advindos da história e da antropologia” (SOARES, 2001/2002, p. 106).

Esta questão levantada por Soares leva a considerar o que se tem produzido até então e como se tem produzido este conhecimento. A crítica a trabalhos que desenvolvem suas análises, primeiro no material cerâmico, e depois tentam aplicar a analogia histórica faz pensar o que as pesquisas em arqueologia Guarani buscam ou o que elas têm a acrescentar no estado atual do tema.

Prous e Lima (2008) propiciam, nesse sentido, uma compilação das pesquisas da tradição Tupiguarani, apresentando um volume de sínteses regionais que demonstra um pouco das pesquisas Tupi e Guarani no território

---

<sup>17</sup> Ver La Salvia e Brochado, 1989.

brasileiro. Abarcando trabalhos das diversas áreas em que se observa a cerâmica da tradição Tupiguarani, apresenta-se o que se tem de perspectiva dos estudos destes grupos.

Dentre os trabalhos produzidos, um tema ainda não tão explorado é tocado desde que foi levantado pela primeira vez por Brochado em 1984: a área de fronteira entre os grupos Tupi e Guarani. Conforme argumentado neste trabalho, a tradição Tupiguarani comporia dois grupos distintos: o Tupi e o Guarani (BROCHADO, 1984). Estes, tomados por rotas migratórias (ou conforme Noelli, rotas de expansão) seguiram sentidos opostos até se encontrar no que hoje se verifica o estado de São Paulo. Robrahn-Gonzalez (2000) aponta para o rio Paranapanema como esta área; Chmyz (2002) já teceu considerações sobre a baía de Paranaguá no litoral do Paraná como sendo um local de limite entre os dois grupos; Scatamacchia (2008, 2009) aponta para o estado de São Paulo, entre o rio Paranapanema e o Tietê como uma provável zona de fronteira, indicando que, a ausência de pesquisas arqueológicas impede de se verificar, de fato, características nos vestígios materiais que possam corroborar essa hipótese. Afonso (2008/2009), citando Morais (2011), também aponta o rio Paranapanema como a fronteira entre os dois grupos.

Embora muito ainda deva ser pesquisado antes de se tecer considerações seguras, o consenso geral entre os pesquisadores parece apontar para o Paranapanema como este divisor entre os grupos Tupi e Guarani. Mais uma vez, pode-se considerar que a carência para que tal hipótese seja verificada é a ausência de pesquisas arqueológicas sistemáticas em áreas chaves para o andamento dos estudos.

Milheira (2008), seguindo a proposição de Noelli (1999/2000), desenvolve sua pesquisa retomando os conceitos de padrão de assentamento, desenvolvido em alguns trabalhos por Schmitz na década de 1980. Analisando três conjuntos de sítios, em ambiente de serra e em ambiente lacustre, Milheira propôs, através da análise material, pautado no modelo de Noelli (1993), um sistema de assentamento para os grupos Guarani do sul do Brasil. Seguindo

pressupostos de hierarquização dos sítios definidos em elementos como seu tamanho físico quanto às classes de vestígios ligados a funções específicas, como painéis de produção de alimentos, talhas de produção de bebidas fermentadas, Milheira propõe um modelo de assentamento em que houve uma redefinição nas estratégias de obtenção de recursos em virtude das condições verificadas nos dois ambientes. Seguindo a análise dos vestígios aliados a sua função dentro de cada contexto, Milheira (2008) adiciona um novo fôlego às pesquisas de padrão de assentamento, introduzindo outros saberes como análises intra-sítios e verificando diferenças e semelhanças nos contextos estudados para averiguar “não somente a diversidade de culturas arqueológicas, mas também a intensidade de ocupação espacial efetuada pelos grupos Guarani” (MILHEIRA, 2008, p. 20).

Oliveira (2009) também traz uma proposta de análise intra-sítio, esta pautada principalmente na distribuição espacial dos vestígios podendo, dessa forma, apontar para elementos que, aliados aos dados etnohistóricos, compõem elementos para compreensão dos espaços da área do assentamento. Através de uma plotagem referenciada de cada vestígio e posteriormente com a análise dos mesmos, a autora obteve dados que apontam para a compreensão da distribuição espacial das unidades habitacionais como para a ocupação dos grupos Tupinambá na Zona da Mata Mineira.

Moraes (2007) impulsionando uma investigação regional mais ampla centrada no estudo da variabilidade artefactual, propôs sua pesquisa com o objetivo de compreender os processos culturais e sociais compondo elementos para uma interpretação da região nordeste do estado de São Paulo com o objetivo de identificar a relação entre estabilidade e variação dos conjuntos artefatuais. Seu trabalho aliou pesquisas sistemáticas e coleções provenientes de pesquisas assistemáticas ampliando sua abordagem sobre a ocupação Tupi na região.

Soares (2004) diferente da sua abordagem inicial com base em dados etnográficos e etnohistóricos para a organização social Guarani buscou, na sua

tese de doutorado, respostas em outro campo de conhecimento: a arqueometria. Com base exclusivamente nos dados arqueológicos, Soares apresentou uma proposta de interpretação baseado na análise das relações espaciais e da distribuição dos artefatos em um contexto habitacional. A utilização da metodologia francesa de escavação em superfícies amplas contribuiu para criar uma perspectiva de atribuir funções sociais (áreas de produção, cocção, descanso) às áreas escavadas, refletidas no conjunto artefactual verificado.

Carvalho (2009) apresenta uma perspectiva de estudo da gestualidade na cerâmica Tupi. Analisando os vasilhames, a autora buscou elementos que atestem uma perspectiva tecnológica das escolhas e dos gestos envolvidos na produção e posterior utilização desses artefatos.

Recentemente, Neumann (2011) apresenta um estudo no qual analisa as marcas de uso nos utensílios cerâmicos Guarani. Com base nos modelos disponíveis, a autora propõe uma averiguação da função dos vasilhames comparados com dados refletidos nas marcas de uso visualizadas no exterior e interior dos vasilhames.

O que se tem visto durante esta última década é uma intensificação de novas abordagens das pesquisas Tupi e Guarani dando continuidade a uma crescente ampliação dos temas a serem abordados e adicionando novos elementos de pesquisa que contribuam significativamente na produção de conhecimento sobre esses grupos.

As abordagens intra-sítios e os estudos regionais parecem ter atingido uma grande proporção nos anos de 2000. Como pode ser verificado, grande parte dos trabalhos desta década adotou esta perspectiva. O abandono das generalizações e a inserção de novos campos no trabalho arqueológico abriram o caminho para novas perspectivas dos estudos Tupi e Guarani.

Porém, todas as pesquisas mencionadas sobre estes grupos consideraram (ou deveriam ter considerado) a questão da territorialidade e as relações em que o meio influencia ou é influenciado por eles. Pautado que os

grupos Guarani estariam constantemente relacionados a um manejo e expansão pelo território, é pertinente que haja uma compreensão de como se procede essas relações. Desse modo, as pesquisas sobre os grupos Guarani necessitam de uma contextualização dos fenômenos de ocupação e uso do território, pois é nessa esfera que ocorrem as relações entre os assentamentos.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO E MODELOS DE OCUPAÇÃO GUARANI PARA O SUL DO BRASIL

A discussão sobre a ocupação do território meridional do Brasil pelo grupo Guarani tem sua maior expressão em dois modelos desenvolvidos nos anos de 1990<sup>18</sup>: o modelo de expansão de Noelli (1993, 1996, 1998), dando sequência ao trabalho de Brochado (1984) e a teoria de “enxameamento”; e o modelo de organização social de Soares (1997), pautado nos dados etnográficos e etnohistóricos para os Guarani meridionais. Este último, em muito tomou como base a *Conquista Espiritual* e o dicionário *Tesoro de La Lengua Guarani* de Montoya. Ambos modelos têm forte influência dos trabalhos de Brochado e podem ser vistos, muitas vezes, como complementares.

De fato, estes não são os únicos modelos adotados para a expansão Guarani, mas exerceram grande influência nas pesquisas no final da década de 1990 e nos anos seguintes. Além de que esse dois trabalhos ganham proeminência no cenário acadêmico, pois traziam perspectivas novas necessárias à arqueologia Guarani, talvez sendo os únicos a problematizar questões associadas à territorialidade e a organização social com uso de dados etno históricos, pouco aproveitados até então. Em função disso, a referência a estas obras é recorrente neste capítulo

O modelo de Noelli (1993) apresentou um grande destaque na arqueologia Guarani pelo fato de que abdica de trabalhar sobre os aspectos da “arqueologia da fome”, considerando que as florestas tropicais e terras baixas da América do Sul não são um fator degeneracionista de empobrecimento cultural imposto pelo meio, onde os grupos empregariam sua energia quase que exclusivamente para a subsistência (NOELLI, 2008). O contraponto a este aspecto evidencia um modelo do “não esgotamento”, onde

---

<sup>18</sup> Ainda há os modelos de Schmitz (1985) e Rogge (1996) para o sistema de assentamento no médio e alto rio Jacuí, no Rio Grande do Sul. Porém, não se faz necessário sua discussão nesse capítulo por não apresentar semelhança nas propostas aqui argumentadas.

o crescimento demográfico é uma constante, dado a forma como o processo é desencadeado. Nesse âmbito a ocupação territorial ganha a forma de “enxameamento”, alusivo às colméias das abelhas, que ao aumentar a população dividem-se ocasionando o enxame (CEREZER, 2011, p. 28).

Esse modelo, inicialmente proposto por Brochado (1984, 1989), foi ampliado por Noelli (1993), que aponta para um manejo ambiental e um comportamento social organizado, onde a área visada para ocupação era previamente explorada e preparada aguardando a chegada do grupo para o novo assentamento.

Essas populações implantaram e reproduziram seus sistemas adaptativos baseados na agricultura e, paralelamente, incorporaram as novidades vegetais e animais do Sul, úteis para a alimentação, medicina e elaboração da cultura material. Esses povos conquistadores formavam unidades politicamente aliadas em nível regional, com dimensões variáveis conforme o número de unidades locais e suas densidades demográficas. Eles trocavam sistematicamente informações e pessoas, contribuindo para a manutenção e reprodução constante da sua cultura material, da língua, etc. Assimilavam pessoas de outras etnias, impondo-lhes seus comportamentos, línguas e sistemas tecnológicos, o que também contribuía para reprodução de aspectos culturais (NOELLI, 1999/2000, p. 227).

Dessa maneira, a ocupação do grupo Guarani se deu através de um processo expansionista onde a ocupação e aquisição de novos territórios foi um elemento constante. Isso implica que todas as esferas da cultura Guarani sugerem marcas desse aspecto, seja no campo econômico, social, político e simbólico. Porém, o que não se observa no trabalho de Noelli são dados arqueológicos que comprovem, de maneira ampla e sistemática, o modelo proposto. É digno de nota que no período da pesquisa de Noelli a arqueologia Guarani, embora já amplamente divulgada e estudada, ainda carecia de diversos aspectos de pesquisa de campo necessárias para testar a hipótese proposta.

O caso de Soares (1997) também pode ser visto de maneira similar. Ao ponto que, com base em dados etnográficos e etno-históricos, tenha compilado e elaborado uma complexa pesquisa que se apresenta como um modelo a ser aplicado aos dados arqueológico, também faltou os dados empíricos que testassem as hipóteses levantadas pelo autor.

Considerado este aspecto, ambos autores (e principalmente Soares) apontam que seus trabalhos carecem de pesquisa de campo para verificação dos modelos propostos, não sendo possível atingir maior amplitude ou resolução visto que as pesquisas sistemáticas na década de 1990 (e no caso, muitos dados o qual os autores se pautam provém de pesquisas anteriores à década de 1980) ainda não atingiam o volume de dados que se detém atualmente.

Fato é que, tanto o modelo de Noelli (1993) quanto o de Soares (1997), abarcaram uma série de pesquisadores que os assumiram para os seus dados arqueológicos havendo pouco questionamento da sua viabilidade. O próprio Soares (2001/2002: 106) já havia frisado a questão da repetição dos argumentos e que para a arqueologia Guarani faltava um conhecimento novo que, pressupõe-se, pautado muito mais nos dados advindos da arqueologia do que outras áreas de conhecimento, que deveriam ser auxiliares na interpretação e não determinantes.

Retomando os modelos, Noelli (1993, p. 247-250) define que os Guarani anteriores ao contato apresentariam uma organização territorial refletida nas relações de parentesco e reciprocidade, o que abrangeria a organização do território em três níveis espaciais: o *guará*, o *tekohá* e o *teii*. Cada esfera abrangeria uma porção maior de inclusão dos demais níveis, onde pode-se considerar como sendo a menor unidade a família extensa ou o agrupamento das mesmas.

Assim, o *guará* seria representado pela aliança entre diversas aldeias e abrangeria um território de grande proporção, incluindo porções extensas de rios (ou delimitados por estes) e até bacias hidrográficas. De acordo com dados

ethnohistóricos (CORTESÃO, 1951; 1952; NOELLI, 1993, p. 248), o *guará* estaria sob a liderança de uma pessoa de grande prestígio político e espiritual.

Para que fosse possível formar um *guará*, era necessário diversas unidades sócio econômicas que, por sua vez, eram aliadas entre si e ocupariam e utilizariam espaços bem delimitados, sendo assim denominadas de *tekohá*, que "era o lugar, o meio em que se davam as condições que possibilitavam a subsistência e o modo de ser dos Guarani" (NOELLI, 1993, p. 249-250). Também pode ser atribuída a "coexistência ordenada de multilinhagens num só lugar" (SUSNIK, 1982, p. 34 *apud* NOELLI, 1993, p. 249) ordenada pelos laços de parentesco e reciprocidade (NOELLI, 1993, p. 249). Era o espaço do *tekohá* que para a arqueologia pode ser interpretado como a área de captação de recursos ou o entorno dos assentamentos Guarani.

Por fim, o último nível era considerado o *teii*, que poderiam ser apresentados de forma isolada ou conjunta, onde viviam as famílias extensas subdivididas em núcleos familiares menores (*ogpe guará*) que partilhavam uma mesma linhagem (quadro 04).

QUADRO 04 – ESTRUTURAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DOS GUARANI SEGUNDO MONTOYA

Família Nuclear	Família Extensa	Território	Alianças
<i>ogpe guará</i>	<i>teii</i>	<i>tekohá</i>	<i>Guará</i>
± 6 pessoas	Até 60 pessoas	Até 6 teii	± 40 <i>tekohá</i>

FONTE: NOELLI (1993, p. 250)

Nestes três níveis espaciais, a importância do *tekohá* é visivelmente atribuída em função a sua representação dentro do sistema sócio-econômico. Era composto por três espaços: a aldeia, as roças e a mata circundante. Tanto as roças quanto à mata desempenhavam um papel importante na economia

como provedores de recursos, sejam alimentícios ou para o fabrico de instrumentos. Noelli (1993, p. 266) aponta que estas áreas estendiam-se num raio de muitos quilômetros a partir das aldeias podendo, inclusive, ser divididas entre outros aldeamentos dentro do *guará*.

Monteiro (1992, p. 488) ao argumentar sobre a mudança no modo de viver Guarani em função das Reduções expõe, através das palavras de Montoya, que nos povoados indígenas, anteriores aos jesuítas, viviam ao antigo modo, "(...) em matos, serras e vales, em escondidos arroios, em três, quatro ou seis casas apenas, separados, uma, duas, três e mais léguas uns de outros" (*apud* ABREU, 1982, p. 115).

Na perspectiva de Soares (1997), a discussão da organização do espaço é similar ao apresentado por Noelli, porém, o autor enfatiza muito mais o aspecto social na organização e manejo desses espaços. Enquanto Noelli afirmava que a expansão Guarani estava diretamente relacionada a aquisição de novos territórios de domínio principalmente após o desmembramento dos grupos, Soares aponta que não seriam apenas os fatores econômicos e ecológicos o alvo dessa necessidade. As relações sociais estariam no cerne da expansão pelo fato de agregar e do prestígio social dos chefes (SOARES, 1997; MILHEIRA, 2008). Assim, os membros de maior prestígio poderiam ocupar as áreas com melhor perspectiva e variedade de recursos, e em contrapartida, os membros de menor prestígio eram empurrados para as terras marginais (SOARES, 1997).

Percebe-se nos argumentos dos autores que há entre os Guarani uma ocupação territorial sistêmica e contextual. De tal modo que Milheira (2008, p. 21) expõe que

queremos dizer que não se pensa em movimento ou expansão de aldeias com todo o grupo, pois o assentamento seria organizado em forma de um sistema integrado, em que uma aldeia central teria uma série de sítios anexos, que são acampamentos como os de caça, pesca e roça.

Pensando ainda nos modelos etnográficos e etnohistóricos, pode-se considerar que a ocupação ocorria de forma sistêmica, em que a expansão para novos territórios se dá de modo centrípeto onde os aldeamentos de maior prestígio possuem posições estratégicas no ambiente, com um território de uso e manejo grande, o qual pode englobar diversas outras aldeias, não apenas aquelas de atividades específicas, mas também os assentamentos de menor prestígio, ainda ligados pela aliança com um chefe de importância maior, o qual comporia um território muito mais abrangente.

Além disso, ao abordar os grupos Guarani (e talvez diversos outros grupos pré-históricos), é necessário ter em ciência que, conforme Zedeño (1997, p. 68),

Its generally accepted that the development of preindustrial societies is inextricably linked to the land and its resources and, thus, cannot be wholly understood outside the context of relationships between societies and the territory they occupied<sup>19</sup>.

Nesta perspectiva, pode-se assumir que é praticamente indissociável compreender o fenômeno de expansão dos grupos Guarani sem entender sua relação de uso do espaço. O que o modelo de Noelli (1993) propôs é, sobretudo, um modelo ecológico que o levou a considerar a dispersão destes grupos como um fenômeno expansionista pautado no manejo do ambiente, sobretudo. O quão próximo está o nível de resolução desse modelo com o registro arqueológico, falando pelo aspecto macro regional, é praticamente inviável nesta pesquisa. Embora também seja um exercício demasiado laborioso, a compreensão, mesmo que de modo geral, dos fenômenos de uso e ocupação do território é importante para entender as relações e o processo de ocupação dos grupos Guarani na porção meridional do Brasil.

---

<sup>19</sup> É geralmente aceito que o desenvolvimento das sociedades pré-industriais está inextricavelmente ligada ao território e seus recursos e, portanto, não pode ser totalmente entendido fora do contexto de relações entre sociedades e o território que elas ocuparam.

## 2.1 FORMAÇÃO E USO DO TERRITÓRIO: UMA NOVA ABORDAGEM

Usando como referência dados históricos, etnográficos e arqueológicos, Zedeño (1997) elaborou modelos de ocupação e uso do território para aplicação no registro arqueológico.

A implicação do território abrange diversos aspectos dentro do modo de vida dos grupos humanos. Territórios podem servir como fontes de recursos, de acordo com a ecologia funcionalista (DYSON-HUDSON e SMITH, 1978, p. 23; MALMBERG, 1980, p. 47 *apud* ZEDEÑO, 1997, p. 70); espaços políticos de acordo com a antropologia cultural (BARNARD e WOODBURN, 1988, p. 10; MYERS, 1988, p. 65 *apud* ZEDEÑO, 1997, p. 70); símbolos de identidade na psicologia (TAYLOR, 1988 *apud* ZEDEÑO, 1997, p. 70); e mercadoria no viés da política econômica ocidental (SOJA, 1971, p. 10 *apud* ZEDEÑO, 1997, p. 70).

Já que os Guaraní desenvolvem sua organização a partir de um conceito de *tekohá*, que é, sobretudo, o território de domínio num dado assentamento (NOELLI, 1993, p. 249-250; 1999/2000, p. 249), o manejo do território e as relações para com este aliam-se à este outro modelo, visto que os Guaraní não poderiam ser compreendidos dissociados de seu território.

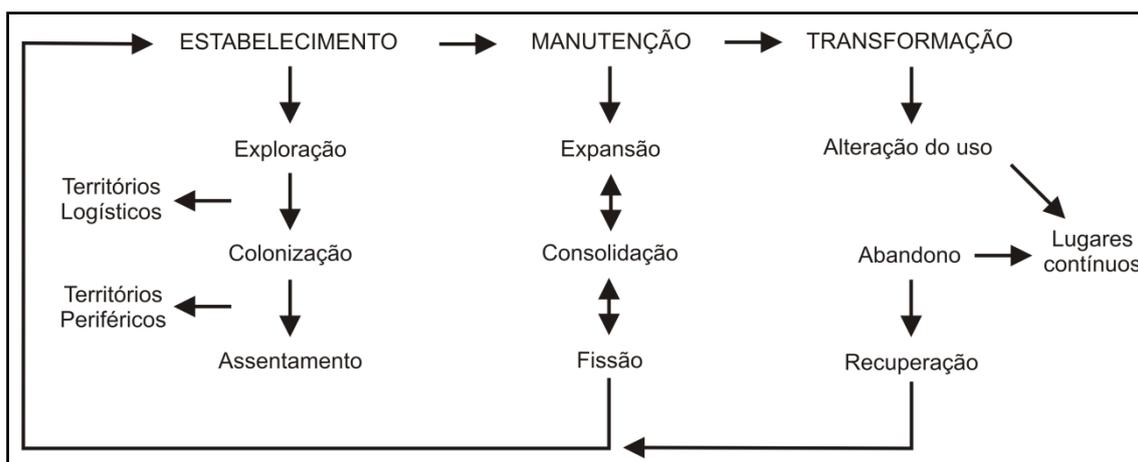
A perspectiva de estudo de Zedeño partiu, inicialmente, das limitações verificadas nos modelos de pesquisa para uso do território e dos recursos. Primeiro, elenca a falta de tempo para aprofundar tais estudos, onde se dá mais ênfase na organização sincrônica do espaço do que nas dinâmicas de longo termo; segundo, a restrição do alcance dos comportamentos de uso do território; terceiro o prevaletimento de tipologias dicotomizantes das organizações sócio-econômicas e políticas; e quarto, a ausência de critérios para delimitar fronteiras (ZEDEÑO, 1997, p. 69).

A autora define “a unidade territorial como um agregado de três tipos de objetos: terreno, recursos naturais, e objetos de manufatura humana”

(ZEDEÑO, 1997, p. 72). Prosseguindo, território diferiria de paisagem em dois pontos fundamentais: primeiro, que paisagens são espaços contíguos compreendidos na observação (ALLEN & HOEKSTRA, 1992, p. 47; JACKSON, 1984, p. 8 *apud* ZEDEÑO, 1997, p. 73); segundo, que paisagens são unidades em que os limites são percebíveis por quem os visualiza, estabelecidos através da sociedade que o usa e controla, e outros grupos que usam e controlam os espaços adjacentes (ALLEN & HOEKSTRA, 1992, p. 47, 69; COPPS, 1995, p. 55; SOJA, 1971, p. 34; MOREHOUSE, 1996 *apud* ZEDEÑO, 1997, p. 73).

Assim, independentemente das especificidades culturais, há três tipos de interações homem/território que fazem parte da história de vida de um território: as interações entre uma dada sociedade e a paisagem; interações entre setores da sociedade definindo fronteiras internas; e interações entre as sociedades e seus vizinhos (ZEDEÑO, 1997, p. 86).

Para compreender melhor o modelo proposto por Zedeño (1997, p. 87-94), assinala-se as etapas que a autora define como *Territory Life Histories*<sup>20</sup> (figura 04).



**Figura 04** – Modelo de ocupação e exploração do território por comunidades pré-industriais segundo Zedeño (1997)

<sup>20</sup> Histórias de vida dos territórios.

## *ESTABELECIMENTO DO TERRITÓRIO*

### **a) Exploração**

Envolve uso temporário de recursos e do território sendo posteriormente, ou não, incorporado ao território já existente. As necessidades para exploração podem envolver busca por recursos de uso imediato, seja alimentação ou outros recursos; a exploração de recursos específicos; pretensão de uso futuro; construção de abrigos efêmeros para o uso do grupo; e busca de recursos para uso posterior.

### **b) Colonização**

Considerado o mais importante e prolongado período de experimentação onde o grupo avaliará as capacidades do território para o estabelecimento de um assentamento. Podem incluir atividades de estruturas semi permanentes ou permanentes, locais de cultivo, caça, pastagem e áreas de coleta; e exploração de matéria-prima para o fabrico de utensílios.

### **c) Assentamento**

Através da avaliação das etapas anteriores, se a área colonizada se mostrar adequada, o grupo pode decidir assentar permanentemente ou incluir o local em uma área fixa a ser sazonalmente ocupada e explorada. Instalações e elementos rituais de longo termo devem aparecer num assentamento de maior duração.

## *MANUTENÇÃO DO TERRITÓRIO*

### **a) Expansão**

Os territórios podem tender a se expandir em função de diversos fatores. As conseqüências desse processo incluem a aparição de comunidades satélites, um ajuste na espaço de convivência, na aquisição e uso de campos de cultivo e a construção de trilhos que ligam as novas áreas (ZEDEÑO, 1997: 90-91).

### **b) Consolidação**

Esta etapa se define quando o grupo desenvolve estratégias de integração bem sucedidas. Fundamental para este processo é integrar atividades políticas e rituais e o equilíbrio entre as fontes de recurso e conservação do assentamento.

### **c) Fissão**

Compreende a fragmentação de uma unidade territorial em dois ou mais segmentos. “Se a depleção dos recursos alcança um limiar crítico, ou se o território expande além das capacidades integrativas de uma sociedade, a unidade territorial pode se dividir, com grupos colonizando espaços vazios ou de articulação” (ZEDEÑO, 1997, p. 92).

## *TRANSFORMAÇÃO DO TERRITÓRIO*

### **a) Mudança de uso**

Este processo comumente ocorre quando locais para agricultura se esgotam ou são explorados além de sua capacidade. Normalmente este mecanismo traz terrenos marginais a serem ingressos ao território. No caso de mudanças para locais mais longes, os aldeamentos podem se mudar para os novos campos incorporados.

### **b) Abandono**

Diversos fatores podem estar associados a este processo. Pode-se destacar os conflitos internos ou externos e outras ameaças, doenças e o abandono de determinadas regiões tanto no período pré-colonial ou pós-colonial.

### **c) Recuperação**

Este processo constitui na retomada do território que uma sociedade já ocupou. Pode incluir a tomada, usurpação ou mesmo o retorno a determinado local previamente ocupado.

## 2.2 DISCUTINDO MODELOS DE OCUPAÇÃO GUARANI

Há, todavia, argumentações que fazem com que se questione ou se adapte as propostas acima apresentadas. Quando do tocante aos fenômenos de expansão, vê-se diferença dos conceitos de Noelli e Zendeño, onde esta não leva em consideração um outro motivo da expansão: o bélico. Além disso, outra necessidade pode estar relacionada, como motivos simbólicos e/ou de cunho ritual, onde as atividades de expansão vêm a preencher questões da estrutura simbólico-ritual do grupo<sup>21</sup>.

Contudo, o fenômenos de manutenção do território (expansão – consolidação – fissão), seguiria um proposta adequada aos Guarani, inclusive corroborando com a proposta de Noelli (1993). A divisão e ocupação de novas áreas, justificaria ainda as diferentes hierarquizações de sítios arqueológicos Guarani, onde observam-se aldeias grandes, com alta densidade e variedade de cultura material, e aldeias menores, até mesmos em áreas ditas marginais, com baixa densidade de vestígios e menor variabilidade.

Quanto ao que tange a área de estudo, onde é considerado como território de ocupação tradicional pelo Kaingangs (NIMUENDAJU, 1987), a proporção verificada de sítios arqueológicos Guarani é maior, podendo ter ocorrido uma invasão por parte dos últimos ou uma disputa de território. Porém, os registros históricos pós jesuítas apontam para uma decrescente população Guarani se comparado aos Kaingang (NIMUENDAJU, 1987), que pode estar relacionado aos fenômenos de diminuição da população por parte de fenômenos epidêmicos e dos conflitos com os não indígenas.

É verificado atualmente, com os dados arqueológicos disponíveis, que grande parte da ocupação Guarani se dá ao longo dos cursos de rios de grande porte, ou ao menos com possibilidade de navegação com uso de

---

<sup>21</sup> Soares (1997) entre outros autores presumem que os fenômenos de expansão do território também podem estar relacionados à aquisição de prisioneiros para os rituais antropofágicos, que são ricamente descritos entre os Tupinambás do século XVI, mas não há dados suficientes para atestar tal premissa quanto aos Guarani meridionais.

pequenas embarcações. Também o fato de grande parte das pesquisas de onde provém os dados sobre os Guarani serem resultantes de escavações em grandes bacias hidrográficas, como o rio Paraná, Paranapanema e Uruguai, onde se observa grande quantidade de sítios Guarani.

De um modo geral, a literatura existente define que estes grupos priorizavam a escolha do assentamento segundo características específicas:

A localização das aldeias, pelo menos nos vales interioranos onde se concentra a maior população, obedece a um padrão bastante rígido: os sítios ocupam a parte superior da encosta de morros que dominam um rio principal navegável; geralmente, nas imediações das habitações, passa um córrego ou rio menor que fornece água potável. O rio maior, neste caso, costuma distar de várias centenas de metros até um quilômetro (PROUS, 1992, p. 376).

Não tomado como regra, mas similar no que se vê na região de estudo, grande parte dos sítios concentra-se em áreas de maior elevação e onde se percebe os sítios com maior densidade material e de maior extensão. Chmyz *et al.* (2008) em seu trabalho no vale do rio Tibagi, próximo à região de estudo também corroboram essa informação.

Os sítios, por sua vez, conforme Chmyz *et al.* (2008) enunciaram, são ocupações cíclicas de no máximo oito anos de permanência posteriormente migrando para outro local. Não há dados sobre a reocupação intensiva dos locais ou até mesmo sobre o abandono dos mesmos, mas considerando que as datas disponíveis remetem ao período de contato com o europeu, pode-se levantar a hipótese de uma “migração forçada” em virtude da interferência cultural. Outro fator poderia estar ligado ao manejo de aldeias, muitas vezes dado a cabo por parte dos jesuítas, deslocando grande contingente indígena de uma área para outra.

A caracterização dos assentamentos aponta para conjuntos menores do que as grandes aldeias identificadas em outros cursos de rios. Sítios com grande área de ocupação com a presença de duas ou mais manchas de terra

escura, alta densidade de fragmentos cerâmicos e possibilidade de enterramentos secundários, enquadram-se nesta categoria.

Os menores, formados por uma só concentração de material, têm a dimensão desta, entre 25 e 400 m<sup>2</sup>. Quando existe um conjunto, o sítio pode se estender por uma superfície de mais de 20.000 m<sup>2</sup>. No entanto, é mais comum encontrar sítios entre 2.000 e 10.000 m<sup>2</sup>, a não ser nas regiões mais densamente ocupadas da bacia do rio Paraná e do litoral carioca (PROUS, 1992, p. 378).

Esta grande variação do espaço ocupado remete a várias questões sobre os sistemas de assentamento. Obviamente, os sítios representavam categorias diferentes no contexto de ocupação, porém este fator está relacionado à hierarquia dos assentamentos ou simplesmente eram particularidades regionais? Ou ainda, a diferenciação estaria relacionada a densidade populacional?

No contexto do rio Tibagi, especificamente na área de estudo, o que se verifica na maioria dos casos, são assentamentos de médio porte, com uma ocorrência moderada na densidade material. Se estes sítios não eram grandes aldeamentos, estariam eles ligados a uma área mais densa ou seriam apenas ocupações temporárias? “Realmente, existem alguns sítios que podem ser considerados provisórios; mas além de não apresentarem vestígios de urnas, também não apresentam sedimentação escura” (PROUS, 1992, p. 381). Mesmo considerado o que Prous afirma, ainda há fatores externos como os processos de formação de cada sítio. E, mesmo assim, podem haver particularidades dentro da regra.

Outra questão relacionada seria a prescritividade Guarani, enquanto detentores de uma estrutura rígida e pouco mutável, que reproduz piamente ao longo de mais de dois mil anos sua cultura material, e que tem uma organização social pouco maleável (BROCHADO, 1984; NOELLI, 1993; SOARES, 1997).

É verificado, em mais de 2.900 sítios arqueológicos registrados, uma baixa variabilidade dos registros materiais não havendo sinais ou traços de mudanças no estilo tecnológico e nos padrões de subsistência. O que ocorre, é a manutenção destes traços verificado nos sítios arqueológicos de um período de cerca de 1500 anos (NOELLI, 2004, p. 20).

Noelli (1993: 09) defende a hipótese

de que os Guarani reproduziram sua cultura e impunham sua ideologia perante as outras sociedades das regiões que iam sendo paulatinamente colonizadas, desde a Amazônia até a foz do rio Paraná, bem como das regiões limítrofes no Leste e no Oeste (...) Parto do princípio de que desde que adquiriram sua identidade étnica a partir da Proto-Família Lingüística Tupi-Guarani, os Guarani atravessaram mais de três mil anos até os primeiros contatos com os invasores vindos da Europa, reproduzindo fielmente sua cultura material e as técnicas de sua confecção e uso, sua subsistência. Concomitantemente, a linguagem definidora destes objetos, técnicas e comportamentos.

O trabalho de Soares (1997) assinala diversos fatores que contribuem para os apontamentos de Noelli. Se considerados aspectos como a língua, a reprodução da cultura material, a similaridade da família linguística e da organização social de diversos grupos falantes da língua Guarani (e em alguns casos, de línguas do tronco Tupi), verifica-se uma unidade de certos traços. Especificamente, Soares (1997, p. 18) não afirma totalmente que "(...) a organização social seja a responsável por tal continuidade, mas um dos elementos que a estimula através da sua repetição e funcionamento sob forma de *ethos* Guarani".

Dando continuidade a esta linha, concordando com Noelli (1993), Soares (1997) aponta que estes elementos devem ser vistos como um processo de longa duração. O conceito de sociedades prescritivas (SAHLINS, 1990) se enquadra neste modelo, onde "os Guarani responderiam a um estímulo novo com uma resposta velha, já conhecida" (SOARES, 1997, p. 23). Esta concepção também pode ser vista em Lino (2009).

Corroborando a idéia de prescritividade, Soares afirma que

No caso da sociedade Guarani, quando esta se depara com uma problemática nova, responde com uma atitude nova, baseada na tradição. Voltando ao conceito de "estruturas" de Bourdieu, veremos que as estruturas estruturantes funcionam como uma estrutura estruturada no passado, mas o presente não é o mesmo que o passado. Dito de outra forma, o Guarani se comporta de uma forma tradicional, mas o processo histórico pelo qual esta sociedade passa, ao longo do tempo e do contato com outras sociedades não-Guarani, leva os Guarani a adequar o comportamento à nova situação, tendo como exemplo o passado. A historicidade do grupo pode ser encarada como uma estrutura, pois 'organiza a percepção do mundo social [e] é, em si própria, o produto da internalização' (Bourdieu, 1984: xiii). Negar que havia contatos entre as sociedades pré-hispânicas é negar sua própria historicidade (SOARES, 1997, p. 24).

Somando a sua pesquisa e a de Soares, Noelli (2004) direciona acerca dos grupos Guarani, justificando sua unidade cultural e social, que os assentamentos sempre formaram redes, visto que não é verificado nas áreas isolamento significativos. Estas redes, por sua vez, detinham uma função defensiva e econômica com a inclusão de aspectos práticos e simbólicos como troca de pessoas, coisas, informações e conhecimentos.

Las redes regionales y la estructura política y social de alianzas, sostenidas por el intercambio permanente, explica la reproducción constante de la cultura material y otros rasgos del *ñande reko* Guarani (NOELLI, 2004, p. 24).

Nessa premissa, pode-se levantar a questão de que as dimensões e densidade material de um sítio (outrora aldeia) e a sua relação com os outros assentamentos seria proporcional tanto ao tipo de relação social quanto aos recursos disponíveis (SOARES, 1997, p. 51).

Vê-se, nessa perspectiva, uma relação estabelecida pelo *guará*, onde a agregação e formação de alianças estariam em ação, já que o assentamento

de maior densidade populacional poderia prover o líder de maior prestígio e que estabelecia as relações com os demais líderes locais.

Tanto a proposta de Noelli quanto os dados etno-históricos possuem certa convergência e similaridade, não apenas pelo simples fato de que o primeiro considerou grande parte do segundo, mas como a própria tese de Brochado (1984), já buscava-se uma relação dos Guarani pré-contato com os Guarani pós-contato.

Essa asserção, muitas vezes perigosa, como já afirmou Soares (2001/2002), leva a crer que os Guarani são um povo prescritivo com poucas mudanças no seu meio social e econômico, estes atestados na reprodução e uniformidade dos traços apresentados na cerâmica (NOELLI, 2004) e pela sua grande dispersão territorial. Se essa hipótese for verdadeira, ter-se-ia nos dados etnográficos e etnohistóricos grande aporte para inferências no registro arqueológico. Contudo, também seria necessário grande confluência com dados empíricos para atestar a veracidade desses modelos, bem como uma maior amplitude de pesquisas sistemáticas para que houvesse dados suficientes para confrontar tais hipóteses. Embora haja um número muito maior de pesquisas e registros para a arqueologia Guarani atualmente do que na década de 1990, ainda não há dados nem pesquisas enfocando diretamente essas questões que possam dizer que um modelo é melhor adequado em detrimento de outro.

Para Soares, com base nas características sociais verificadas nos primeiros contatos com os europeus, levou-o a crer que estes elementos refletem uma continuidade dos sistemas anteriores (SOARES, 1997: 21). Assim, os modelos etnográficos/etnohistóricos foram criados para suprir uma escassez de pesquisas arqueológicas tomando como base dados bibliográficos, que acabaram por compor uma parte importante na produção dos trabalhos de Arqueologia Guarani, quando Soares (1997: 41) aponta que eles deveriam, de fato, serem testados em campo, o que muitas vezes não aconteceu.

Nessa perspectiva, os dados arqueológicos analisados a seguir se propõem a verificar a compatibilidade das propostas de Soares (1997) e Noelli (1993) na área de estudo. Adotam-se esses pontos de vista baseados nos dados etnohistóricos em função de que boa parte das referências das quais eles foram concebidos provém da região do Guairá, que se limita à área de estudo e inclusive em algumas referências cita os contextos do rio Tibagi. A probabilidade de que as informações etnohistóricas se cruzem com os dados arqueológicos e, na medida das possibilidades interpretativas, sejam mais adequados para pensar nos processos de ocupação e nos sistemas de assentamento. Testar, de fato, as duas perspectivas é laborioso e extenso para o que dispõe-se nessa pesquisa, porém é possível ter um vislumbre do que pode vir a ser considerado uma comparação de dados arqueológicos e dados etnohistóricos para a construção de uma possibilidade interpretativa para o rio Tibagi.

### 3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

Com cerca de 550 km de extensão desde a sua nascente até a foz, quando deságua no rio Paranapanema, o rio Tibagi possui um total de 65 tributários, e uma área aproximada de 25.000 km<sup>2</sup> (figura 05), a qual ocupa cerca de 13% do território do Paraná (MEDRI *et al*, 2002). Não somente um importante recurso hídrico para a população atual como o foi durante épocas passadas, o rio Tibagi também representa o principal afluente do rio Paranapanema e um canal de ligação ao interior do território paranaense. Citado por cronistas, viajantes, jesuítas e exploradores desde o século XVII, tem uma sequência histórica comprovada de ocupação humana, principalmente por grupos Guarani e Kaingang do período histórico (NIMUENDAJU, 1987). Suas características proporcionaram um ambiente diverso e pleno de recursos para populações que ali se instalaram assim como um meio de transição no interior do estado.

Nas áreas de domínio da bacia hidrográfica do rio Tibagi aparecem diversas unidades litoestratigráficas pertencentes ao Grupo Açungui, Grupo Paraná/Campos Gerais, Grupo Itararé/Tubarão, Grupo Passa Dois e Grupo São Bento (STIPP, 2002, p. 39; MAACK, 1968). Na parte ao sul da transição do alto para o baixo Tibagi, ocorre a base geológica do grupo Itararé, alterando ao longo do curso para a Formação Rio Bonito, Formação Palermo, Formação Irati e uma porção da Formação Teresina, quando da transição do segundo para o terceiro planalto (PINESE, 2002, p. 26).

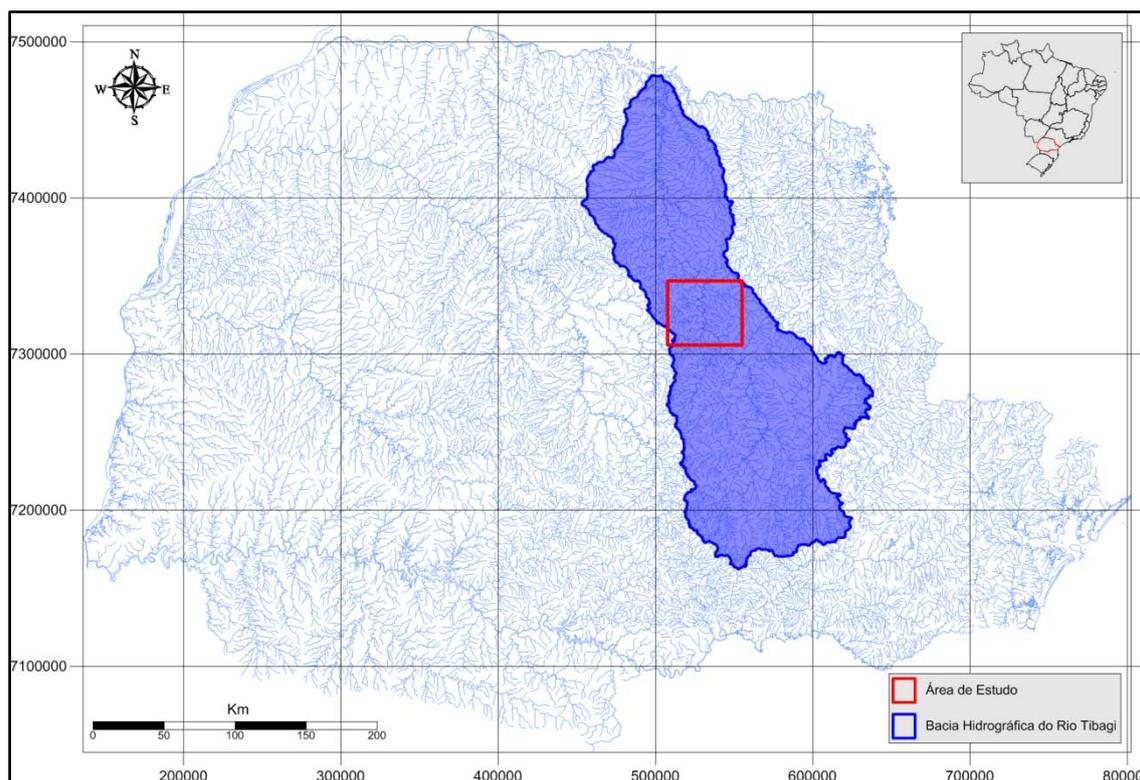
O relevo no segundo planalto, onde localiza-se a área de estudo surge constituído por formas tabulares, de *cuestas* e plataformas estruturais mais dissecadas devido a formação por parte de sedimentos. No terceiro planalto

observa-se que este é talhado sobre rochas eruptivas basálticas com altitudes chegando a cerca dos 1000 metros e gradativamente declinando até a sua foz (STIPP, 2002, p. 39).

Os tipos de solo que se sobressaem devido a uma fertilidade natural são os latossolos roxo e a terra roxa estruturada, ocorrendo principalmente no terceiro planalto. No segundo planalto, há uma predominância de diversos tipos de solo, entre eles, cambissolos, podzólicos vermelho-amarelos, litólicos, latossolos vermelho-escuros e areias quartzosas (STIPP, 2002, p. 39; EMBRAPA-IAPAR, 1984).

O clima predominante é o Cfa/Cfb subtropical úmido com verão quente a moderadamente quente (MENDONÇA e DANNI-OLIVEIRA, 2002, p. 65), com temperaturas médias em 19,5°C (média máxima de 26°C e média mínima de 14,5°C), com uma precipitação média de 1700 mm.

O domínio da vegetação do Alto Tibagi abrange os Campos Gerais, com altitudes superiores a 800 metros onde é possível observar a predominância da vegetação de estepe gramíneo-lenhosa (WALTER, 1986 *apud* TOREZAN, 2002, p. 103). Passando para os espaços do segundo planalto, a predominância da floresta ombrófila mista (ou floresta de araucária) faz limite na transição para o terceiro planalto com a floresta estacional semidecidual, onde nos locais de relevo escarpado é possível ver fragmentos da vegetação nativa (TOREZAN, 2002, p. 105).



**Figura 05** – A bacia do rio Tibagi e a área de estudo.

### 3.2 AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA ÁREA DE ESTUDO

O rio Tibagi não é escasso em termos de pesquisas arqueológicas. Porém, o que se produziu ou se tem produzido até hoje acerca dos grupos Guarani ao longo da bacia pode ser considerado uma pequena amostra do potencial que a área detém.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas ao longo do rio Tibagi foram iniciadas ainda na segunda metade da década de 1960 pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da UFPR, através do PRONAPA, no qual foram realizadas abordagens pontuais no baixo e médio curso do rio (CHMYZ *et al.*, 2008: 23). Durante a década de 1980 outras pesquisas sistemáticas foram realizadas pelo CEPA no rio Paranapanema, próximo a foz com rio Tibagi. Sequencialmente, as pesquisas arqueológicas voltaram a ser

retomadas durante a década de 2000, com esforços provenientes das Universidades Estaduais de Maringá e Londrina com alguns estudos pontuais e, principalmente, através da arqueologia de contrato em amplas áreas no norte do estado do Paraná.

Um dos trabalhos de destaque que abrangeu a área de estudo foi o resgate arqueológico da Linha de Transmissão 750 kV Ivaiporã-Itaberá III, nos estados de São Paulo e Paraná realizada por convênio firmado com o CEPA/UFPR. Esta pesquisa logrou a identificação de 366 pontos com indícios arqueológicos ao longo de sua extensão, em especial nos cursos dos grandes rios em que atingiu. Destaca-se aqui o importante levantamento de dados próximo ao rio Tibagi e os dados produzidos nesta pesquisa. Chmyz *et al* (2008), somente para a tradição Tupiguarani, localizou 46 sítios arqueológicos e 100 (cem) indícios relacionados à tradição ao longo da área da linha de transmissão.

As pesquisas arqueológicas realizadas na área de influência da UHE Mauá, das quais competem a área de estudo, apontam para 103 sítios arqueológicos associados à tradição Tupiguarani, entre as fases de estudos de impacto ambiental (PARELLADA, 2003) e de instalação do empreendimento (HABITUS, 2007; 2008; 2009; 2010; 2011). Localizada entre os municípios de Ortigueira e Telêmaco Borba, os dados provenientes dessa pesquisa apontam para uma intensa ocupação dos grupos Guarani pretéritos, adicionando aos dados já produzidos pelos trabalhos na Linha de Transmissão 750 kV Ivaiporã-Itaberá III.

O arranjo da Linha de Transmissão entre a PCH Presidente Vargas até a fábrica da Klabin Celulose S.A. é outro empreendimento que evidenciou sítios arqueológicos em sua área de influência. Embora com apenas um registro da tradição Tupiguarani, esta linha de transmissão está locada muito próxima à área de influência da UHE Mauá, o que faz somar aos registros localizados na região (HABITUS, 2011).

Conseqüentemente à construção da UHE Mauá, as linhas de transmissão 230 kV Mauá-Jaguariaíva e Mauá-Figueira, também apresentam

registros arqueológicos da tradição Tupiguarani. Abrangendo os municípios de Curiúva, Ventania, Arapoti, Jaguariaíva, Figueira e Ibaiti, há ao todo 19 registros de sítios arqueológicos na sua área de influência (HABITUS, 2010; 2011).

O aparente “vazio demográfico” antes verificado pela escassez de pesquisas arqueológicas na região vem diminuindo gradativamente, mostrando o potencial arqueológico que atualmente é verificado na área de estudo (figura 07).

Até a presente pesquisa, somente o projeto coordenado por Chmyz (2008) havia logrado realizar uma pesquisa que abrangesse uma grande porção da área de estudo. Na apreciação, Chmyz *et al* (2008: 217) resgatou 17.804 fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos somente da tradição Tupiguarani.

Observando apenas o fator decoração (tabela 01), é possível verificar uma grande variabilidade dentro do conjunto cerâmico identificado na pesquisa de Chmyz *et al* (2008), o que direciona a pensar na peculiaridade e diversidade do material Guarani na região.

TABELA 01 – MATERIAL CERÂMICO DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI RESGATADO NO PROJETO DE SALVAMENTO DA LT 750 KV IVAIPORÃ-ITABERÁ III

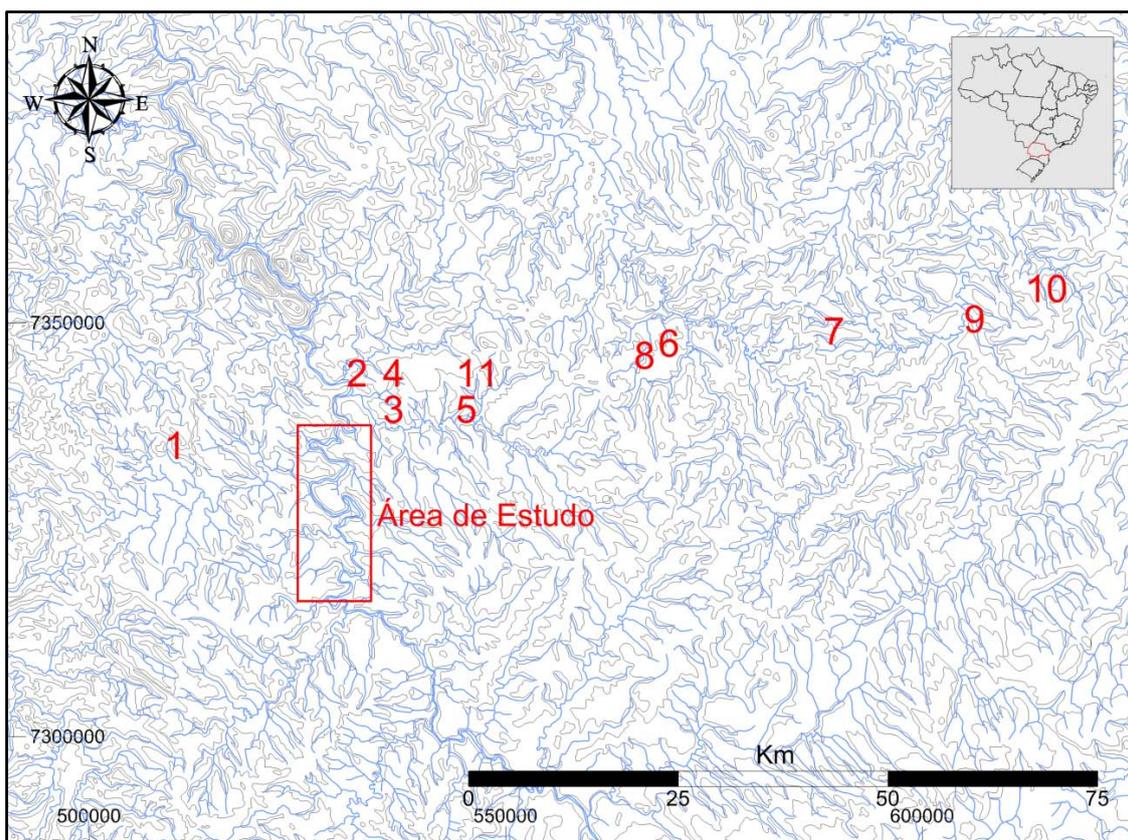
<b>Decoração</b>	<b>Número de fragmentos</b>	<b>Porcentagem</b>
Engobo vermelho	1286	7,234%
Pintados	2166	12,185%
Corrugado-ungulado	654	3,679%
Corrugado-leve	153	0,862%
Corrugado-simples	48	0,270%
Corrugado-complicado	152	0,855%
Corrugado-espatulado	34	0,191%
Escovados	1125	6,329%
Ungulados	1427	8,028%
Ungulados-tangentes	744	4,185%

Serrungulados	39	0,219%
Incisos	49	0,276%
Entalhados	26	0,146%
Roletados	4	0,022%
Ponteados	47	0,264%
Nodulados	21	0,118%
Pinçados	12	0,068%
Digitungulados	77	0,433%
Canelado	1	0,005%
Penteados	96	0,540%
Marcado com malha	1	0,005%
Marcados com cestaria	3	0,017%
Marcados com tecido	10	0,056%
Negro polido	1	0,005%
Pintados branco sobre engobo vermelho	14	0,079%
Pintado preto sobre engobo vermelho	1	0,005%

FONTE: CHMYZ *et al.* (2008, p. 217)

Os assentamentos verificados nesta pesquisa estavam inseridos em áreas de topo de elevações e meia encostas, todos em proximidade de cursos fluviais (CHMYZ *et al.*, 2008). Destes, os pesquisadores caracterizaram cinco fases distintas (sendo que 4 delas abrangendo principalmente o rio Tibagi). Concentrações de materiais foram localizados em manchas pretas, indicativo de dimensão e posição aproximado das habitações (CHMYZ *et al.*, 2008, p. 257).

As datações mais recuadas para estas fases obtidas por Chmyz *et al.* (2008) apontam para um período anterior à chegada dos jesuítas, que passaram pela região na primeira metade do século XVII. Além destas, as datas abrangem um período de ocupação Guarani longo, entre o século XIII e o século XIX (ver figura 06 e quadro 06).



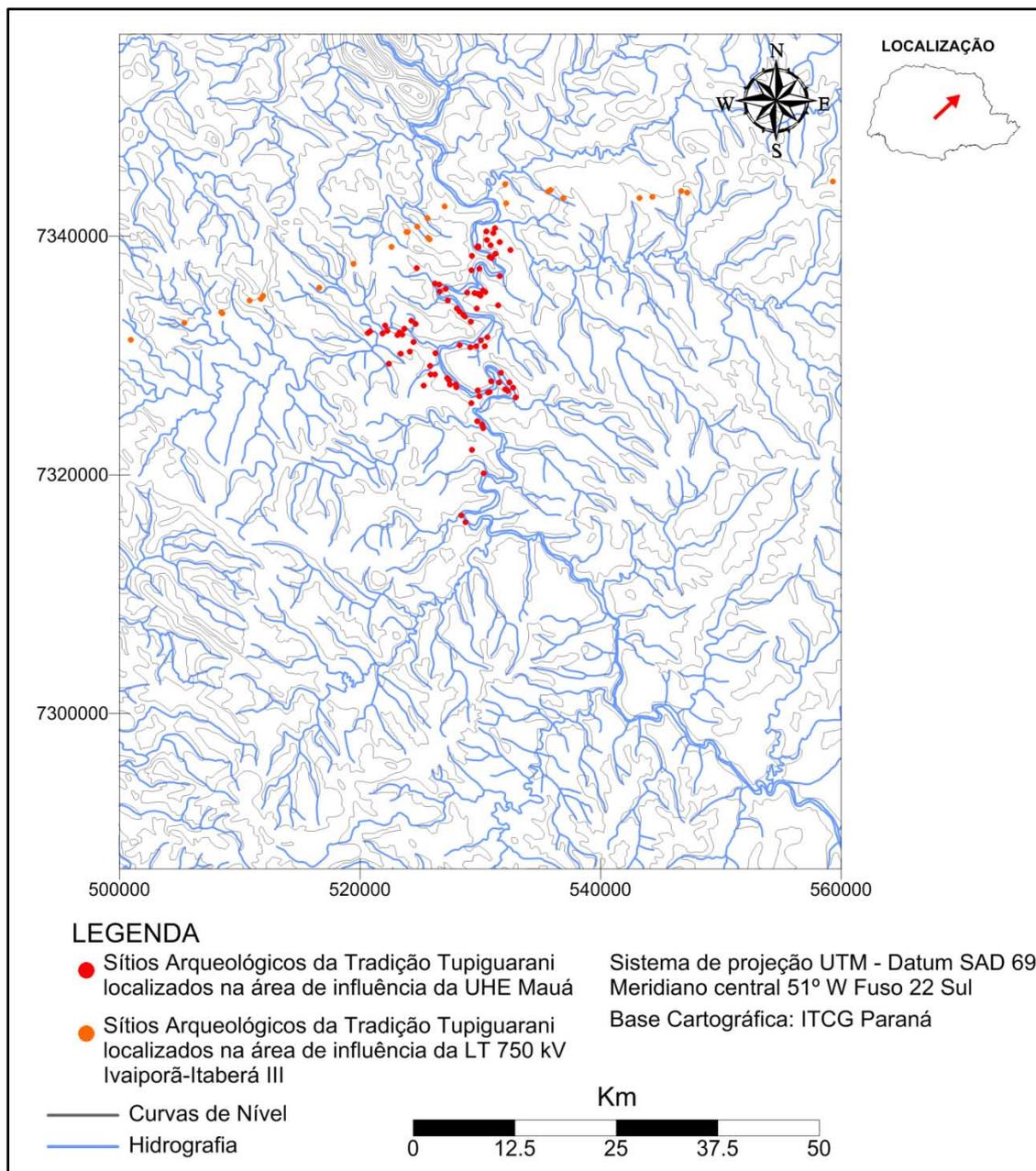
**Figura 06** – Áreas arqueológicas que foram datadas nas proximidades da região de estudo.

**QUADRO 06 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DATADOS PRÓXIMO AO CONTEXTO DA ÁREA DE ESTUDO CONFORME APONTADO NA FIGURA 06**

Sítio	Número no mapa	Datação
PR SA 44 <sup>1</sup>	1	90 ± 5 AP, 750 ± 50 AP, 470 ± 50 AP, 430 ± 60 AP <sup>2</sup> , 360 ± 60 AP e 290 ± 50 AP <sup>2</sup>
PR SA 9 <sup>1</sup>	2	570 ± 46 AP e 464 ± 35 AP
PR SA 7 <sup>1</sup>	3	337 ± 25 AP
PR SA 5 <sup>1</sup>	4	623 ± 45 AP
PR SA 1 <sup>1</sup>	5	531 ± 40 AP
PR RP 12 <sup>1</sup>	6	649 ± 45 AP
PR WB 2	7	1343±90 AP
PR RP 11	8	777±50 AP
PR WB 7	9	626±40 AP
PR WB 15	10	698±46 AP e 732±48 AP
PR SA 57	11	440±5 AP

<sup>1</sup> Sítios Arqueológicos com influência jesuítica (CHMYZ *et al*, 2008).

<sup>2</sup> As datações marcadas foram realizadas pelo método de C14 (Beta Analytics, Florida, EUA).



**Figura 07** – Mapa com os sítios arqueológicos Guarani identificados por projetos de Salvamento de dois empreendimentos da região.

O rio Tibagi é um dos maiores tributários do rio Paranapanema que, por sua vez, conforme Robrahn-González (2000), seria indicado como uma área de fronteira para os grupos Guarani e Tupinambá. Embora outros autores apontem essa fronteira mais ao norte (SCATAMACHIA, 2009; MORAES, 2007), nas imediações do rio Tietê, pode-se assumir que o rio Tibagi desempenhou um importante canal de ligação ao interior do Paraná através do Paranapanema. Moraes (1999 *apud* AFONSO, 2008/2009, p. 134) apontou para

a presença dos grupos Guarani na bacia do Paranapanema marcado entre 740 d.C. e 1480 d.C., datas estas similares às pesquisas realizadas no rio Tibagi por Chmyz *et al.* (2008).

Em conjunto com os dados arqueológicos, a área de estudo possui informações nas fontes históricas que apóiam ainda mais o potencial informativo da região.

A ocupação pelo invasor europeu, iniciada no século XVI, teve grande expressão quando do contato dos padres jesuítas com os índios da região. Já no início do século XVI iniciou-se o movimento reducional com a fundação da redução de Nossa Senhora de Loreto na foz do rio Pirapó com o Paranapanema, seguido da redução de Santo Inácio Mini (CHMYZ, 1986, p. 8).

Nos anos seguintes, foram criadas treze novas reduções incluindo o vale do rio Tibagi, com as reduções de São Francisco Xavier (1622), São Francisco Xavier (1622), São José (1625), Nossa Senhora da Encarnação (1625) e Nossa Senhora de Copacabana (CHMYZ *et al.*, 2008, p. 11).

## 4 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA ÁREA DE ESTUDO

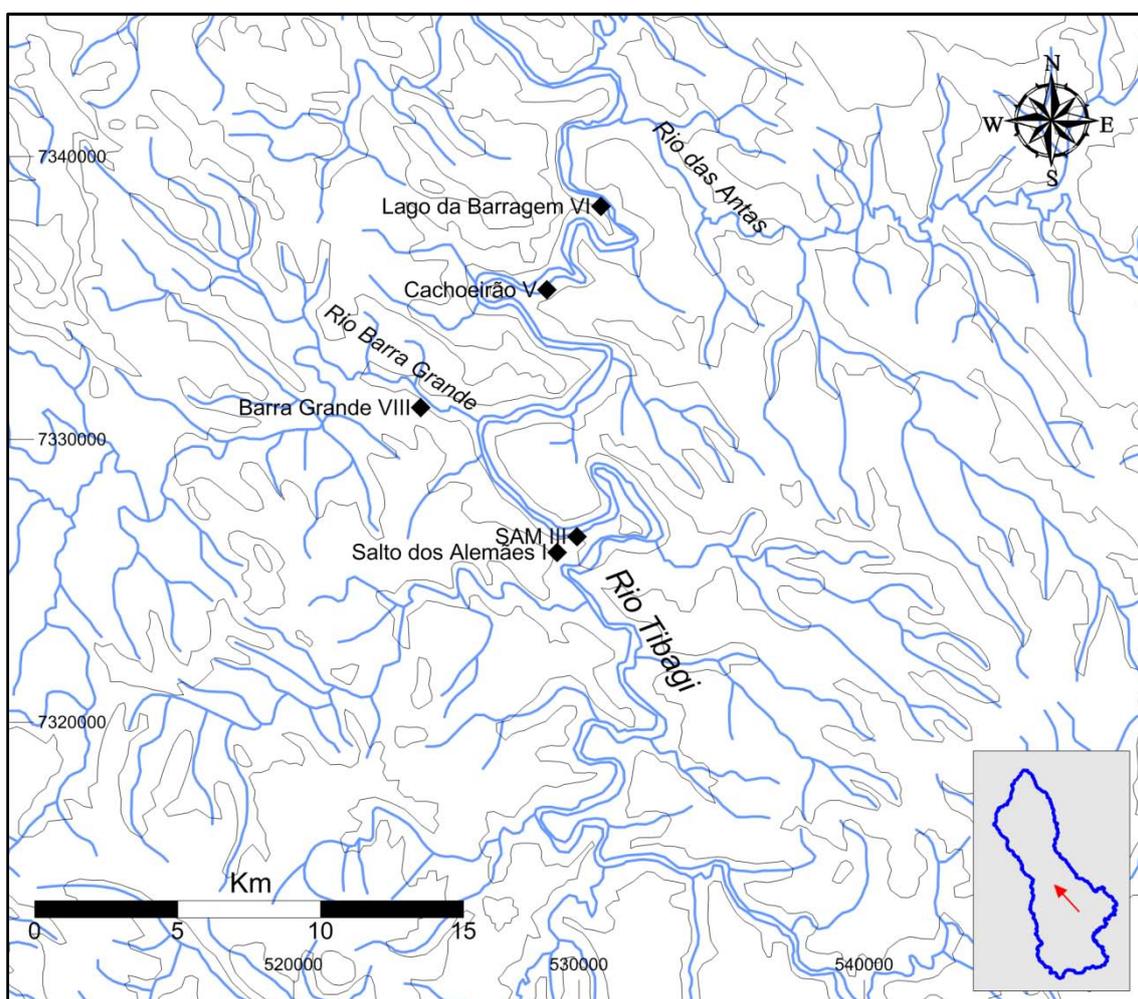
A área de estudo apresenta, pelo histórico de pesquisas realizadas, um potencial arqueológico já constatado em fontes históricas e etnohistóricas de ocupação por grupos pré-coloniais. Em especial, pelas pesquisas realizadas ao longo do curso do rio Tibagi, os vestígios relacionados à tradição Tupiguarani mostram-se numerosos. Nesse contexto, a necessidade de compreender os fenômenos que envolvem ou caracterizam os processos de ocupação do território é necessário, mesmo que a região do rio Tibagi ainda careça de pesquisas sistemáticas.

Para a presente pesquisa foram selecionados cinco sítios arqueológicos da área de estudo (figura 08) que abrangessem compartimentos topográficos e dimensões diferentes – Barra Grande VIII, Cachoeirão V, Lago da Barragem VI, Salto dos Alemães I e S.A.M. III. Quatro deles estão localizados nas proximidades do rio Tibagi, principal curso d'água da região e o quinto está próximo ao rio Barra Grande, afluente da margem esquerda do rio Tibagi.

Dos sítios selecionados, três estão instalados em topos onde o recurso hídrico mais próximo é uma nascente ou pequeno córrego (Salto dos Alemães I, Barra Grande VIII e S.A.M. III). Os demais (Cachoeirão V e Lago da Barragem VI) sítios estão localizados em terraços fluviais, sendo que um deles ocupa uma posição um pouco mais elevada, atingindo parte de meia encosta não muito íngreme.

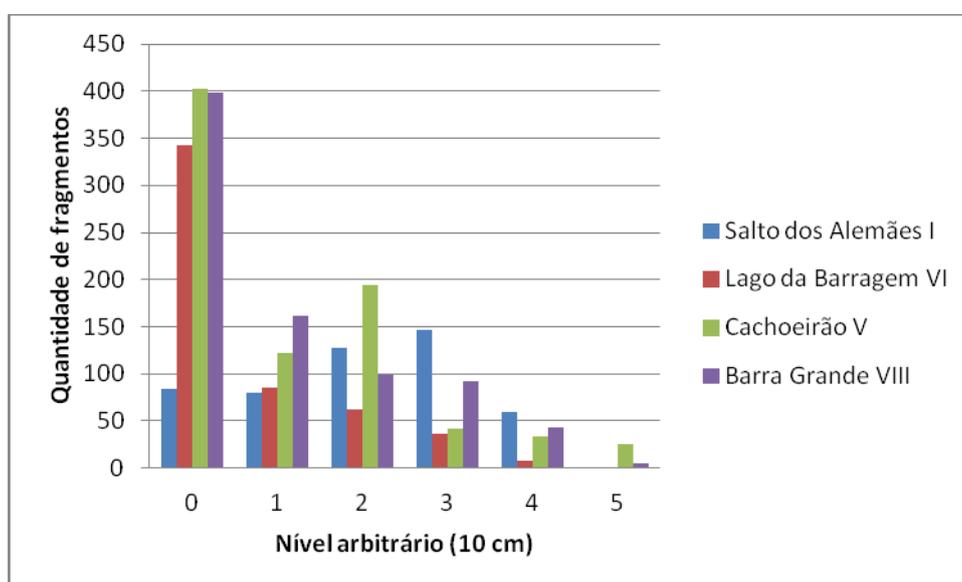
Durante toda a etapa de pesquisa observou-se que não foram comuns a ocorrência de sítios Guarani em terraços fluviais na área de estudo. A preferência por locais de maior altitude, próximo a córregos ou em locais onde ocorre solo de textura areno argilosa, mais propício à agricultura do que as várzeas de solo arenoso e pobre, suscetíveis a enchentes.

As dimensões dos sítios também são variáveis, normalmente representam uma área elipsóide, com comprimento máximo variando de 112 a 40 metros. Nenhum dos sítios selecionados apresenta dimensões grandes acima dos 150 metros de comprimento máximo. A incidência de material e a sua dispersão foram os elementos diagnósticos para averiguação das áreas e as concentrações de vestígios em superfície foram marcadores que determinaram a escavação das primeiras unidades.



**Figura 08** – Mapa da área de estudos com os sítios arqueológicos analisados.

A profundidade média da qual os vestígios foram recolhidos variou entre os 10 a 30 centímetros, com algumas exceções chegando aos 50 centímetros abaixo do nível do solo. Esse nível de profundidade maior pode ser atestado, em alguns casos a eventos de perturbação do solo, como atividades agrícolas ou efeitos erosivos em virtude da remoção da cobertura vegetal. Os pacotes estratigráficos representavam conjuntos únicos, normalmente em torno dos 20 centímetros de profundidade ou em superfície, no qual é possível identificar a maior quantidade dos vestígios nos sítios estudados (gráfico 01).



**Gráfico 01** – Amostra de fragmentos escavados por nível de profundidade.

Outros componentes cerâmicos além do material Guarani foram detectados em apenas um dos sítios selecionados e, visivelmente, foi identificado em apenas uma porção do sítio.

#### 4.1 SÍTIO ARQUEOLÓGICO BARRA GRANDE VIII

O sítio Barra Grande VIII está localizado na margem direita do rio homônimo, tributário do rio Tibagi, distante cerca de 120 metros deste, nos

limites do município de Ortigueira. Caracterizado pela posição em relevo alto, encontra-se a uma altitude de 649 metros, com a presença de nascentes d'água a menos de 50 metros dos seus limites. A área era coberta por vegetação arbórea em parte de seus limites, pastagem em outros trechos e a abertura de uma via de acesso cruzando-o transversalmente.

O material arqueológico identificado no local compunha-se de fragmentos de recipientes cerâmicos esparsos na área do sítio. Foi verificado uma mancha escura numa das extremidades do sítio com a presença de calibradores, embora fragmentados, também em superfície. A área total da dispersão dos vestígios é de 4396 m<sup>2</sup>.

O sítio foi escavado com abertura de unidades de 1 m<sup>2</sup> acompanhando tanto o relevo da área quanto as áreas de concentração de vestígios arqueológicos (figura 09). No local onde foi identificada a mancha escura foram realizadas escavações com uma unidade de 4 m<sup>2</sup> na perspectiva de evidenciar alguma possível estrutura. No total foram abertas 32 unidades com 12 delas sendo negativas, sem ocorrência de vestígios arqueológicos.

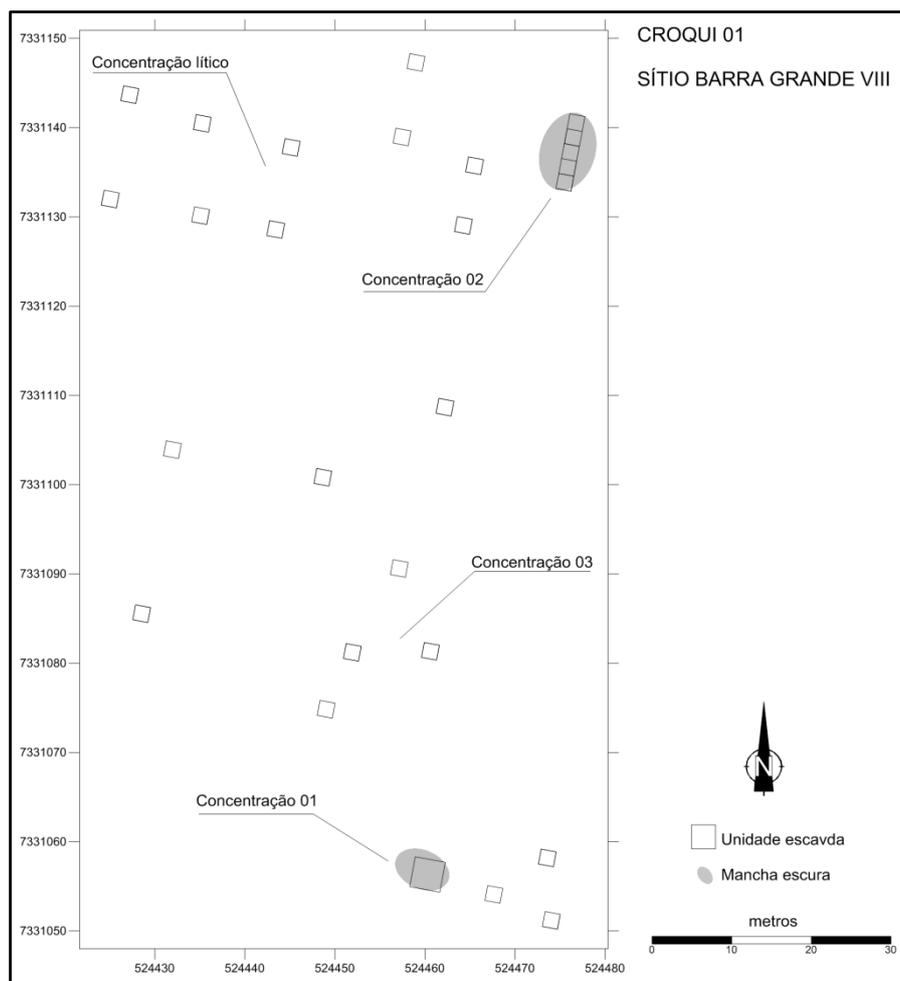
Foram recolhidos 799 fragmentos cerâmicos Guarani e 53 vestígios líticos lascados; 2 calibradores em basalto e 1 tambetá em quartzo polido.

Pode-se observar que a maior concentração ocorreu em duas unidades distintas (concentração 01 e 02, conforme figura 09), embora a maior densidade de vestígios compusesse um pacote estratigráfico único da superfície até 30 centímetros de profundidade, sem muita variação na textura do solo.

Este sítio foi datado pelo método de termoluminescência em 200±30 A.P. e pelo método AMS<sup>22</sup> (Beta 334592) em 170±30 A.P. Mesmo que muitas de suas características não apresentam elementos de contato e/ou influência na amostra material, o sítio compreende a um período pós-contato, porém seu conjunto material mostra evidentes características de sítios Guarani pré-contato.

---

<sup>22</sup> Acelerador de Espectrometria de Massa (*Accelerator Mass Spectrometry*).



**Figura 09** – Croqui do sítio Barra Grande VIII.

#### 4.2 SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACHOEIRÃO V

O sítio Cachoeirão V está localizado a cerca de 80 metros da margem direita do rio Tibagi no município de Telêmaco Borba. O local é caracterizado como um terraço fluvial a cerca de 604 metros de altitude, com vegetação arbórea predominante.

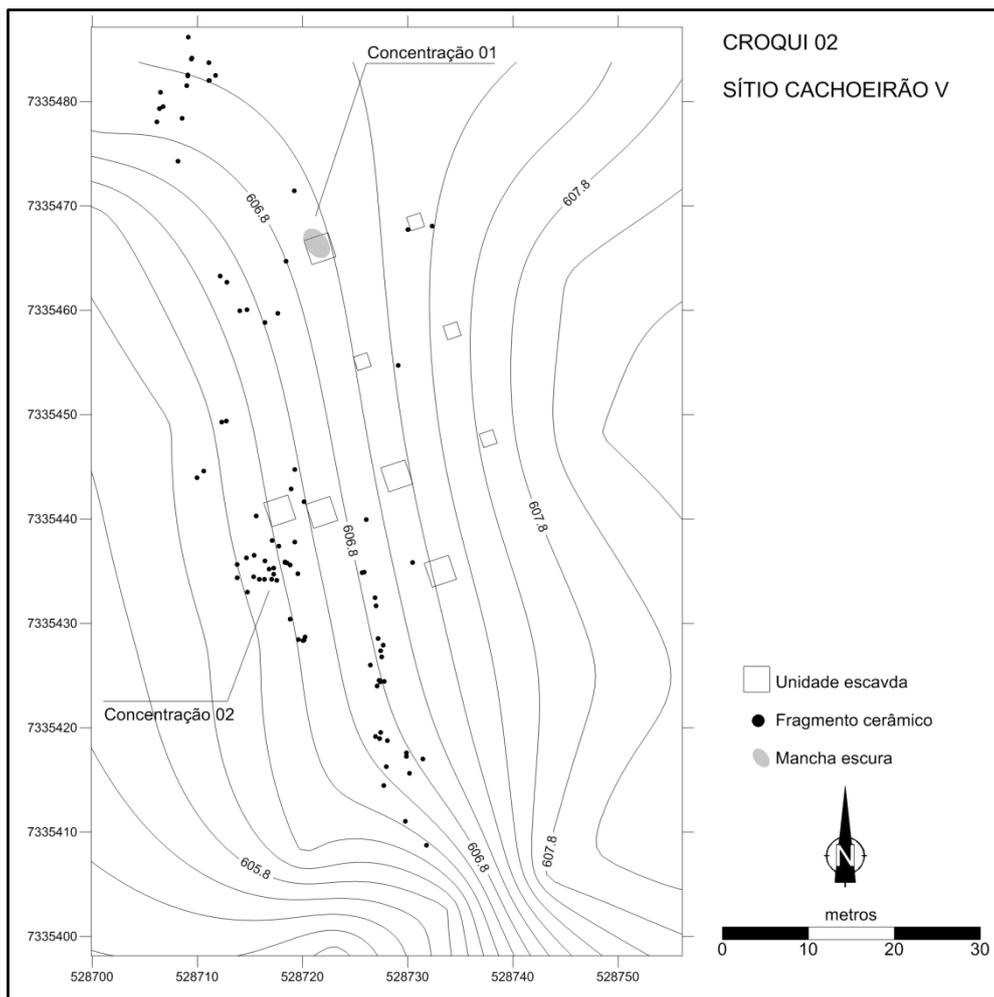
O material arqueológico identificado no sítio compunha-se, basicamente de fragmentos de recipientes cerâmicos dispostos, inicialmente, em uma concentração evidenciada por uma mancha escura no solo.

Posteriormente, durante a delimitação do sítio, outros fragmentos foram localizados em superfície.

No período de identificação e escavação deste sítio foi possível observar elementos naturais que afetaram a deposição de sedimentos sobre os vestígios *in loco*. Na época de maior volume de chuvas, o nível do rio Tibagi subiu consideravelmente inclusive avançando para a área onde se encontrava o sítio em questão. A deposição de sedimentos de textura arenosa foi observada após o fenômeno durante as escavações. O pacote de solo escuro em alguns pontos do sítio era evidente com até 20 centímetros de profundidade em alguns locais.

A área total do sítio foi delimitada em 2826 m<sup>2</sup> onde foram abertas unidades de escavação nos locais em que se verificou maior concentração dos vestígios em superfície (figura 10). Foram recolhidos 818 fragmentos de recipientes cerâmicos, 1 fragmento de cachimbo (também em cerâmica) e 7 líticos lascados em 9 unidades de escavação de 1m<sup>2</sup> e 4m<sup>2</sup>, sendo apenas 3 delas ausente de vestígios. Os fragmentos verificados em profundidade compunham um pacote único com maior ocorrência aos 20 centímetros de profundidade. Uma mancha de solo escuro foi evidenciada durante escavações com grande densidade de fragmentos cerâmicos.

Este sítio apresentou uma data de 240±40 A.P. através da amostra datada pelo método de termoluminescência, que o insere em um contexto em que a contato e a movimentação do europeu já estava consolidada na região.



**Figura 10** – Croqui do sítio Cachoeirão V.

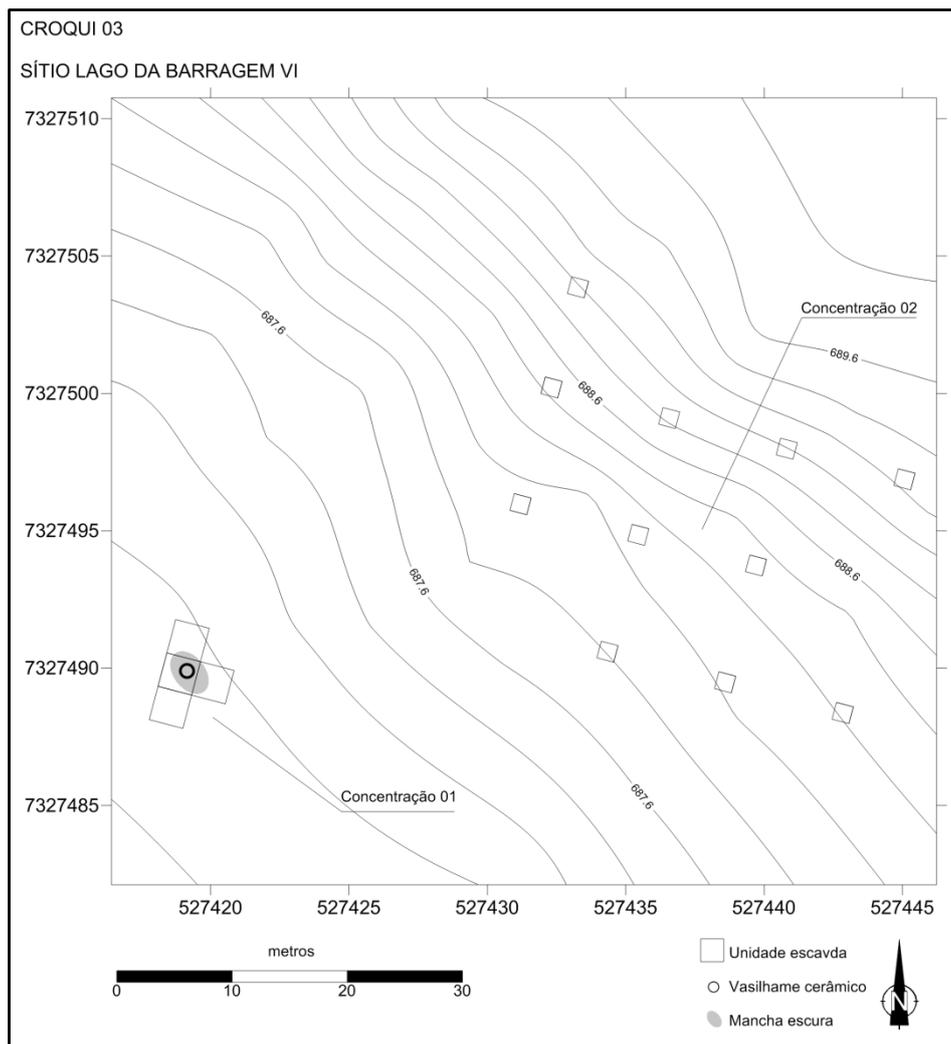
#### 4.3 SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGO DA BARRAGEM VI

O sítio Lago da Barragem VI está localizado na margem esquerda do rio Tibagi, a cerca de 85 metros desta, nos limites do município de Oritgueira. Encontra-se em uma área de meia encosta pouco íngreme, próxima ao terraço fluvial, numa elevação de 589 metros. A vegetação local compunha-se de um fragmento de mata ribeirinha e uma área de pastagem na proporção em que o terreno se elevava.

Os materiais arqueológicos identificados inicialmente foram fragmentos de recipientes cerâmicos dispostos superficialmente. Durante a etapa de escavação foram abertas 15 unidades entre 1 e 4 m<sup>2</sup> (figura 11) onde apenas uma delas resultou negativa (sem vestígios arqueológicos).

A maior parte dos vestígios escavados se encontra em um pacote homogêneo, com profundidade variando entre 10 e 20 centímetros. Os vestígios de maior profundidade seriam de vasilhames relacionados a uma estrutura funerária, de enterramento secundário, característica das ocupações Guarani. Foi evidenciado um recipiente maior com tigelas sobrepostas a este. O local da urna estava ligeiramente afastado da área de maior densidade de material (cerca de 15 metros), e não foram verificadas outras estruturas nem conjuntos de vestígios nas proximidades.

A área total do sítio é de 2747,5 m<sup>2</sup> (excetuando o setor onde foi verificada a urna funerária) onde foram recolhidos 534 fragmentos de recipientes cerâmicos, 17 lascas em sílex e 1 ponta de projétil também em sílex. Não foi possível detectar manchas escuras ou outras estruturas.



**Figura 11** – Croqui do sítio Lago da Barragem VI.

#### 4.4 SÍTIO ARQUEOLÓGICO SALTO DOS ALEMÃES I

O sítio Salto dos Alemães I está localizado no município de Ortigueira, na margem esquerda do rio Tibagi, em uma área de topo a cerca de 290 metros da queda conhecida como “Salto Parado”. A elevação da área é de 712 metros e a região também é conhecida como Salto dos Alemães devido à um desvio do rio realizado por antigos moradores que acabou nomeando a localidade.

O material arqueológico foi identificado na margem da estrada de acesso a poucos metros do ponto central do sítio. A maior parte da área, contudo, estava inserida próximo em uma plantação de árvores do gênero *eucalyptus*, mas em local onde predominava vegetação nativa.

Na perspectiva de verificar outros vestígios em profundidade e além da margem da estrada foram realizadas prospecções na área de mata nativa, porém todas negativas. Com a baixa resolução dos poços-teste, optou-se pela abertura de unidades mais abrangentes (1m<sup>2</sup>) para uma averiguação de maior precisão. Após verificar-se positiva com a presença de fragmentos cerâmicos, foram abertas outras unidades de escavação para delimitação do sítio. Ao todo, foram escavadas 23 unidades de 1m<sup>2</sup> e uma trincheira de 10 metros de comprimento (0,5 metros de largura), onde apenas 4 unidades resultaram negativas, isto é, sem vestígios arqueológicos.

A área total do sítio é de 1256 m<sup>2</sup> e foram recolhidos 585 fragmentos de recipientes cerâmicos da tradição Tupiguarani e 340 fragmentos cerâmicos da tradição Itararé. Esses fragmentos da tradição Itararé se apresentaram concentrados em apenas uma porção do sítio (concentração 03, figura 12), não havendo uma relação direta com outras concentrações de cerâmica Guarani.

Também foi evidenciada uma estrutura de combustão com possibilidade de estar relacionada a um local de manufatura de recipientes, onde alguns fragmentos de barro seco na forma de rolete e outro com marca de cestaria foram identificados. A datação obtida para esse sítio é de 330±30 A.P. (Beta 334589).

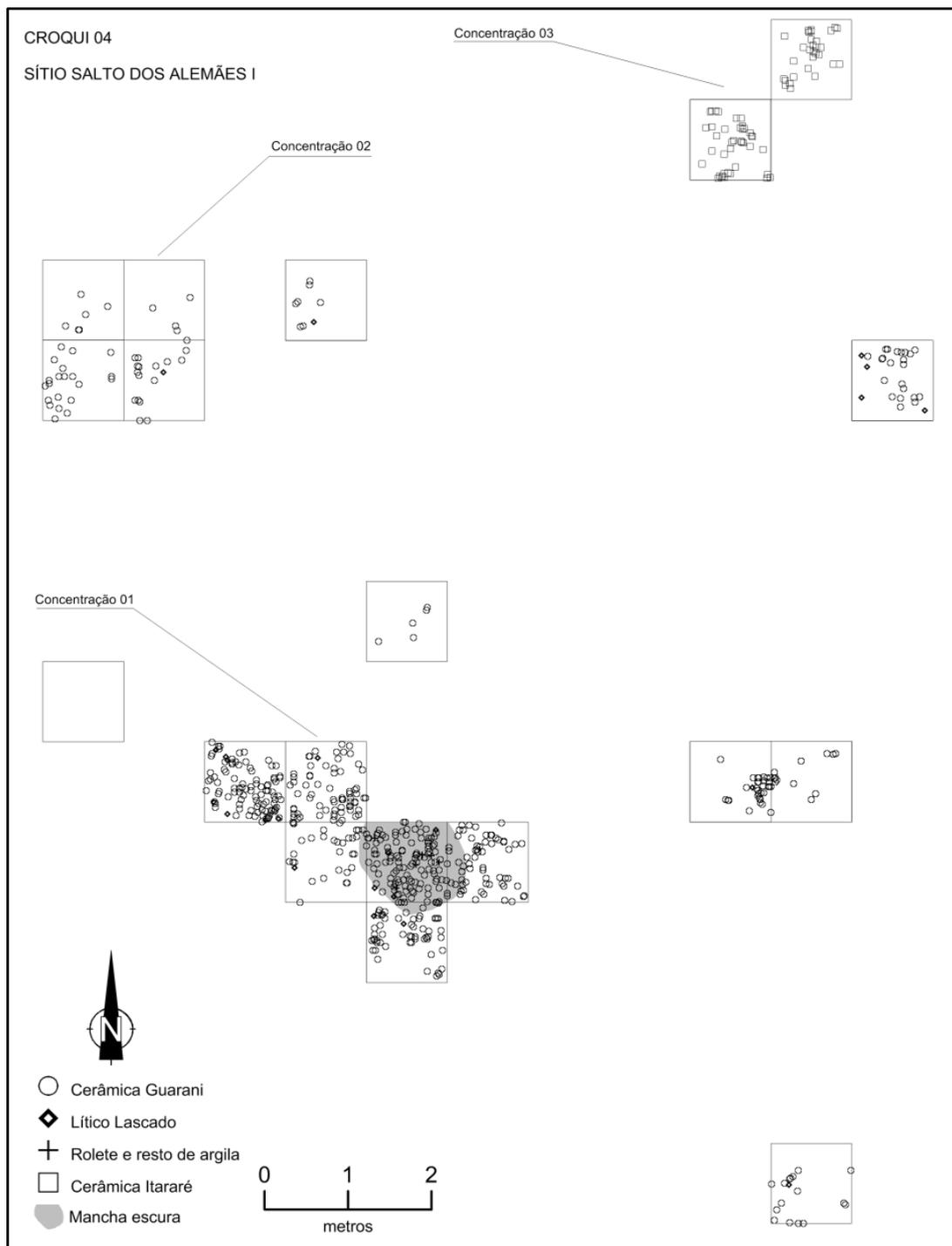


Figura 12 – Croqui do sítio Salto dos Alemães I.

#### 4.5 SÍTIO ARQUEOLÓGICO S.A.M. III

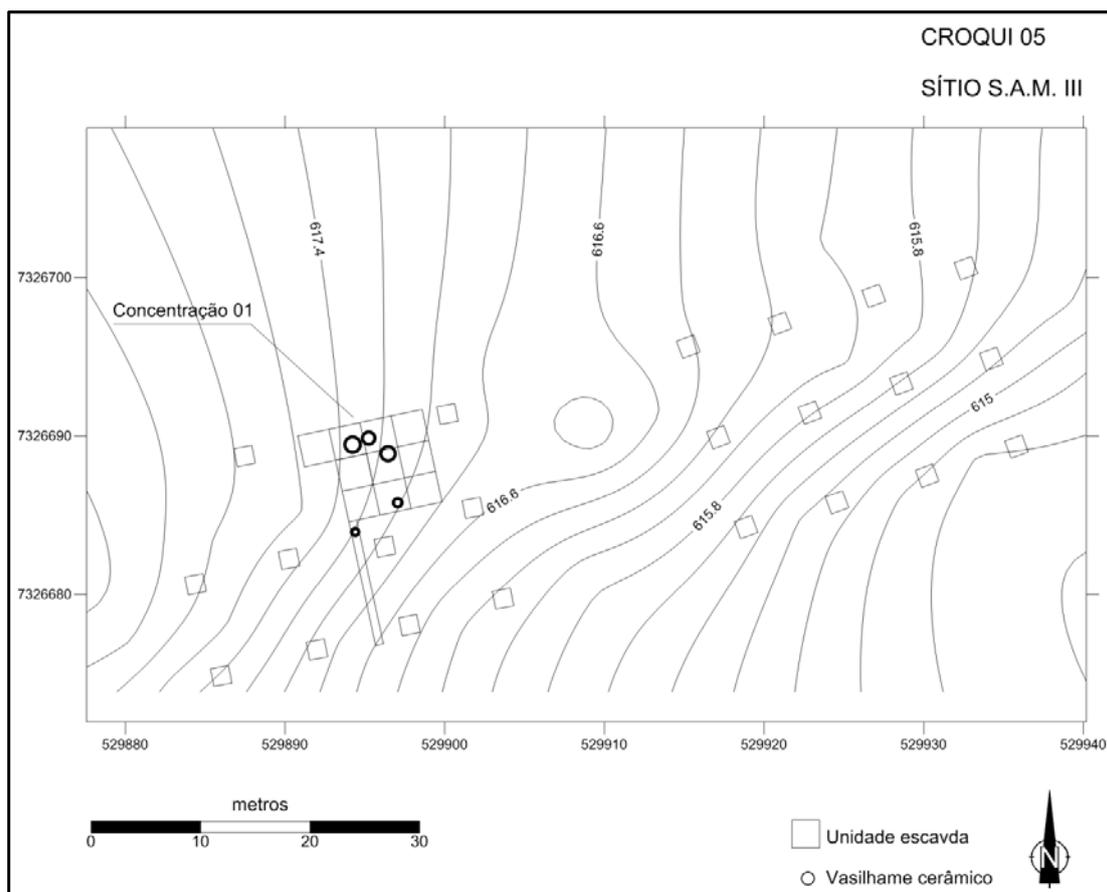
O sítio S.A.M III está localizado na margem esquerda do rio Tibagi, no município de Ortigueira, distante cerca de 80 metros do referido rio. Está inserido numa área de topo com uma descida íngreme até a margem do rio. Do lado oposto, a descida leva a uma área alagadiça com uma nascente d'água. A elevação do terreno é de 610 metros.

O material localizado no sítio consiste de fragmentos de recipientes cerâmicos dispostos em superfície numa área de 2512 m<sup>2</sup>. A partir das concentrações de material foram realizadas aberturas de unidades de escavação na área do sítio para averiguar demais vestígios em profundidade e a real extensão da dispersão dos fragmentos cerâmicos (figura 13).

Durante a escavação foram verificados três conjuntos de materiais onde constatou-se tratarem de estruturas funerárias. Durante a escavação também foram recolhidos três vasilhames íntegros nas proximidades deste local. As demais áreas abertas apresentaram uma densidade artefactual muito baixa, excetuando as unidades em torno das urnas. Não foram identificadas concentrações de materiais além das urnas e as estruturas do sítio se limitam aos três conjuntos funerários.

Dos 997 fragmentos recolhidos no sítio, foi possível remontar diversos conjuntos e alguns vasilhames puderam ser revertidos quase a sua forma íntegra. Desse modo pode-se verificar que o local era utilizado especificamente para os sepultamentos, com baixa densidade de vasilhames atribuídos a funções domésticas e/ou atestando maior densidade populacional.

A data para um dos contextos funerários foi de 365±35 que está muito próxima do período de contato. Porém, não há indícios seguros da influência européia nos registros do sítio.



**Figura 13** – Croqui do sítio S.A.M. III.

#### 4.6 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO

Como cerne da pesquisa, o material cerâmico foi conduzido a uma análise que permitiu classificá-lo em diferentes tipos e chegar a dados que conduzissem a um entendimento tecnológico para compreensão dos padrões e elementos pertinentes aos objetivos da pesquisa.

Diferentemente do que se produziu nos estudos cerâmicos no Brasil durante longa data, os objetivos não buscam uma abordagem tipológica que caracterize ou reconheça determinada tradição ou fase arqueológica, nem a simples diferenciação dos tipos. Sabe-se, de antemão, já pelo volume de literatura arqueológica produzida ao longo dos anos, que a tradição

Tupiguarani apresenta determinadas características na cerâmica, esta inclusive é praticamente diagnóstica para a referida tradição.

Os inúmeros trabalhos realizados sobre os grupos Guarani arqueológicos trazem uma variedade de abordagens e métodos para a pesquisa. O que difere entre as escolhas feitas nesta são os objetivos propostos. Pesquisadores como, Brochado (1984), La Salvia e Brochado (1989), Robrahn (1989), Soares (2004), Moraes (2007) e Milheira (2008), para citar alguns, já criaram, repensaram e adaptaram às suas pesquisas os métodos de análise propícios aos contextos e objetivos que detinham. Se no período do PRONAPA foi necessária a criação de um método para organizar a enorme quantidade de dados e classificar em tradições e fases, posteriormente o trabalho na variabilidade artefactual foi imprescindível para diferenciar particularidades existentes dentro dos grupos. Nesse sentido, para esta dissertação, faz-se uso da literatura já produzida e consagrada no meio acadêmico e que também será adaptada para o contexto da pesquisa.

Os vestígios arqueológicos analisados nesta pesquisa são compostos de fragmentos de vasilhames cerâmicos, especificamente aqueles classificados com pertencentes à tradição Tupiguarani (ou como faz-se menção nesta pesquisa, apenas Guarani).

Os conjuntos cerâmicos de cada sítio foram considerados em totalidade e quantificados. Nesta etapa, realizou-se uma triagem do material selecionando os vestígios considerados diagnósticos e não-diagnósticos. Os fragmentos de tamanho inferior a 2 milímetros foram separados, quantificados e retirados da análise, por serem unidades pouco significativas na compreensão analítica. Os demais fragmentos cerâmicos foram organizados de maneira a formarem, quando possível, conjuntos em função de pertencerem a um mesmo vasilhame.

De maneira similar aos trabalhos realizados por Robrahn-González (1989; 1996) e Moraes (2007) a análise empregada não se ateve simplesmente na quantificação dos fragmentos e na sua classificação tipológica. O objeto de análise sempre foi o vasilhame enquanto material produzido, utilizado e

descartado pelos grupos Guarani pretéritos. Visto que os artefatos foram produzidos para determinado fim, e os mesmos compartilharam dos aspectos sociais, políticos, econômicos e simbólicos destes grupos (BINFORD, 1962), eles detêm informações para os objetivos desta pesquisa.

Assim, os elementos diagnósticos para a análise foram selecionados a partir dos fragmentos que apresentavam informações pertinentes ao vasilhame íntegro, seja conjuntos de fragmentos ou simplesmente as bordas dos vasilhames que permitissem projetar a sua forma (BROCHADO e MONTICELLI, 1994). Com o acesso aos vasilhames, a análise foi conduzida de modo a ressaltar os elementos tecno-tipológicos orientados pelos aspectos de escolhas e uso/função de cada recipiente. Simultaneamente ao fato de a amostra ser qualitativa no que tange à definição de unidades de análise, isto é, aos vasilhames, foi necessário determinar dentre os fragmentos e conjuntos selecionados um número mínimo de recipientes que, posteriormente seriam unidades importantes no processo analítico.

O número mínimo de recipientes, comumente usado em arqueologia histórica, permite acessar informações relativas à distribuição da cerâmica no sítio e melhor ilustra, aliado a uma classificação funcional, os usos dos recipientes antes deles fazerem parte do registro arqueológico (VOSS e ALLEN, 2010). Para a presente pesquisa, o número mínimo de recipientes busca auxiliar na definição das unidades analíticas e projetar um número de vasilhames presentes na amostra de cada sítio arqueológico, visto que um dos fins implica na proporção de vasilhas por tipos funcionais.

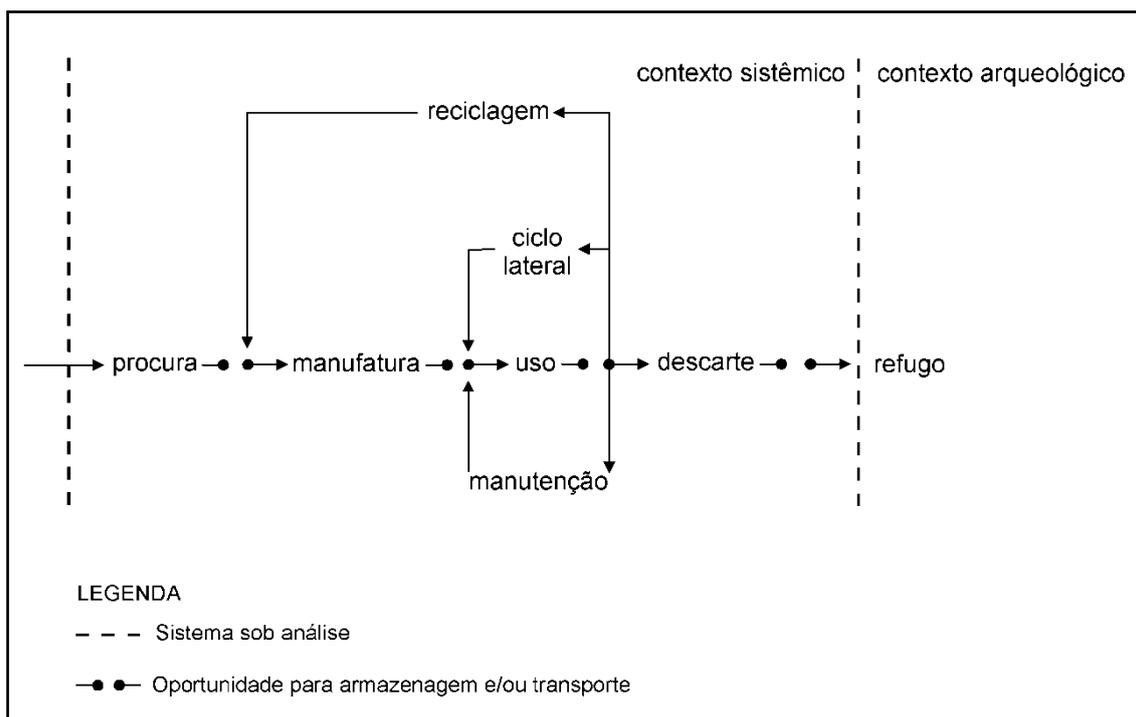
Rice (1987, p. 292-293) aponta dois métodos para determinar o número mínimo de recipientes: o quantitativo e o qualitativo. O modo quantitativo é baseado na quantificação e medida de fragmentos de bases e bordas, mais adequado para amostras de materiais originários de produção em massa. O modo qualitativo, por outro lado, agrupam-se os fragmentos que representam um vasilhame. Sua vantagem reside no fato de que permite acessar mais informações sobre o vasilhame, já que possui frações de várias

partes do recipiente, dessa forma considerando melhor as amostras de material artesanal (VOSS e ALLEN, 2010).

Esse método, embora possa ser subjetivo em determinados momentos (especialmente o qualitativo), elimina a possibilidade de alguns equívocos analíticos, como a questão dos vasilhames maiores produzirem maior número de fragmentos (seja do corpo do vasilhame ou da borda) e as unidades de análise, mesmo que pautadas só em fragmentos diagnósticos, como as bordas, não serem repetidas pelo fato de ser duas ou mais frações de um mesmo recipiente mas possuir medidas diferentes (no caso do diâmetro da borda).

Mesmo com algumas imperfeições no método, tanto pela subjetividade na seleção da amostra quanto na sua interpretação em determinados momentos, o uso de um número mínimo de recipientes não pode ser descartado, visto que os grupos no passado não faziam uso de fragmentos, mas sim dos recipientes (VOSS, 2002, p. 661 *apud* VOSS e ALLEN, 2010, p. 1-2).

Com a amostra definida, buscou-se implementar outro elemento que também foi considerado de importância no processo de análise: as etapas de produção do artefato. Cada vasilhame foi produzido a partir de uma série de etapas que envolvem escolhas conscientes por parte do artesão. Os atributos selecionados para a análise dos "vasilhames" consideraram essas etapas, de maneira similar aos conceitos de cadeia comportamental de Schiffer (1972), observado na figura 14.



**Figura 14** – Cadeia comportamental. Fonte: Schiffer (1972).

Desse modo, durante a análise do material cerâmico, as etapas da cadeia comportamental foram consideradas na seleção das variáveis, de modo que poderiam ser evidenciados, além dos elementos que correspondem a elaboração e uso dos vasilhames, aspectos pós deposicionais ou de reciclagem dos vasilhames, assim como possíveis usos diferentes daqueles diagnosticados por outros atributos e considerados o “padrão” de determinado recipiente.

Os atributos de análise levados em consideração foram selecionados da literatura arqueológica tradicional, com base em trabalhos consagrados na arqueologia. Em especial, salienta-se que, para a presente pesquisa, a priorização de determinados atributos foram necessários para uma posterior interpretação.

Para os objetivos desta dissertação, determinados traços presentes nas unidades de análise geram informações pertinentes para a compreensão de fenômenos relacionados a densidade populacional ou a própria função do sítios arqueológico. De acordo com Plog (1980), atributos como

decoreção/acabamento de superfície, composição da pasta/antiplástico, uso/função e diâmetro da borda podem apresentar informações importantes na caracterização de questões como sazonalidade ou uso/função do sítio arqueológico.

Wilson (2005, p. 147-150), ao realizar a análise do material cerâmico de *Moundville I* no estado do Alabama, Estados Unidos, utilizou uma abordagem funcional pautado na priorização das categorias de forma, tamanho, composição da pasta, tratamento de superfície e marcas de uso, as quais foram extraídos através da determinação de um número mínimo de recipientes, evitando, dessa forma, um dos problemas que estaria relacionado à quantificação dos fragmentos. Desse modo, Wilson fez uso de apenas bordas de recipientes cerâmicos, que seriam facilmente selecionados na amostra do material e proveriam informações adequadas para a função dos vasilhames<sup>23</sup>.

Um dos problemas deste método havia sido evidenciado por Shapiro (1984, p. 700-701), e reside no fato de que bordas de recipientes cerâmicos fragmentados podem ter sido utilizados por propósitos diferentes daqueles em que o vasilhame originalmente pode ter sido confeccionado. Além disso, as bordas podem apresentar resoluções em que um fragmento destas, muitas vezes é pequeno demais para dar informações precisas, como no caso em que se determina o diâmetro do vasilhame. Para corrigir esta disparidade, considerou-se a proporção e tamanho dos fragmentos de bordas para a confiabilidade da análise e projeção, tanto do diâmetro do vasilhame (medido com um ábaco de círculos concêntricos), quanto a porcentagem representativa de cada borda medida (variando entre > 5% até < 10%). Quando o fragmento em questão não propiciava dados suficientes para medições confiáveis ou que levassem a função presumida, caracterizava-se como “sem leitura” para fins de não afetar o restante da amostra analisada.

Dos atributos analisados com base na Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica (CHMYZ [Ed.], 1976, p. 119-147), quatro deles

---

<sup>23</sup> Como Wilson (2005: 191) também explica, poder-se-ia fazer uso das bases dos recipientes, porém as formas dos vasilhames são reconhecidas com maior facilidade através das bordas, além que, considerando bordas e bases poderia gerar repetições na análise visto que ambos poderiam ser incluídos sem serem diagnosticados como pertencentes ao mesmo vasilhame.

foram considerados de relevância para os objetivos desta pesquisa: decoração/acabamento de superfície, antiplástico/tempero, função e tamanho/diâmetro da borda. Os demais atributos analisados e não listados aqui contribuíram, principalmente, na compreensão dos demais elementos, como no caso dos tipos de borda, frequência do antiplástico, marcas de uso entre outros. Alguns atributos também foram necessários para compreender fenômenos pós deposicionais, como o estado de conservação dos fragmentos.

### *Matéria-prima*

Para a seleção da pasta foram elencados os atributos antiplástico e frequência do antiplástico. Também conhecido como tempero, são caracterizados pelos elementos não plásticos, normalmente de origem mineral (conforme verificado na amostra analisada), e que são inseridos, muitas vezes, conscientemente para obter uma melhor textura no trabalho do vasilhame e propiciar resistência ao estresse térmico. Para a observação destes dois atributos foi usado um microscópio com aumento até 50 vezes. As variáveis selecionadas são mineral (de modo geral, mas normalmente grãos de quartzo), chamote<sup>24</sup> e carvão.

A frequência do antiplástico nas peças foi medida conforme as propostas de Orton, Tyers e Vince (1993) e La Salvia e Brochado (1989), com variação entre menor de 10% até superior a 30%. Esta graduação implica na maleabilidade da pasta e conseqüentemente no resultado da queima.

### *Manufatura*

Por ser o processo mais complexo da cadeia de fabricação do recipiente, esta etapa envolveu um maior número de atributos.

A manufatura envolve a técnica que foi escolhida para a confecção do recipiente. Comumente, para a cerâmica Guarani da área de estudo, conhece-se os métodos acordelado/roletado e modelado, os quais foram predominantes na amostra analisada.

---

<sup>24</sup> Termo utilizado para a designação da utilização de fragmentos cerâmicos moídos e adicionados à pasta, em granulações variáveis (LA SALVIA e BROCHADO, 1989, p. 16).

O tratamento de superfície foi considerado toda atividade que alterasse a superfície do vasilhame, já modelado, com a aplicação de técnicas pertinentes ao seu acabamento. Passando de atividades mais simples como o alisamento, até o banho, engobo, barbotina e o brunido. Foram considerados na análise as faces internas e externas, visto que os tratamentos poderiam ocorrer em ambas e que implicaria na função na qual o vasilhames seria destinado.

A técnica de decoração também foi incluída como um acabamento da peça já moldada. Esta elencada sob a utilização de técnicas cromáticas, plásticas, ou ambas e, quando o acabamento finalizava no simples alisamento prévio, ausente. Subseqüente a este atributo, o tipo de decoração plástica foi considerado conforme apresentado na Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica (CHMYZ [Ed.], 1976), porém alguns atributos foram generalizados em suas variações, como o corrugado e o ungulado<sup>25</sup>; os demais foram definidos por inciso, escovado, acanelado, impresso, aplicado, entalhado na borda entre outros. A opção por limitar a variação dos tipos corrugado, ungulado, inciso e escovado, fez-se em virtude de que para os objetivos desta pesquisa muitos deles não seriam necessários à proposta.

No caso da decoração cromática, definiu-se nas categorias de atributo, a cor presente no campo primário e secundário para verificar a variabilidade da aplicação da mesma.

Além disso, alguns elementos tornam-se de grande importância na definição de sua função ou uso presumido, os quais são praticamente verificados em diversos estudos cerâmicos e confirmados por dados etnoarqueológicos. O acabamento de superfície, principalmente entre os tipos cromáticos ou que receberam banho, não são utensílios usados sobre o fogo (MORAES, 2007, p.128; PLOG, 1980, p. 83-85).

A queima, um dos últimos processos da manufatura do vasilhame, foi considerada às opções da queima redutora ou oxidante. A escolha dessas

---

<sup>25</sup> Diversas classificações para estes e outros atributos decorativos podem ser vistos em La Salvia e Brochado (1989).

técnicas influi no resultado vislumbrado na cerâmica. Além destas duas variáveis, outros tipos combinando particularidade das duas queimas também foram considerados.

### *Função*

Para determinar a função do vasilhame foram observados uma série de atributos que caracterizam os vasilhames específicos aos determinados usos. Juntamente com essa perspectiva, as classificações etnohistóricas propostas La Salvia e Brochado (1989); Brochado, Monticelli e Neumann (1990); e Brochado e Monticelli (1994) auxiliam na compreensão dessa definição.

A forma da borda, conforme a definição presente na Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica (CHMYZ [ed.], 1976, p. 123-125), abrange nove variações: direta, vertical, Inclinação internamente, inclinação externamente, introvertida, extrovertida, cambada, expandida e contraída.

O diâmetro da borda foi estimado a partir do uso de um ábaco de círculos concêntricos, juntamente com a porcentagem existente de cada fragmento utilizado, no valor inferior a 5% até superior a 10%, onde a confiabilidade da medição recai nas medições superiores a 10% da borda.

O ângulo da borda também foi considerado de modo a verificar a inclinação desta com relação ao vasilhame. Juntamente com esse atributo se observaram as aberturas do orifício do vasilhame, entre restringidas e não restringidas.

As marcas de uso, quando presentes, foram melhor representadas nos conjuntos íntegros ou semi íntegros. Em raros casos foi possível observar marcas muito próximas à borda ou na parte superior do bojo. Marcas de oxidação e craquelamento foram as observações mais comuns, visto que estas indicariam o possível uso do vasilhame.

O estado de conservação do fragmento também foi necessário na análise, pois apontaria tanto para a confiabilidade de alguns atributos analisados e indicaria elementos do processo pós deposicional sofridos pelos

fragmentos quando entrando na categoria de refugo de fato (SCHIFFER, 1972).

Os últimos dois atributos envolvidos na função estão relacionados à classificação etnohistórica conforme proposta Brochado, Monticelli e Neumann (1990), e Brochado e Monticelli (1994), com base nos trabalhos de La Slavia e Brochado (1989) e no *Tesoro de la Lengua Guarani, ó más bien Tupi* (1640 [1876]) de Montoya, onde representa a projeção dos vasilhames para reconstrução gráfica. Conforme os autores supracitados, cada categoria de vasilhame, com base em dados recolhidos em diversas coleções de recipientes íntegros, possui uma variação em sua altura, proporcional ao diâmetro da borda e ao seu contorno, o que auxiliaria nesta projeção. Infelizmente, a confiabilidade do método não é representativo para todos os tipos de vasilhames, havendo uma margem grande para determinadas categorias.

Aliado ao já referido trabalho realizado por La Slavia e Brochado (1989), o qual buscou em fontes etnohistóricas do início do período colonial (onde presume-se que o impacto da colonização ainda não assumia a proporção que teve na desestruturação das comunidades ameríndias), a opção pela amostragem através de um número mínimo de recipientes aponta para uma definição e quantificação dos conjuntos cerâmicos em função dos seus usos presumidos. As categorias evidenciadas, por sua vez, são representativas enquanto relacionadas a atividades específicas de cunho econômico, social, político e simbólico. Desse modo, as informações que se dispõem podem levar a interpretações mais concisas aos já citados aspectos dos grupos Guarani pré-coloniais.

Ao escolher esse método, a pesquisa objetiva através da classificação funcional prover um quadro comparativo entre as frequências das formas com o tamanho e característica dos sítios das quais são provenientes (SHAPIRO, 1984).

#### 4.7 OS GRUPOS FUNCIONAIS

Na literatura consultada (BROCHADO e MONTICELLI, 1994) é possível identificar seis grupos funcionais para os vasilhames cerâmicos da tradição Tupiguarani - *yapepó* (panela de cozinhar), *ñaetá* (caçarola), *cambuchí* (talha para armazenar ou fermentar líquidos), *ñaembé* (prato de comer) e *cambuchí caguãba* (tigela para beber). De um modo geral, no caso do material meridional, associado especificamente aos Guarani, e nas amostras analisadas, não foi identificado uma das categorias, o tostador. Este parece estar mais relacionado aos grupos setentrionais e do litoral, onde é um instrumento mais comum nas amostras dos sítios arqueológicos.

No caso do material analisado neste trabalho foi possível identificar cinco grupos citados por La Salvia e Brochado (1989); Brochado, Monticelli e Neumann (1990); e Brochado e Monticelli (1994), os quais são atribuídas as suas funções presumidas, visto que os vasilhames podem ter sido multifuncionais ou recebido outro uso nos determinados contextos.

##### *Panelas de cozinhar (yapepó)*

São tipos comuns entre as amostras de materiais e podem ser facilmente reconhecidas. Frequentemente possuem “base conoidal e paredes infletidas, com bojo bem marcado e borda côncava, vertical ou inclinada para fora, que salvo os detalhes, parecem homólogos das panelas européias” (BROCHADO e MONTICELLI, 1994, p. 109). Normalmente aparecem com tamanhos variados, mas tendem a não ser de proporção pequena (salvo miniaturas) e com menor frequência aparecem em tamanhos grandes. É possível verificar um padrão nos tipos decorativos, sendo o corrugado (e suas variações) o mais comum; também representativo nas amostras são o ungulado (e variações) e as vasilhas apenas alisadas.

Seu uso é facilmente presumido não apenas pela literatura arqueológica e etnohistórica, mas na observação de marcas de oxidação

comuns aos vasilhames que vão ao fogo e, em raras ocasiões, nos depósitos de carbono no interior e exterior de fragmentos e recipientes.

#### *Caçarola (ñæetá)*

Similar ao seu homônimo europeu, possuem “forma aproximadamente tronco-cônica, com borda direta, contínua com a parede, aproximadamente vertical ou inclinada para fora e base aplanada ou levemente arredondada” (BROCHADO e MONTICELLI, 1994, p. 112).

Possuem dimensões relativamente grandes se comparadas com outros utensílios, sempre abertos e comumente são encontrados sobrepostos em panelas (*yapepó*) ou sobre os conjuntos funerários, cobrindo a abertura das urnas.

Seu uso, a exemplo do *yapepó*, é facilmente presumido quando se identificam as marcas de oxidação causadas pelo fogo e ausência de decorativos cromáticos. É comum verificar *ñæetá* com decoração corrugada (e variantes) bem como apenas alisado.

#### *Talha, cântaro ou jarro (cambuchí)*

Com dimensões grandes, decoração cromática na metade superior, algumas vezes de contorno complexo e bojo pronunciado, esses vasilhames são facilmente reconhecidos nas coleções arqueológicas. Identificados frequentemente nos contextos funerários, as chamadas urnas na realidade detém mais de uma função presumida na sua vida útil.

O dicionário de Montoya (1876[1650]) denomina-as como vasilhames para conter líquidos, provavelmente as bebidas fermentadas e possivelmente também água. Na sua apreciação comparando com seus correspondentes espanhóis, “as formas européias têm em comum a forma elipsoidal vertical ou duplo-cônica, com o diâmetro maior situado no bojo, acima da metade da altura, base conoidal, parte superior restringida formando um pescoço e borda extrovertida” (BROCHADO e MONTICELLI, 1994, p. 113).

Sua multifuncionalidade se torna evidente principalmente nos contextos em que localizada, onde comumente vê-se relacionada aos conjuntos funerários. Devido suas dimensões grande acabam portando o sepultado e outros objetos, sendo depositadas no solo e cobertas pelos *ñæetá*.

Considerado seus dois contextos de utilização mais prováveis, conter bebidas fermentadas e receptáculo de sepultamento, percebe-se a importância que esses vasilhames detinham dentro do sistema Guarani. Enquanto elaborado em grandes dimensões com maior regularidade, seu uso está diretamente ligado à questões sociais e simbólicas. A sua frequência nos contextos arqueológicos também é de suma importância, já que estes vasilhames apontam para atividades mais elaboradas e podem ajudar a inferir sobre questões da organização social, ritualística e simbólica, bem como aspectos econômicos e estar ligado à densidade populacional de determinado assentamento.

Ainda sobre este conjunto, La Salvia e Brochado (1989, p. 132) discorrem:

Essas talhas seriam utilizadas para preparar e servir bebidas fermentadas alcoólicas (CÃGUY), porém algumas serviriam também para carregar e armazenar água. Constituem a maior parte das coleções de vasilhas inteiras de cerâmica Guarani e sua preservação se deve ao fato de terem sido enterradas contendo sepultamentos primários ou secundários; constituindo o que se denomina usualmente urnas funerárias e, erroneamente, IGAÇABAS. Esta função seria porém secundária em relação a de conter líquidos, principalmente CÃGUY, para a qual teriam sido realmente produzidas. É possível que algumas tivessem sido produzidas expressamente para conter sepultamentos, mas não há informações a respeito. Montoya (1892, p. 52) usa o termo *tinaja*, i.e. talha, para descrever estas urnas funerárias e indica que estavam cobertas por um prato.

#### *Prato (ñæembé)*

Segundo Brochado e Monticelli (1994, p. 115) esses recipientes são de fácil identificação devido a sua forma, que correspondem a “pratos e tigelas

muito abertas, com a borda convexa, contínua com as paredes, aproximadamente vertical ou inclinada para fora”.

A frequência de se localizar um *ñaembé* íntegro em coleções e amostragens é rara, porém seus fragmentos tendem a ter certa assiduidade no registro arqueológico, embora baixa, e poucas vezes apresentam dimensões grandes, mas ainda assim existentes.

#### *Tigela de beber (cambuchí caguãba)*

Não há uma descrição nem referência sobre essa classe no dicionário de Montoya. Sua denominação seria “vaso onde se bebe” ou “instrumento de beber”. Estaria associado à preparação, serviço ou consumo de bebidas.

Frequentemente é identificada com decoração cromática a exemplo dos *cambuchí*, mas formas similares também podem ser reconhecidas com decoração corrugada ou ungulada. Não são vasilhas que vão ao fogo e quase sempre acompanhavam as urnas funerárias. Por apresentar o nome *cambuchí* em sua nomenclatura, Brochado e Monticelli (1994, p. 115) assume a possibilidade de ser "qualquer vasilha relacionadas à preparação, serviço ou consumo de bebidas".

Suas dimensões variam de 12 a 26 centímetros de diâmetros da borda, embora não haja uma referência de tamanhos nos escritos etnohistóricos.

Sua função é presumida como utensílio para consumir as bebidas fermentas e sua frequência nos contextos arqueológicos é geralmente grande, algumas vezes quase igualando a proporção dos aparatos de preparação e cocção de alimentos. Sua alta frequência talvez possa sugerir um uso individualizado ou restrito a determinados membros.

La Salvia e Brochado (1989, p. 132), definem essa classe de recipientes do seguinte modo:

No caso do CAMBUCHI para beber líquidos, principalmente CÃGUY (CAMBUCHÍ CAGÔABA), traduzimos o vocábulo para tigela de beber, pois os identificamos com as vasilhas arqueológicas Guarani com esta forma, muito representadas nas coleções de vasilhas inteiras, por se encontrarem dentro das talhas usadas como urnas funerárias. São típicas as tigelas conoidais de contorno simples, não-restringidas e restringidas.

## 4.8 DADOS PRODUZIDOS

Ao todo foram analisadas 380 unidades provenientes de fragmentos de bordas, conjuntos de fragmentos e recipientes íntegros, representando uma amostra dos cinco sítios alvos da pesquisa.

QUADRO 05 – NÚMERO TOTAL DE FRAGMENTOS ESCAVADOS X NMR

Sítio Arqueológico	Número total de vestígios	Número mínimo de recipientes
Barra Grande VIII	799	92
Cachoeirão V	818	116
Lago da Barragem VI	534	81
Salto dos Alemães I	585	57
SAM III	997	34
TOTAL	3740	380

### 4.8.1 Conjunto cerâmico do sítio Barra Grande VIII

Este conjunto é composto por 799 fragmentos cerâmicos dos quais resultou em 92 unidades de análise. Grande parte do material estava disposto superficialmente o que facilitou na identificação de áreas de concentração e posteriormente orientou as escavações.

QUADRO 06 – NÚMERO DE FRAGMENTOS POR UNIDADE DO SÍTIO BARRA GRANDE VIII

	nv 1	nv 2	nv 3	nv 4	nv 5	Total
Quadrícula 1	41		4			45
Quadrícula 2	35					35
Quadrícula 3	8	10	7	6		31
Quadrícula 4			3			3
Quadrícula 5		18				18
Quadrícula 10		6	5			11
Quadrícula 11		1				1
Quadrícula 12		9				9
Quadrícula 13	1	4	1			6
Quadrícula 14	22	13	47			82
Quadrícula 16	1					1
Quadrícula 17	7	7	5	8		27
Quadrícula 18	21					21
Quadrícula 19	13	10		9		32
Quadrícula 22	6		12		1	19
Quadrícula 24		8				8
Quadrícula 25	6	13	4	10		33
Quadrícula 26	1					1
Quadrícula 28			4		4	8
Quadrícula 32				10		10
Superfície						398
Totais por Nível	162	99	92	43	5	799

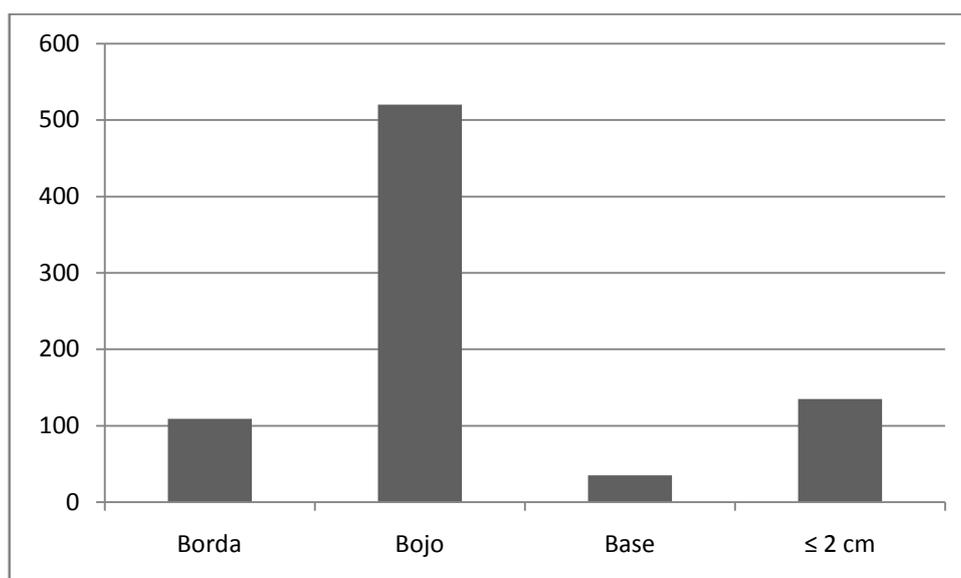
Além dos vestígios cerâmicos a existência de dois calibradores em rocha basáltica e um tembetá em quartzo polido (figura 15) compõem vestígios relevantes no conjunto material. Tanto os calibradores quanto o tembetá foram

identificados no mesmo contexto, os dois primeiros expostos na superfície, e o último nos primeiros níveis de escavação.



**Figura 15** – Prancha dos calibradores e tembetá escavados no sítio Barra Grande VIII.

A amostra apresenta maior proporção dos fragmentos relacionados ao bojo ou parede dos recipientes. A quantidade de cacos inferiores à 2 centímetros, isto é, a fração não representativa para a análise, apresentou 16,90% da totalidade (gráfico 02).

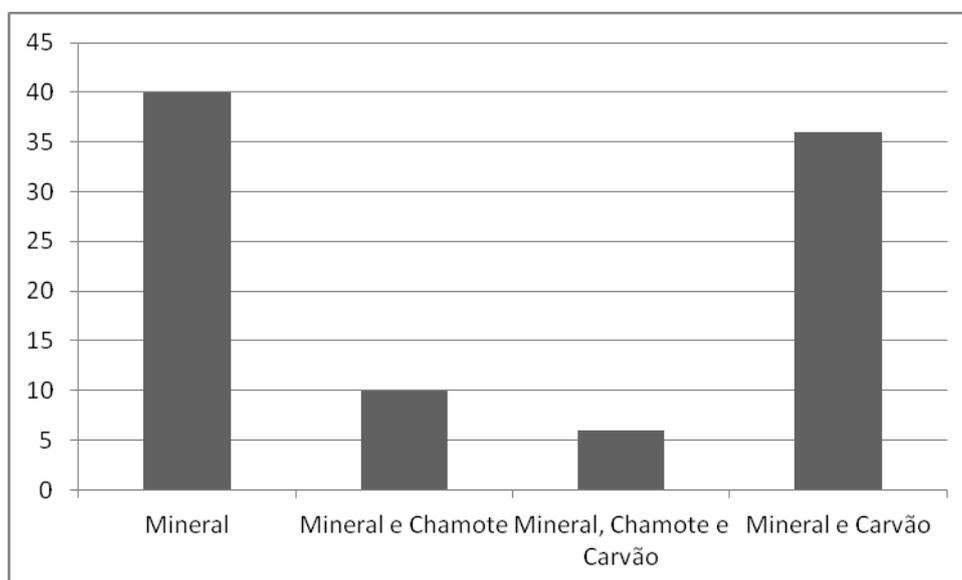


**Gráfico 02** – Proporção de fragmentos por tipo do sítio Barra Grande VIII.

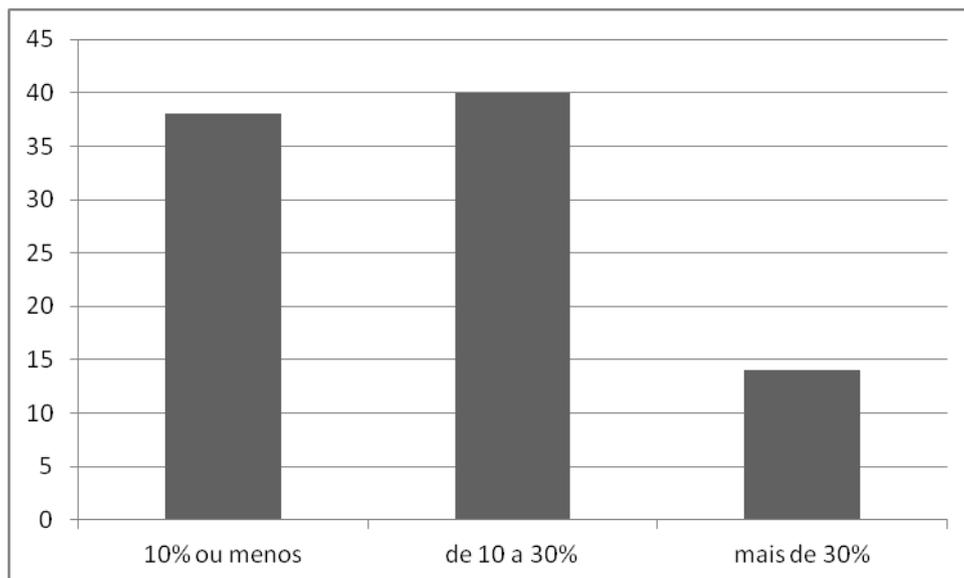
No que tange à matéria-prima para a produção dos recipientes, verificou-se uma proporção elevada de antiplástico composto por mineral (43,47%) e o que compartilhava mineral e carvão (39,13%). Juntos, eles representam 82,60% da amostra o que demonstra uma parcela consideravelmente grande (gráfico 03).

O composto mineral, normalmente representado por grãos de quartzo, está presente em todas as variáveis neste sítio, sendo uma característica marcante na análise deste atributo. Frequentemente, o tempero de quartzo aumenta a eficiência térmica dos vasilhames, aperfeiçoando a qualidade daqueles destinados à cocção (MORAES, 2007: 148).

A pasta, por sua vez, apresenta uma consistência na frequência em que se observa o antiplástico, sendo 84,78% das amostras com plasticidade considerável, não ultrapassando o valor de 30% na proporção de tempero aplicado ao barro (gráfico 04).



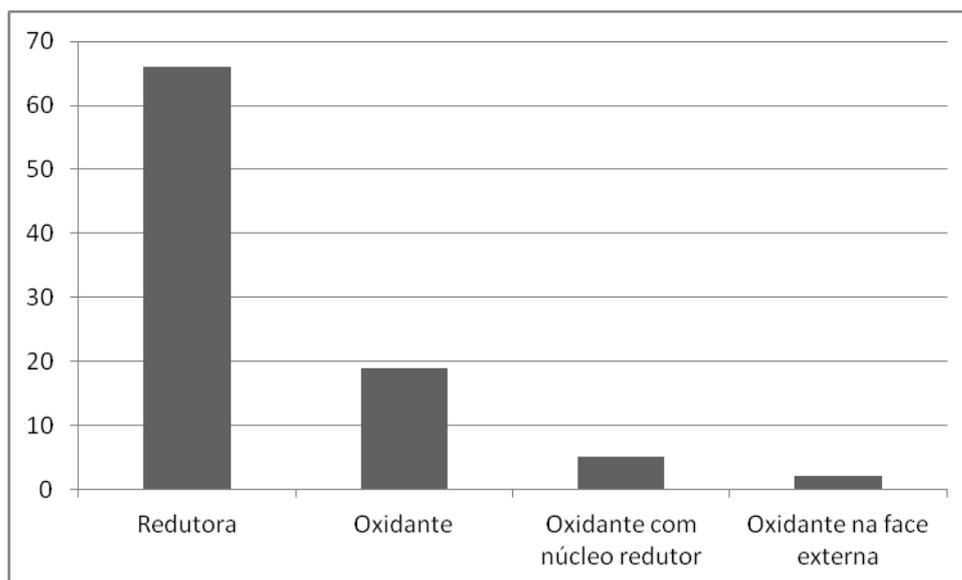
**Gráfico 03** – Proporção dos tipos de antiplástico do sítio Barra Grande VIII.



**Gráfico 04** – Proporção da frequência do antiplástico do sítio Barra Grande VIII.

A manufatura dos artefatos aponta para uma proporção de 97,82% dos vasilhames produzidos pela técnica de sobreposição de roletes. Este número expressivo pode estar implicado também na proporção das vasilhas, que raramente possuem dimensões muito pequenas ou que necessitariam de uma técnica por modelagem.

A queima dos vasilhames apresentou uma disparidade quanto àquelas que possuem queima redutoras, sendo o percentual mais significativo da amostra com 71,73% de representatividade (gráfico 05).

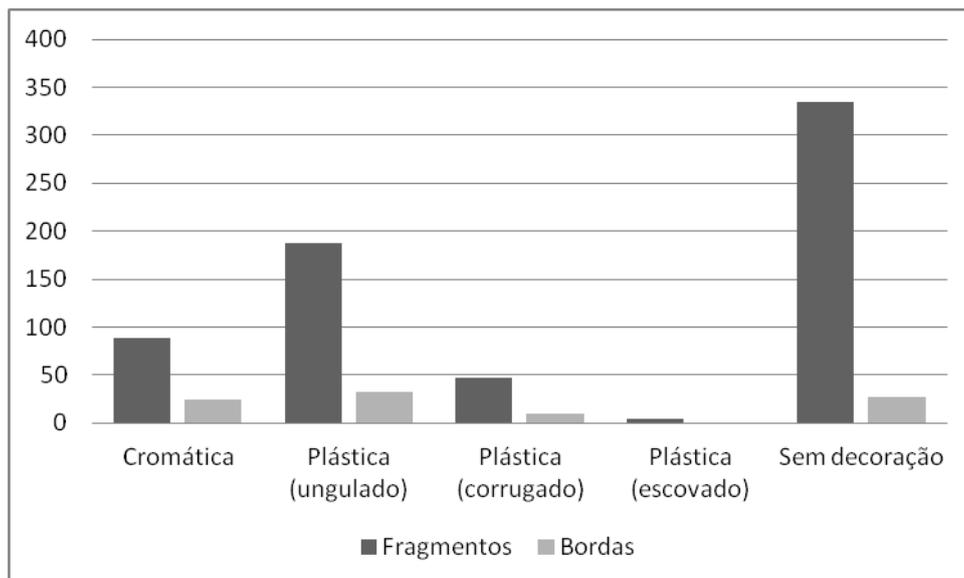


**Gráfico 05** – Proporção dos tipos de queima do sítio Barra Grande VIII.

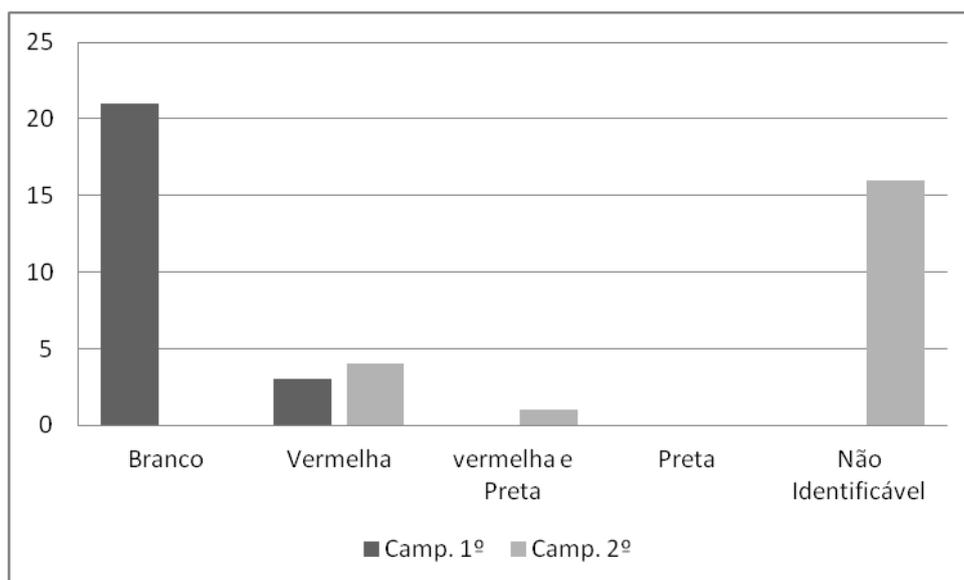
As decorações foram predominantes no que tange o atributo "sem decoração" atribuído aos vasilhames que não receberam outros acabamentos após a junção dos roletes e apenas o alisamento da parte externa do recipiente (gráfico 06).

É possível, também, ver uma maior proporção do tipo unglado sobre o corrugado. Ambos, normalmente estão ligados aos utensílios de preparação dos alimentos, e o tipo corrugado normalmente é predominante. Neste caso, há uma proporção de 34,78% das bordas com decoração unglada e apenas 9,78% com decoração corrugada. A mesma proporção pode ser vista nos totais de fragmentos. Quanto às unidades com decoração cromática, estas representam apenas 26,08% da amostra total.

A decoração cromática apresentou maior proporção de pintura em branco na primeira aplicação, mas poucos fragmentos puderam apresentar estado de conservação suficiente para identificar a existência ou não de outros motivos no campo secundário. Quando ocorreu, a aplicação de vermelho somente, ou vermelho e preto, foram os dois tipos reconhecíveis (gráfico 07).

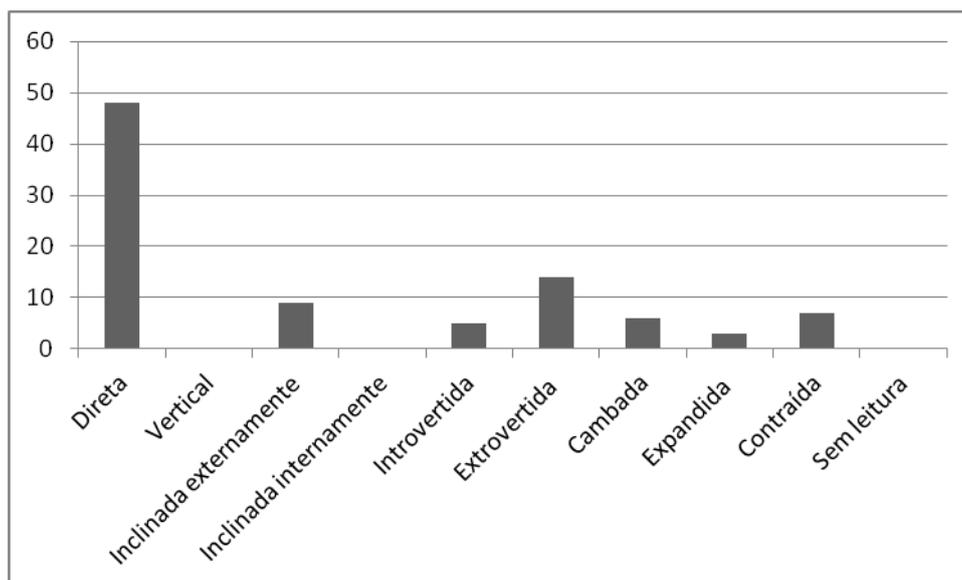


**Gráfico 06** – Proporção das decorações comparando o total de fragmentos e as bordas do sítio Barra Grande VIII.



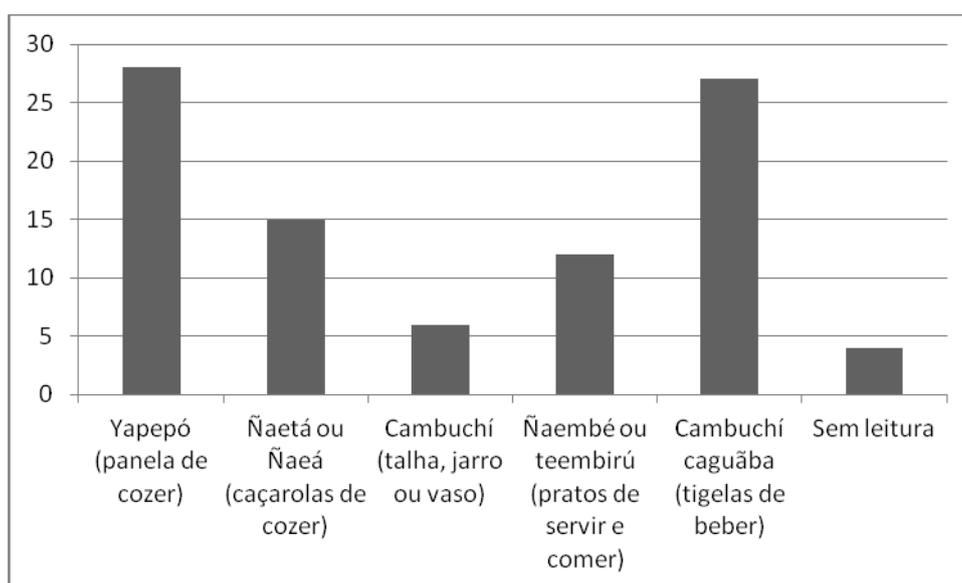
**Gráfico 07** – Proporção dos tipos de decoração cromática do sítio Barra Grande VIII.

Das bordas analisadas, o tipo predominante foi a direta, com uma proporção de 52,17% da amostra, número muito maior que os demais tipos (gráfico 08).



**Gráfico 08** – Proporção dos tipos de borda do sítio Barra Grande VIII.

A função das vasilhas foi obtida com a convergência das características de cada grupo e da análise empregada ao fragmento ou conjunto. O gráfico demonstra uma proporção maior entre os vasilhames do tipo *yapepó* (figura 16) e *cambuchí caguãba* (figura 20). O grupo *cambuchí* (figura 18), o qual representa os vasilhames de maior proporção e que estaria ligado à funções simbólicas, possui a menor proporção entre todos os grupos, o que é esperado de vasilhames que exigem maior esforço na sua produção e tem menor grau de mobilidade dado seu peso e tamanho (gráfico 09).



**Gráfico 09** – Proporção de vasilhames por classificação funcional do sítio Barra Grande VIII.



**Figura 16** – Fragmentos de vasilhames do tipo *yapepó* do sítio Barra Grande VIII.



**Figura 17** – Fragmentos de vasilhames do tipo *ñaetá* do sítio Barra Grande VIII.



**Figura 18** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí do sítio Barra Grande VIII.



**Figura 19** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaembé do sítio Barra Grande VIII.



**Figura 20** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí caguaba do sítio Barra Grande VIII.

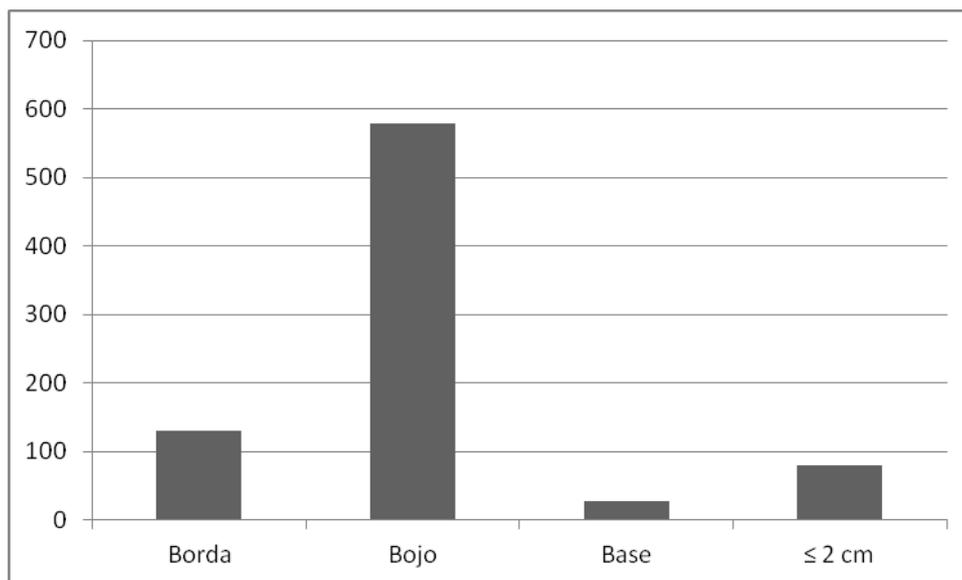
#### 4.8.2 Conjunto cerâmico do sítio Cachoeirão V

O conjunto material do sítio Cachoeirão V é composto por 818 fragmentos de recipientes cerâmicos dos quais foram definidas 116 unidades de análise. A proporção entre o material de superfície e o material em profundidade é quase equivalente. A maior parte dos cacos proveniente do bojo dos vasilhames e a amostra menor de 2 centímetros extraída é de 9,78% do total de fragmentos (quadro 07 e gráfico 10).

QUADRO 07 – NÚMERO DE FRAGMENTOS POR UNIDADE DO SÍTIO CACHOEIRÃO V

	nv 1	nv 2	nv 3	nv 4	nv 5	Total
Quadrícula 1	36	105	8			149
Quadrícula 2		51				51
Quadrícula 3	41	28				69
Quadrícula 7	18	10	33	15	3	79
Quadrícula 8	27					27

Quadrícula 9			1	18	22	41
Superfície						402
Totais por nível	122	194	42	33	25	818

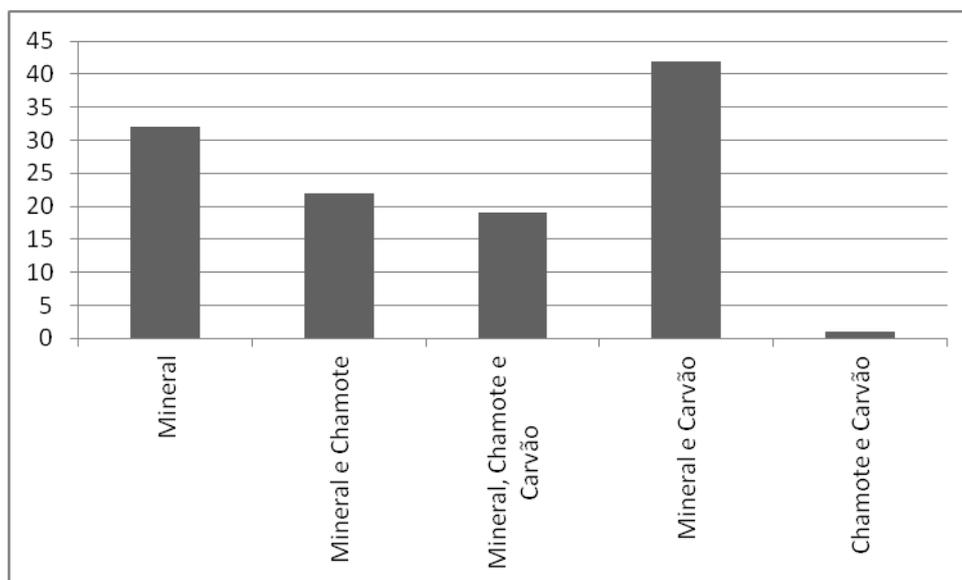


**Gráfico 10** – Proporção de fragmentos por tipo do sítio Cachoeirão V.

Além do material cerâmico foram localizados 7 líticos lascados e um fragmento de cachimbo em cerâmica. O artefato não estava em um contexto bem definido, não estando associado a um conjunto específico.

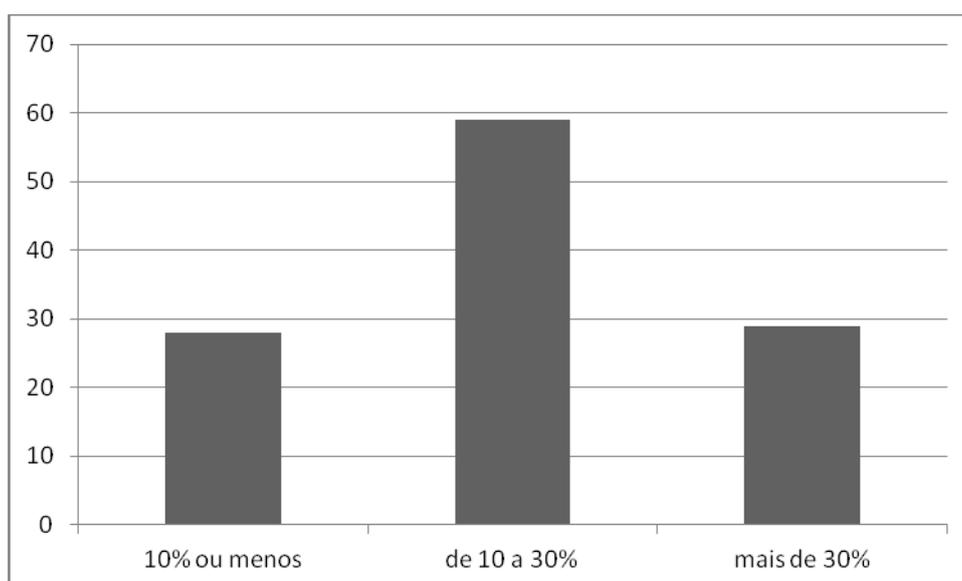
Os vasilhames deste sítio são essencialmente produzidos pela técnica de acordelamento, com 91,38% da amostra analisada correspondendo a este tipo de técnica.

O barro selecionado na elaboração possui uma preferência bem marcada na seleção da pasta e aplicação do antiplástico. O tipo mineral é presente em todas as amostras, representado pelo quartzo moído e grânulos de areia. O chamote, ou caco moído, parece mais abrangente neste conjunto, atingindo considerável proporção da amostra. Ainda assim, o tipo predominante é o mineral associado com carvão com 36,20% da amostra analisada (gráfico 11).



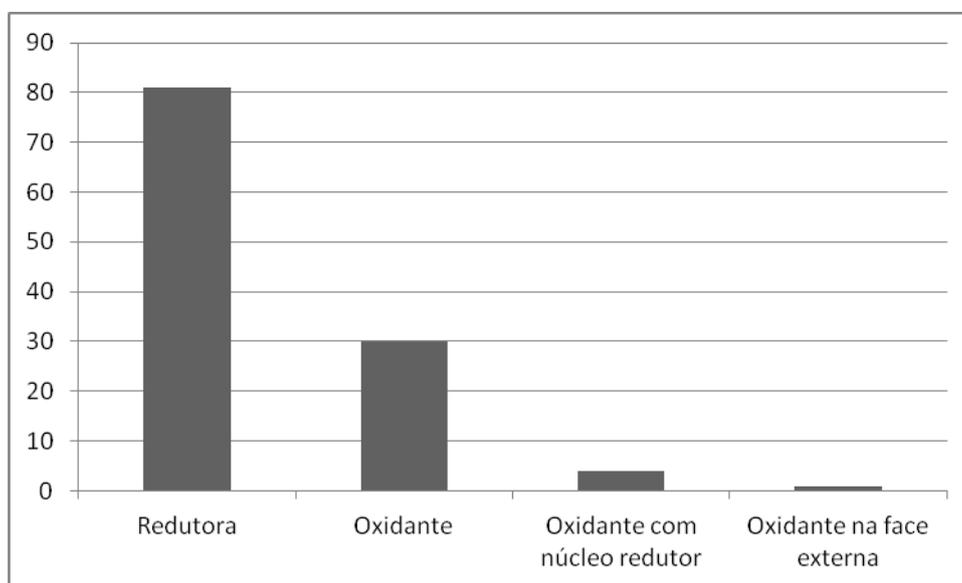
**Gráfico 11** – Proporção dos tipos de antiplástico do sítio Cachoeirão V.

A plasticidade da argila parece atingir um ponto considerado satisfatório para a produção dos vasilhames. Com um marcador de 50,86% para a frequência de antiplástico entre 10 e 30% demonstra que a pasta possuía qualidade adequada para evitar acidentes ou problemas de produção. O estresse térmico podia ser controlado evitando que os vasilhames se quebrassem antes ou até mesmo durante o uso (gráfico 12).



**Gráfico 12** – Proporção da frequência do antiplástico do sítio Cachoeirão V.

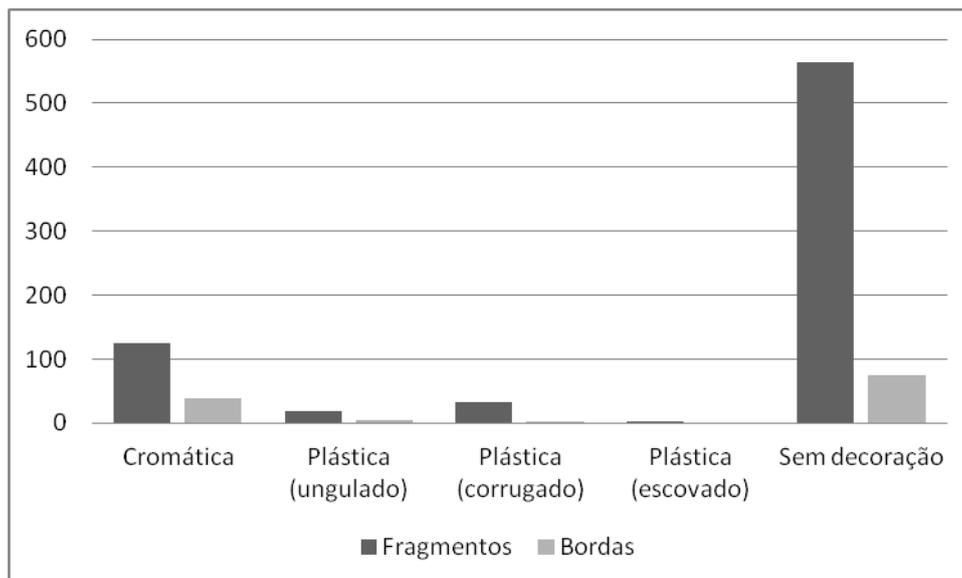
A queima dos vasilhames apresentou uma maior proporção pelo tipo redutora com 69,82% da amostra. A ocorrência dos outros tipos é díspar, com a opção oxidante sendo o segundo tipo mais frequente (gráfico 13).



**Gráfico 13** – Proporção dos tipos de queima do sítio Cachoeirão V.

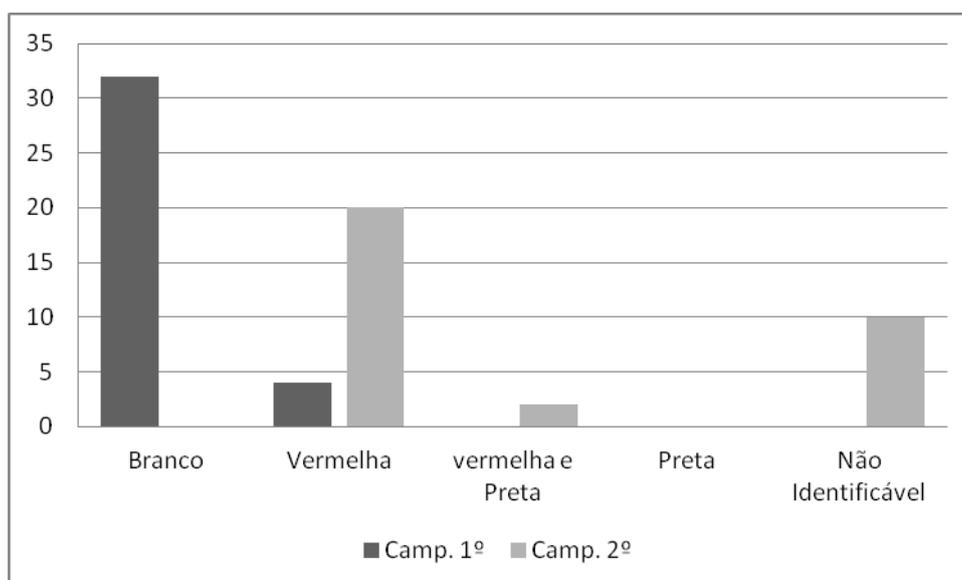
As decorações não aparecem representar uma parcela significativa neste sítio. A maior parte dos vasilhames não possui nenhuma decoração plástica, muitas vezes seu acabamento final limita-se ao alisamento. É possível verificar, ainda, que em diversos vasilhames o alisamento é menos elaborado e não se utiliza de outras técnicas como a brunidura, sendo em diversos casos um pouco irregular.

Na proporção, os tipos sem decoração plástica ou cromática atingem 64,65% das amostras diagnósticas. O tipo cromático, com maior dificuldade para ser identificado pelo estado de conservação dos vestígios, apresentou uma proporção maior do que as decorações plásticas, com 33,62% da amostra diagnóstica. O tipo escovado é ausente tanto nas unidades de análise quanto dos fragmentos quantificados (gráfico 14).



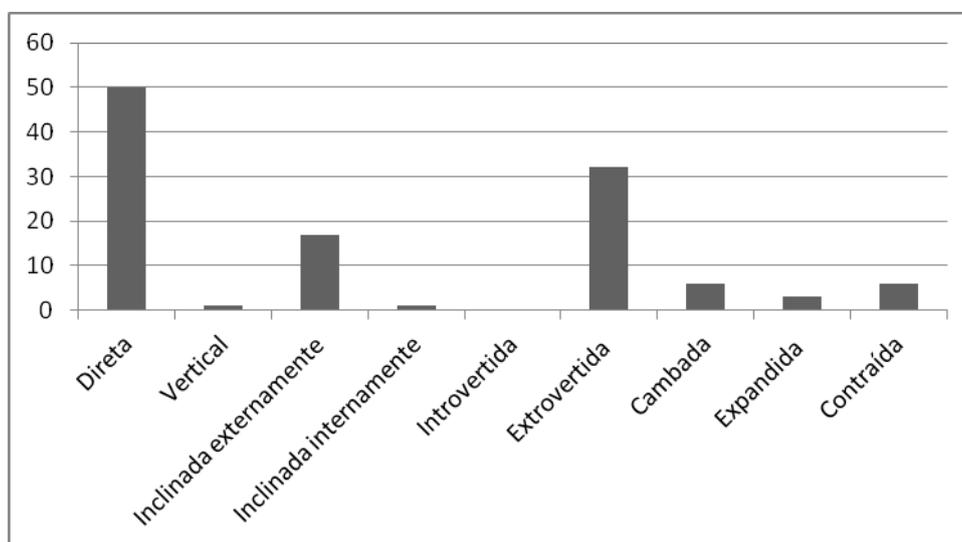
**Gráfico 14** – Proporção das decorações comparando o total de fragmentos e as bordas do sítio Cachoeirão V.

Quando o tipo cromático era verificado, notou-se a predominância do tipo branco no campo primário, com maior frequência do vermelho isolado ou vermelho e preto no campo secundário. Muitos vestígios não puderam ser identificados devido ao estado de conservação, sendo o apenas o campo primário com possibilidade de visualização (gráfico 15).



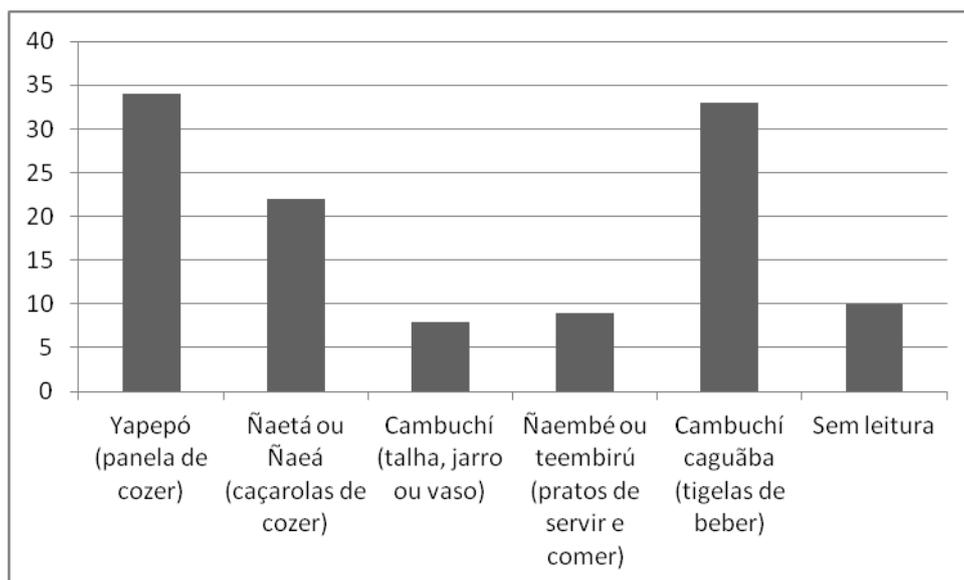
**Gráfico 15** – Proporção dos tipos de decoração cromática do sítio Cachoeirão V.

Nas variedades de borda do sítio Cachoeirão V, apresenta-se uma maior proporção para os tipos “direta” e “extrovertida”, com 43,10% e 27,58% da amostra, respectivamente (gráfico 16).

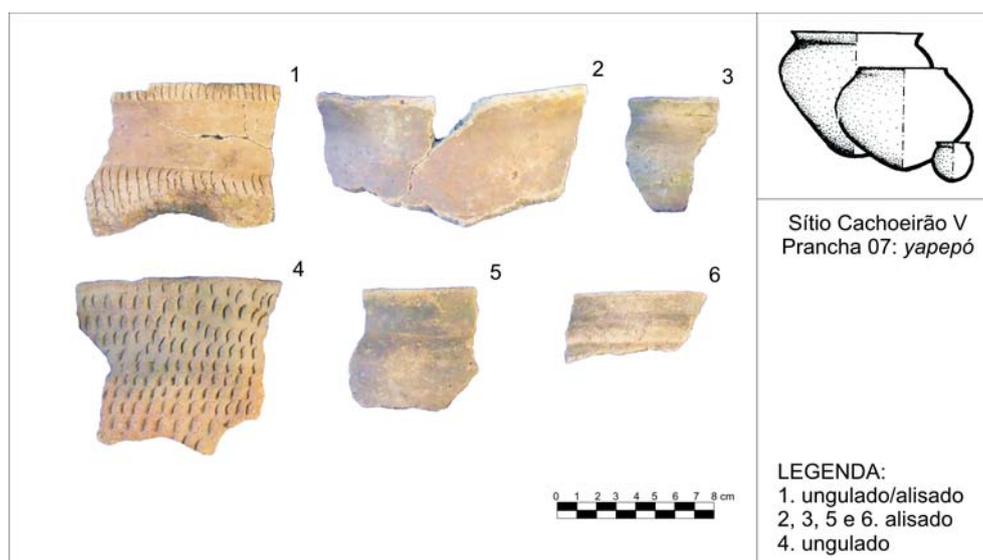


**Gráfico 16** – Proporção dos tipos de borda do sítio Cachoeirão V.

Na classificação do tipo funcional, há uma maior proporção de vasilhames do tipo *yapepó* (figura 21) e *cambuchí caguãba* (figura 25), que possuem contagens muito similares. Outro tipo frequente, como demonstra o gráfico, seria o *ñaetá* (figura 22). Tanto as caçarolas quanto as panelas são categorias relacionadas à cocção de alimentos e, conseqüentemente, tendem a ser mais numerosas na amostra. As grandes talhas, ou *cambuchí* (figura 23), outro utensílio importante, apresentou números baixos comparado aos outros tipos de vasilhames (gráfico 17).



**Gráfico 17** – Proporção de vasilhames por classificação funcional do sítio Cachoeirão V.



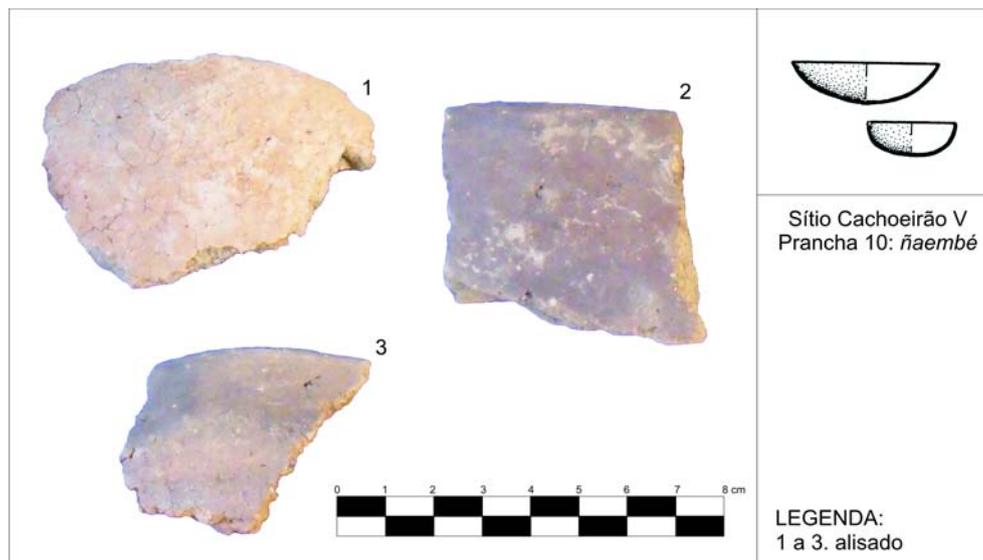
**Figura 21** – Fragmentos de vasilhames do tipo yapepó do sítio Cachoeirão V.



**Figura 22** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaetà do sítio Cachoeirão V.



**Figura 23** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí do sítio Cachoeirão V.



**Figura 24** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaembé do sítio Cachoeirão V.



**Figura 25** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí caguaba do sítio Cachoeirão V.



**Figura 26** – Fragmento de cachimbo do sítio Cachoeirão V.

#### 4.8.3 Conjunto cerâmico do sítio Lago da Barragem VI

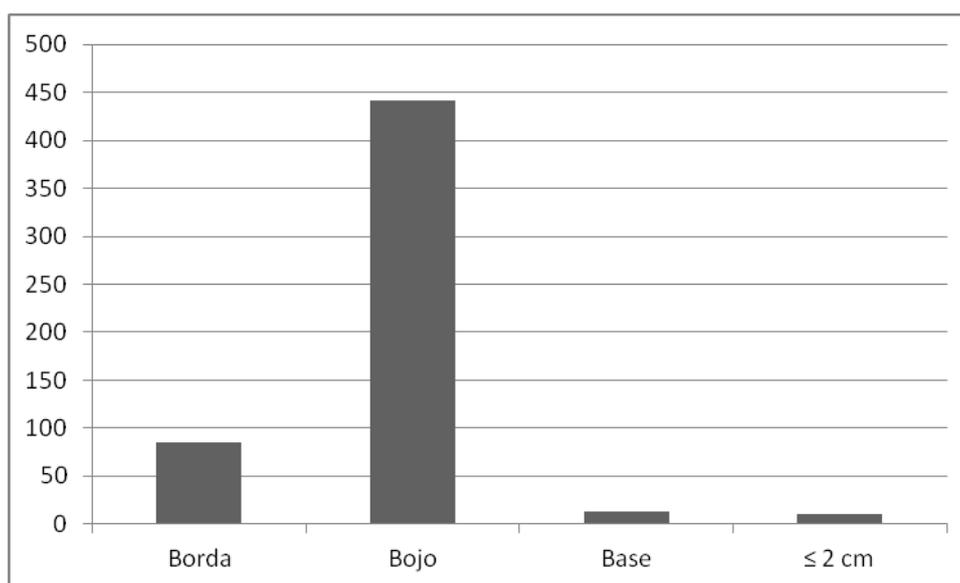
O conjunto material do sítio Lago da Barragem VI é composto por 534 fragmentos de recipientes cerâmicos (quadro 08), 17 líticos lascados em sílex e uma ponta de projétil. Este material resultou em 81 unidades de análise para a cerâmica onde foi possível realizar remontagens de vasilhames. Também foi identificada e caracterizada uma estrutura de sepultamento, com um conjunto de vasilhames relacionados a esta (figura 32).

QUADRO 08 – NÚMERO DE FRAGMENTOS POR UNIDADE DO SÍTIO LAGO DA BARRAGEM VI

	nv 1	nv 2	nv 3	nv 4	nv 5	Total
Quadrícula 1	24	3	3			30
Quadrícula 2	15	24	6	1		46
Quadrícula 4	5		5	1		11
Quadrícula 5	1	5				6
Quadrícula 6	4	10	6	1		21
Quadrícula 7	2					2

Quadrícula 8	5	15	15			35
Quadrícula 9	4					4
Quadrícula 10		5	1	5	1	12
Quadrícula 11	25					25
Superficial						342
Totais por nível	85	62	36	8	1	534

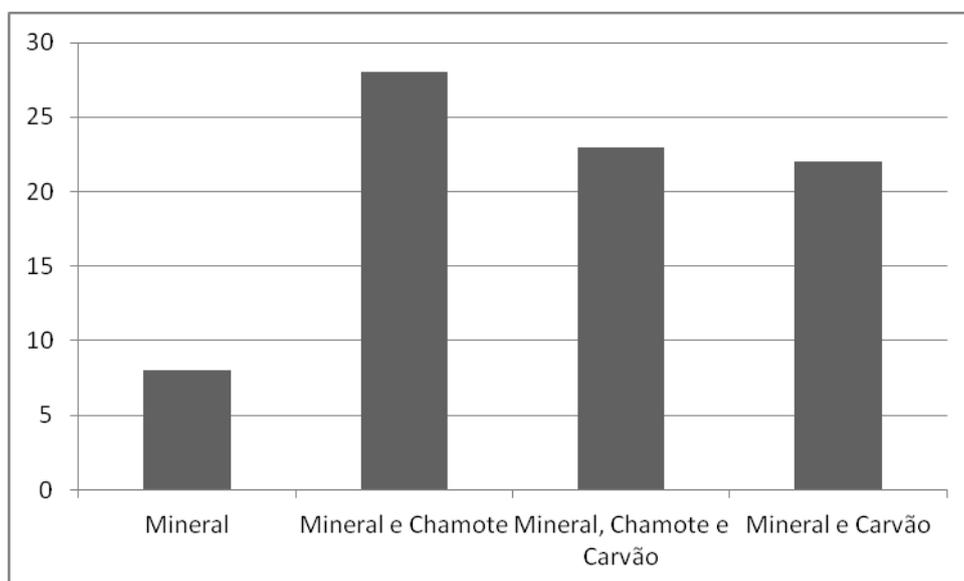
A amostra analisada do sítio apresenta maior proporção dos fragmentos relacionados ao bojo ou parede dos recipientes e a quantidade que compreende aos fragmentos excluídos da amostra, compete um a fração praticamente insignificante, de 1,82% da totalidade (gráfico 18).



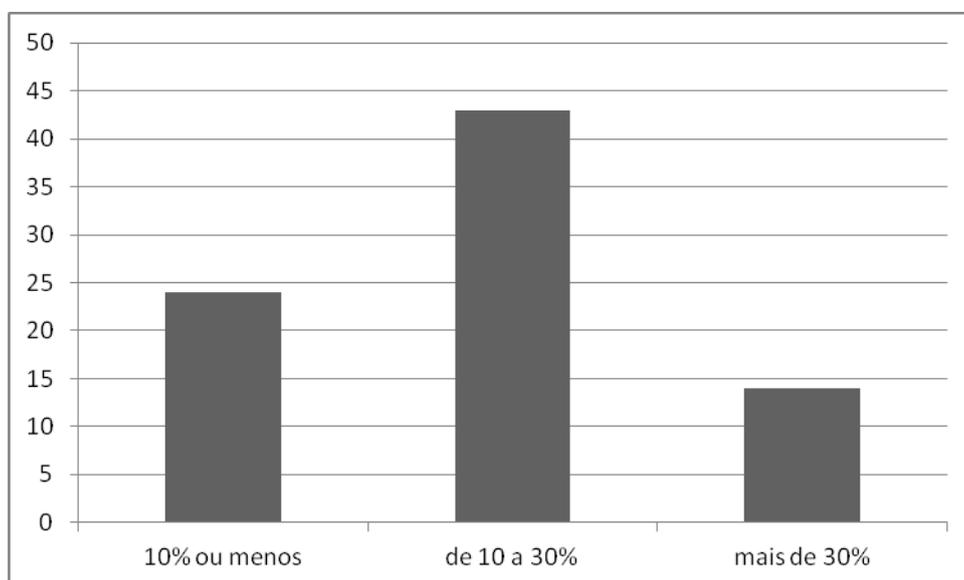
**Gráfico 18** – Proporção de fragmentos por tipo do sítio Lago da Barragem VI.

No que trata à matéria-prima para a fabricação dos vasilhames, há grande incidência de antiplástico mineral que está presente em todas as variáveis. Porém, o tipo predominante é o mineral associado ao chamote, com 34,56% da amostra; seguido por mineral/chamote/carvão com 28,39% e mineral/carvão com 27,16% do total (gráfico 19).

A pasta, por sua vez, apresenta uma frequência de 53,08% de antiplástico entre 10 e 30% nos fragmentos, o que demonstra uma boa plasticidade para a confecção dos recipientes (gráfico 20).



**Gráfico 19** – Proporção dos tipos de antiplástico do sítio Lago da Barragem VI.

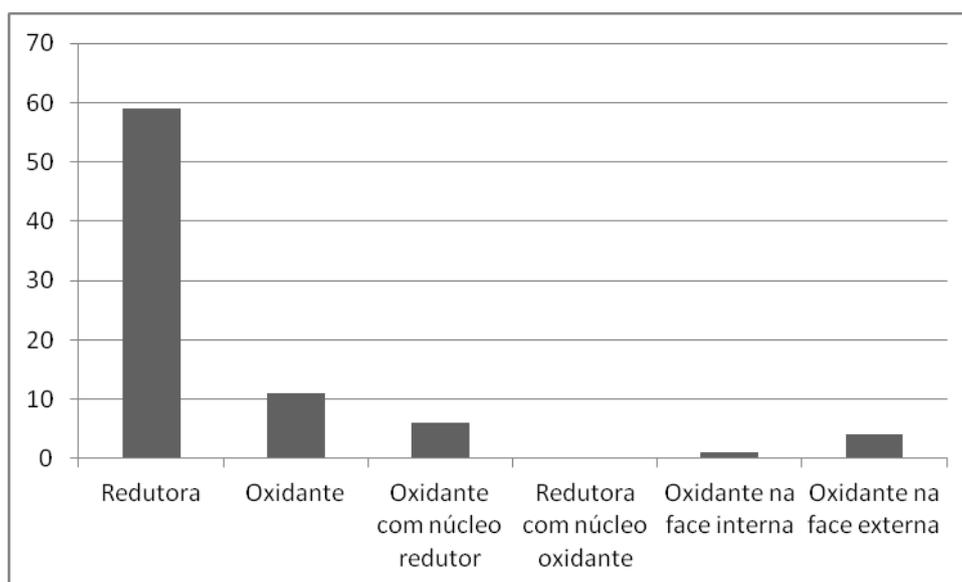


**Gráfico 20** – Proporção da frequência do antiplástico do sítio Lago da Barragem VI.

O tipo de manufatura por sobreposição de roletes aparece em 95,06% dos vasilhames. À exemplo das amostras em outros sítios, o número é expressivo, já que são raros os recipientes em que se pode observar outras

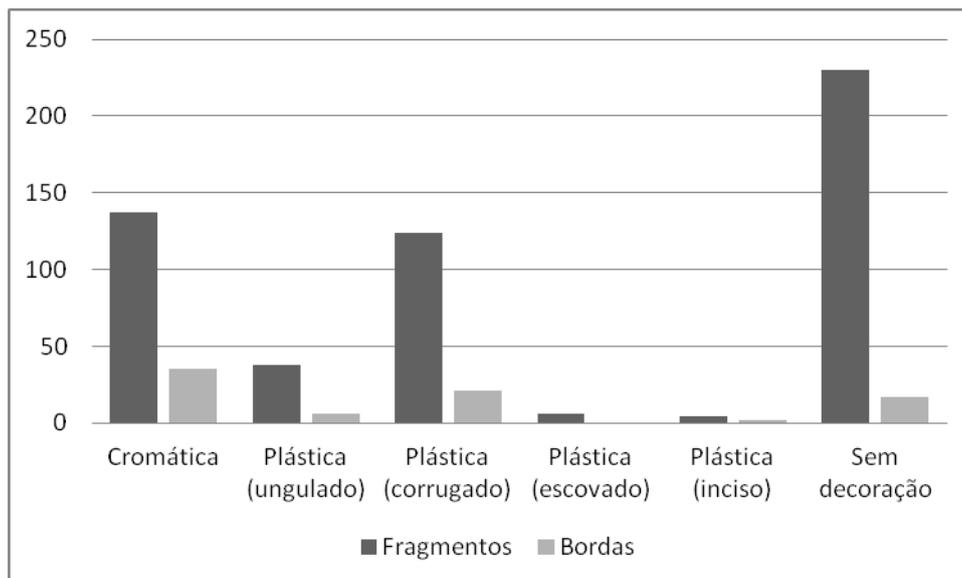
técnicas que, quando ocorrem, geralmente são por modelagem e estão associados a vasilhames de menor dimensões

O atributo queima apontou para a ocorrência do tipo “reduzora” em 72,84% dos vasilhames (gráfico 21). A grande representatividade é recorrente também nos outros sítios, visto que técnica para o cozimento dos recipientes deveria ser compartilhada.



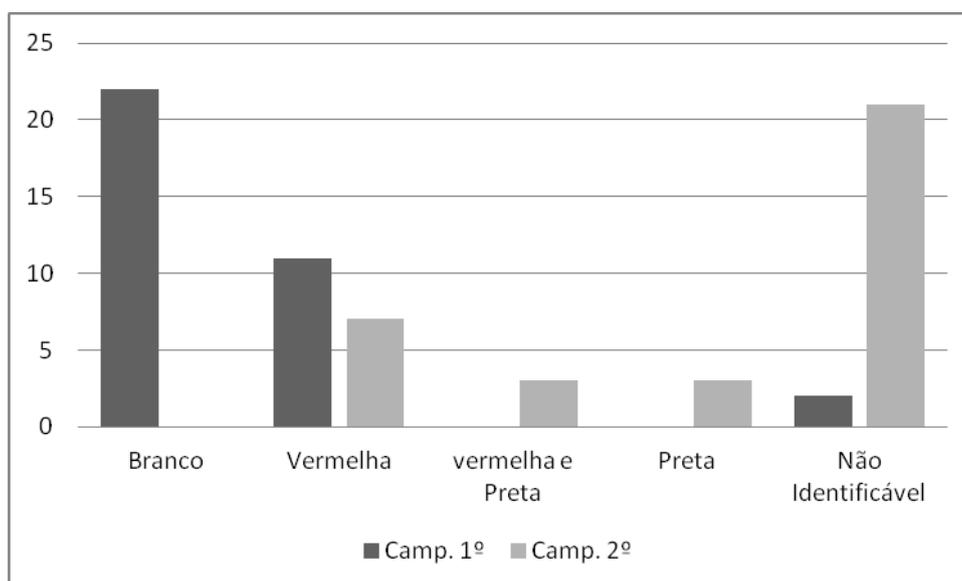
**Gráfico 21** – Proporção dos tipos de queima do sítio Lago da Barragem VI.

Quanto à decoração dos vasilhames, os tipos cromático e corrugado superaram os de mais, com 43,20% e 25,92% da amostra de bordas, respectivamente. Nos totais de fragmentos isso não ocorre, já que o tipo sem decoração excede os demais com 42,67% da amostra (gráfico 22). Essa disparidade pode ser verificada em função da proporção de fragmentos gerados por vasilhames de grande porte, e em especial aos *cambuchí* que normalmente não possuem decoração na sua metade inferior.



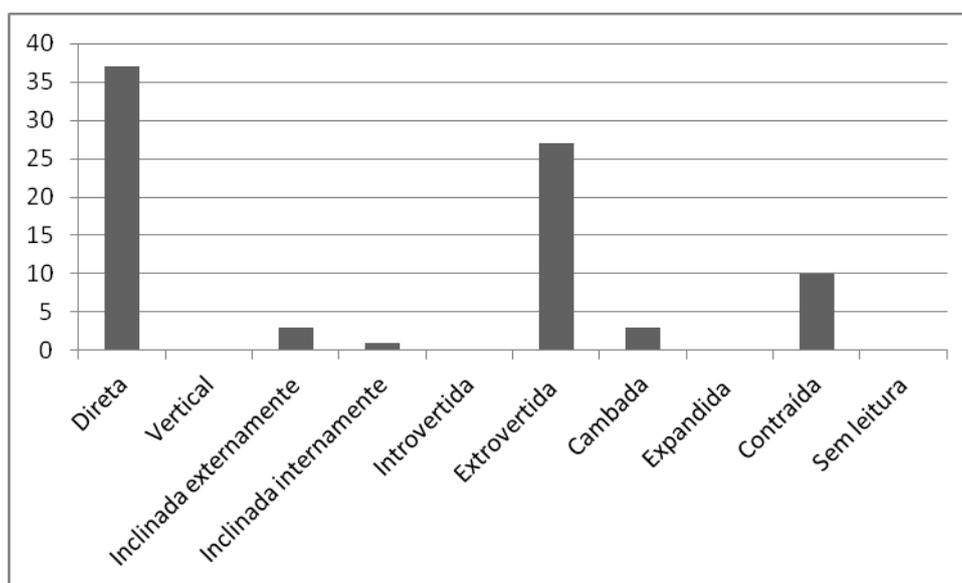
**Gráfico 22** – Proporção das decorações comparando o total de fragmentos e as bordas do sítio Lago da Barragem VI.

Verifica-se, ainda, a ocorrência de fragmentos com decoração do tipo inciso, não comuns em outros sítios, que representa apenas 2,47% da amostra. Quanto às unidades com decoração cromática, além de representarem a maior proporção dos vasilhames, a pintura branca procede no campo primário em maior número que a vermelha (gráfico 23). Esta por sua vez, ocorre com menor frequência no campo secundário, e em alguns casos acompanhado da cor preta.



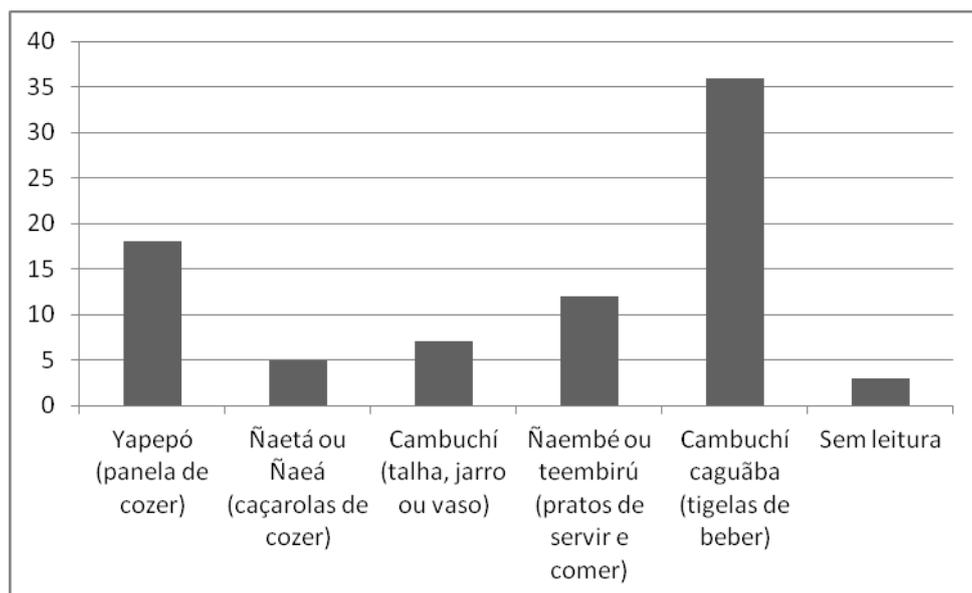
**Gráfico 23** – Proporção dos tipos de decoração cromática do sítio Lago da Barragem VI.

Das bordas analisadas em sua tipologia, predominaram as caracterizadas como direta e extrovertida, com 45,68% e 33,33% da amostra, respectivamente (gráfico 24).

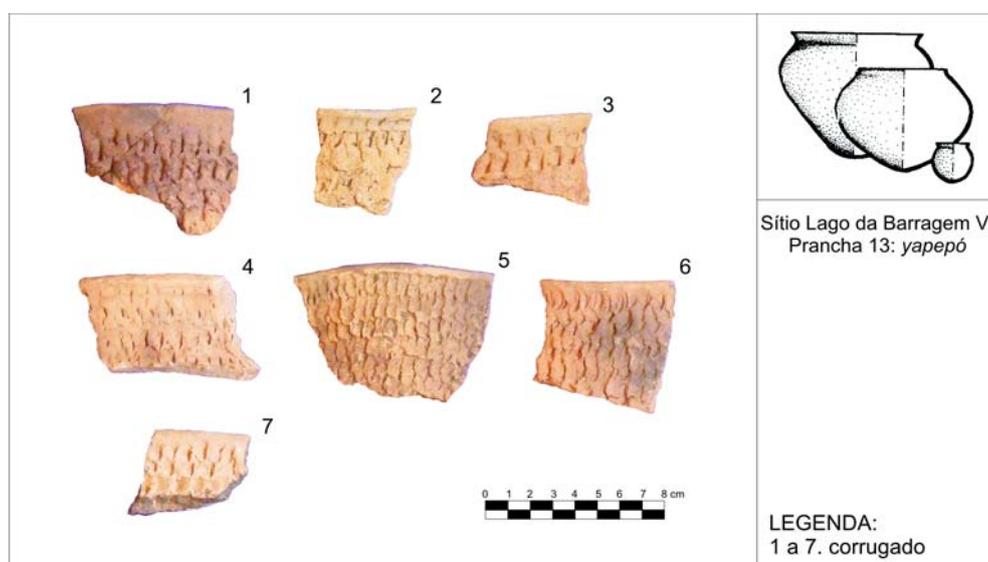


**Gráfico 24** – Proporção dos tipos de borda do sítio Lago da Barragem VI.

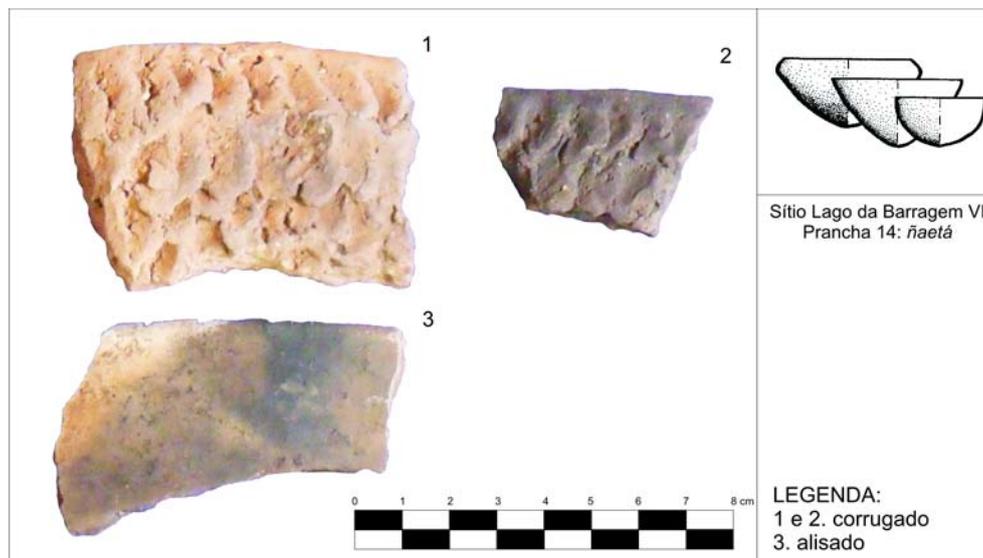
A função das vasilhas demonstrou para uma proporção maior para as tigelas do tipo *cambuchí caguãba* (figura 31), com 44,44% da amostra, sobrepondo inclusive os utensílios de cozinhar *yapepó* (figura 27) e *ñaetá* (figura 28) juntos, com 22,22% e 6,17% da amostra, respectivamente (gráfico 25).



**Gráfico 25** – Proporção de vasilhames por classificação funcional do sítio Lago da Barragem VI.



**Figura 27** – Fragmentos de vasilhames do tipo yapepó do sítio Lago da Barragem VI.



**Figura 28** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaetá do sítio Lago da Barragem VI.



**Figura 29** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí do sítio Lago da Barragem VI.



**Figura 30** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaembé do sítio Lago da Barragem VI.



**Figura 31** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí caguaba do sítio Lago da Barragem VI.



**Figura 32** – Vasilhames remontados do sítio Lago da Barragem VI.

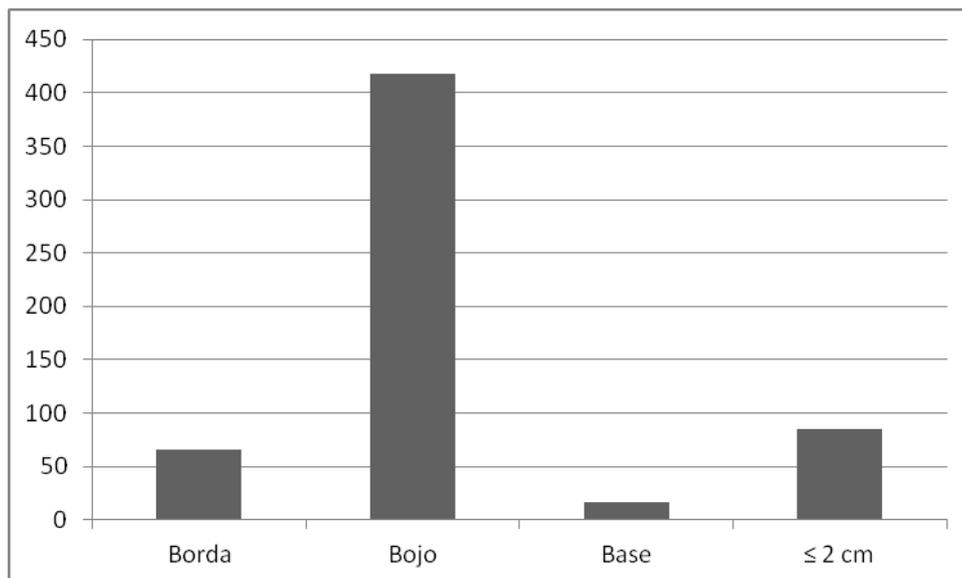
#### 4.8.4 Conjunto cerâmico do sítio Salto dos Alemães I

O conjunto de material do sítio Salto dos Alemães I é composto por 585 fragmentos cerâmicos Guarani dos quais resultou em 57 unidades de análise (quadro 09). Também foi evidenciado roletes de argila e um fragmento com impressão de cestaria (figura 38). Uma das áreas evidenciadas na escavação correspondia a uma estrutura de combustão com indícios de ter sido local de produção de utensílios.

Dos fragmentos recolhidos, a amostra principal compõe-se proveniente do bojo de vasilhames (gráfico 26). Após a triagem, foram desconsiderados 85 fragmentos que representavam tamanho igual ou inferior a 2 centímetros, e não se considerou na análise 340 fragmentos associados à tradição Itararé.

QUADRO 09 – NÚMERO DE FRAGMENTOS POR UNIDADE DO SÍTIO SALTO DOS ALEMÃES I

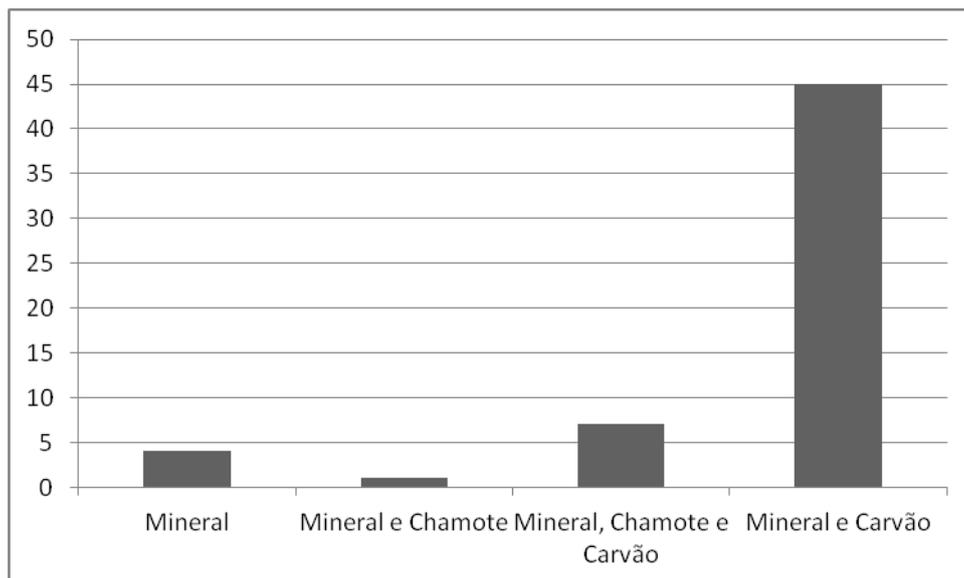
	<b>nv 1</b>	<b>nv 2</b>	<b>nv 3</b>	<b>nv 4</b>	<b>nv 5</b>	<b>Total</b>
Quadrícula 1		1		12		13
Quadrícula 2		10	1			11
Quadrícula 3		6	1			7
Quadrícula 4		12				12
Quadrícula 5		4				4
Quadrícula 6		2	3			5
Quadrícula 7	2	2				4
Quadrícula 8	9	11	35	14		69
Quadrícula 10		4	4			8
Quadrícula 11		2				2
Quadrícula 12	10	4				14
Quadrícula 13	2					2
Quadrícula 14	15	11	18	12		56
Quadrícula 15	10	9	20			39
Quadrícula 16	9	5	28	2		44
Quadrícula 17	6	25				31
Quadrícula 19		3	9	1		13
Quadrícula 20	7	7	12	13		39
Quadrícula 21	6	6	15	6		33
Trincheira 1	4	4				8
Superficial						171
Totais por nível	80	128	146	60	0	585



**Gráfico 26** – Proporção de fragmentos por tipo do sítio Salto dos Alemães I.

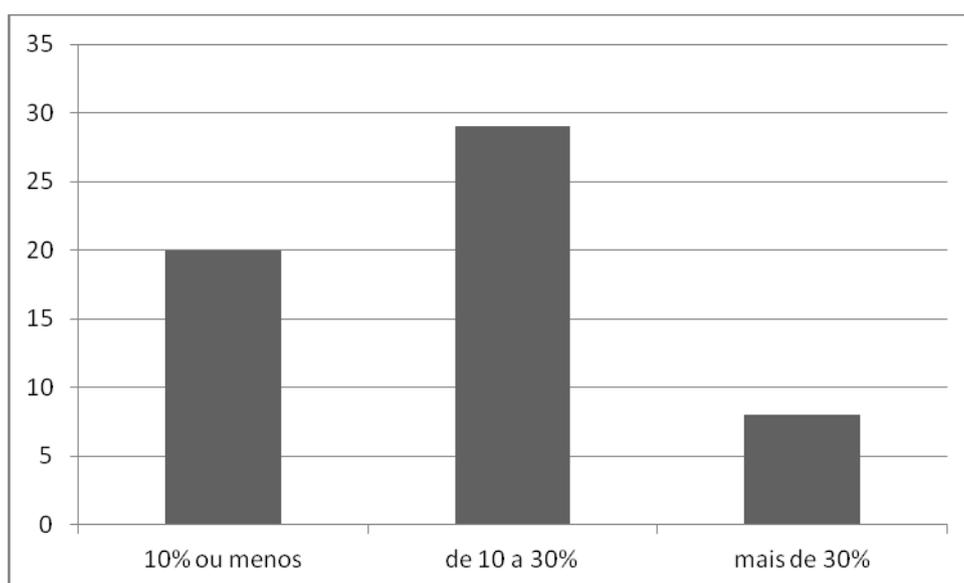
Os vasilhames observados neste sítio possuem como técnica de produção majoritária o método por acordelamento, presente em 89,47% das unidades analisadas. As demais unidades representavam o método por modelagem, com exceção de apenas uma a qual não pode ser definida.

A matéria-prima para a elaboração dos vasilhames apresentou uma predominância pelo tipo contendo mineral e carvão, com 78,94% das amostras. Embora as outras variáveis também compartilhavam o elemento mineral, nem todas apresentaram amostras tão significativas. O chamote, ou caco moído, elemento indiscutivelmente associada a intencionalidade (diferente de alguns minerais que podem ser constituintes da argila), aparece sempre associado aos demais elementos, com o mineral em 1,75% da amostra e somado ao o carvão e mineral em 12,28% da amostra (gráfico 27).



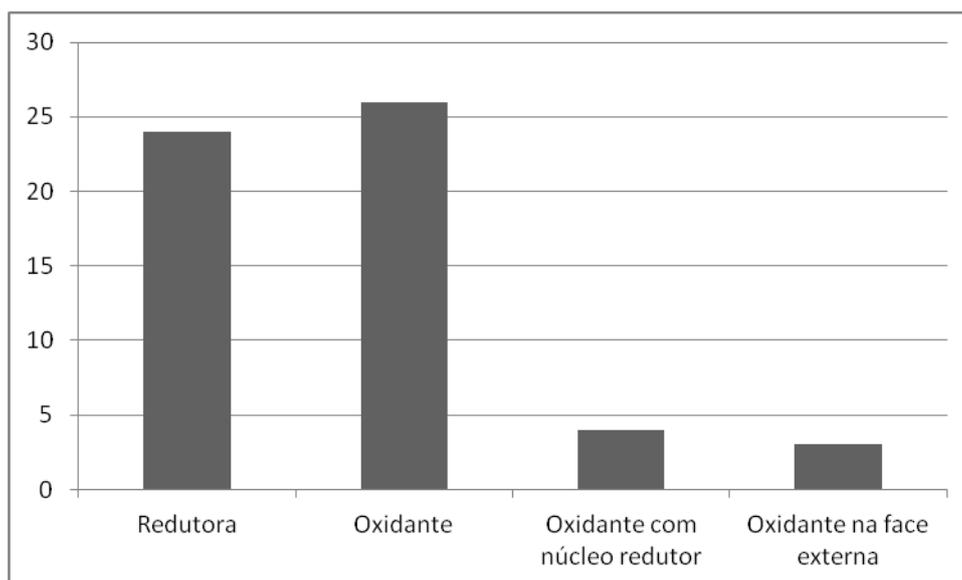
**Gráfico 27** – Proporção dos tipos de antiplástico do sítio Salto dos Alemães I.

A plasticidade da argila é evidente pela proporção do antiplástico nas unidades analisadas, sendo a proporção de 10 a 30% predominante com 50,87% da amostra. A pasta com menor plasticidade, com uma frequência inferior a 10% de antiplástico, está presente em 35,08% das amostras (gráfico 28).



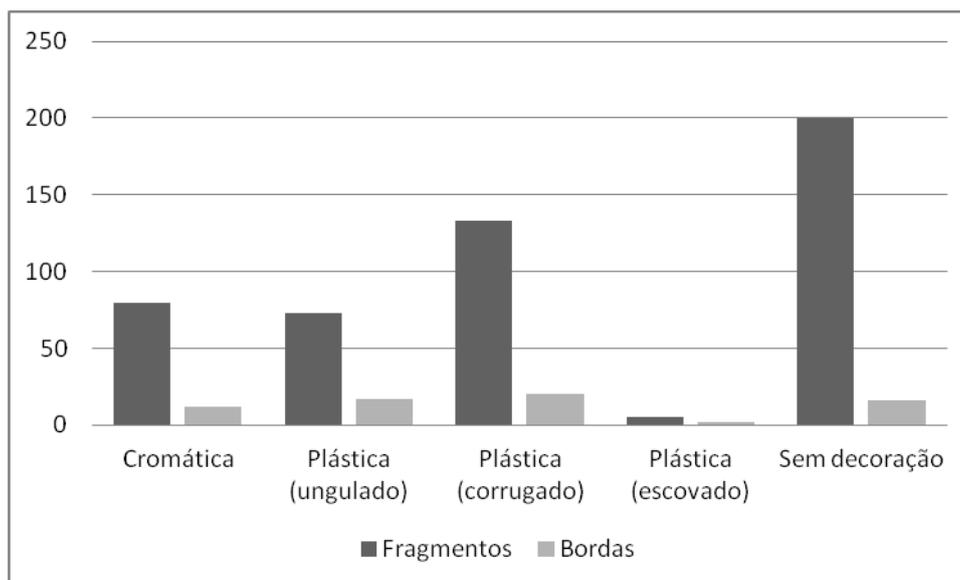
**Gráfico 28** – Proporção da frequência do antiplástico do sítio Salto dos Alemães I.

O processo de queima dos vasilhames apresentou um quadro diferente dos demais sítios. A proporção entre o tipo redutora e o tipo oxidante foi muito próximo, com 42,10% da amostra para o primeiro tipo e 45,61% para o segundo (gráfico 29). Este é um elemento marcante, pois pode refletir numa variação do método de queima praticada especificamente neste sítio.



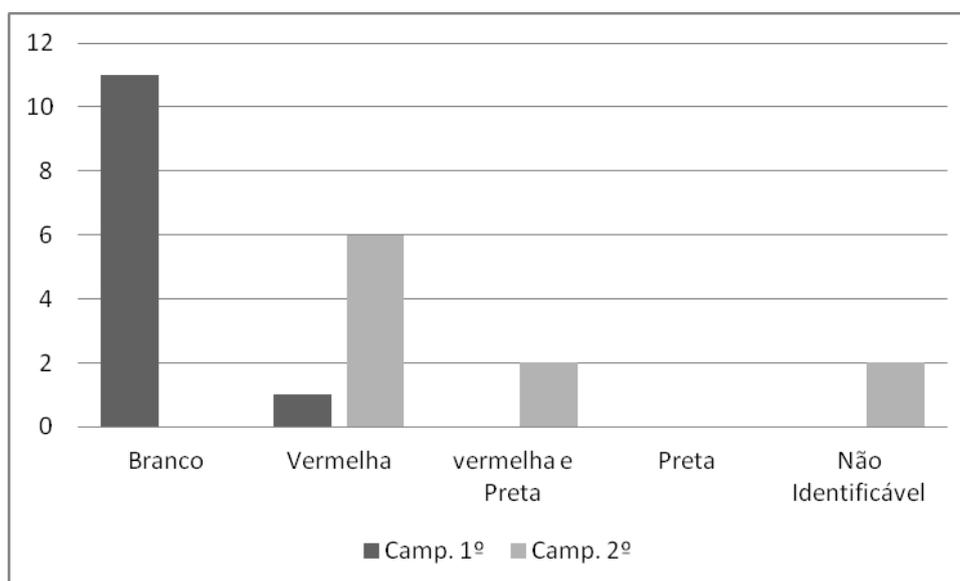
**Gráfico 29** – Proporção dos tipos de queima do sítio Salto dos Alemães I.

Os tipos decorativos representam parcelas próximas com ligeira preferência ao corrugado. Este tipo apresenta 35,08% da amostra, superando o tipo ungulado que possui 29,82%, o tipo cromático que detém 21,05% e o tipo alisado com 28,07% das unidades analisadas (gráfico 30). A variedade dos tipos e a proximidade nas contagens também pode ser verificado nos fragmentos como um todo, porém, nesse caso, os tipos alisados ou sem decoração representam a parcela maior da amostra do sítio.



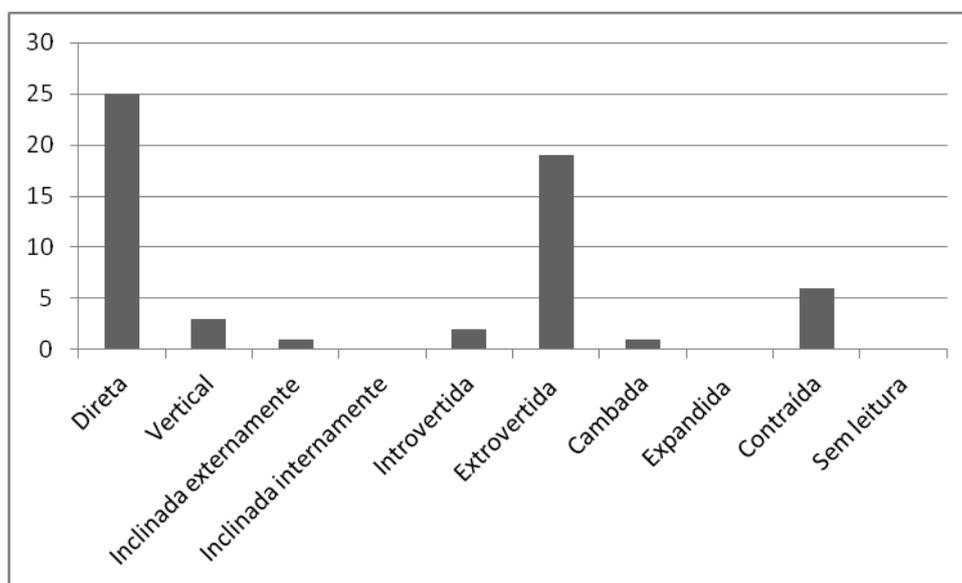
**Gráfico 30** – Proporção das decorações comparando o total de fragmentos e as bordas do sítio Salto dos Alemães I.

Na proporção do tipo cromático, quando este estava conservado o suficiente para se obter informações, notou-se que havia a predominância do tipo branco no campo primário, a exemplo dos outros sítios. Com menor frequência identificada, as pinturas vermelhas e pretas predominaram no campo secundário (gráfico 31). Mais uma vez, o estado de conservação das peças foi um agravante no pronto reconhecimento dos padrões cromáticos presentes na cerâmica.



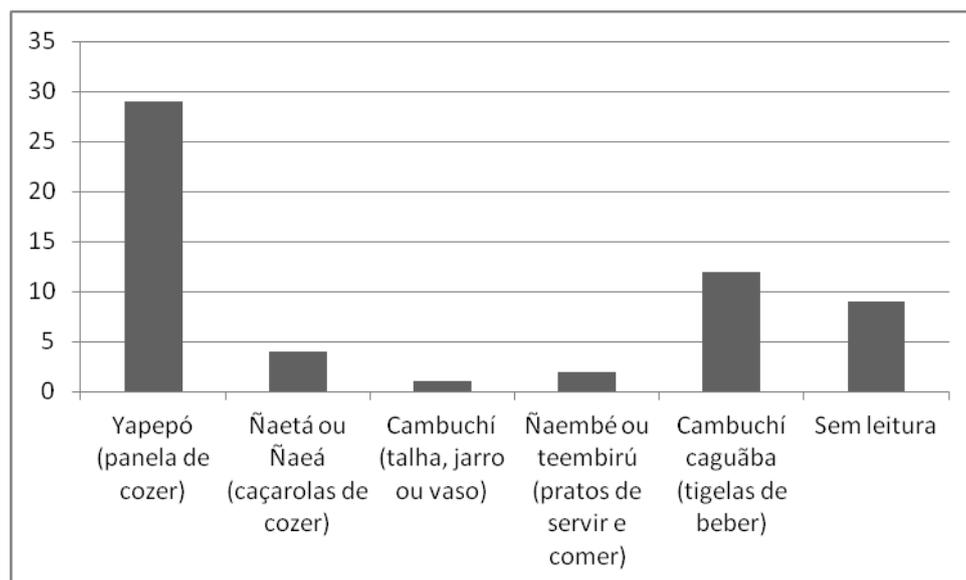
**Gráfico 31** – Proporção dos tipos de decoração cromática do sítio Salto dos Alemães I.

As variedades de borda mantiveram o padrão verificado nos outros sítios, com uma proporção maior aos tipos direta e extrovertida, numerando em 43,86% e 33,33% da amostra respectivamente (gráfico 32).

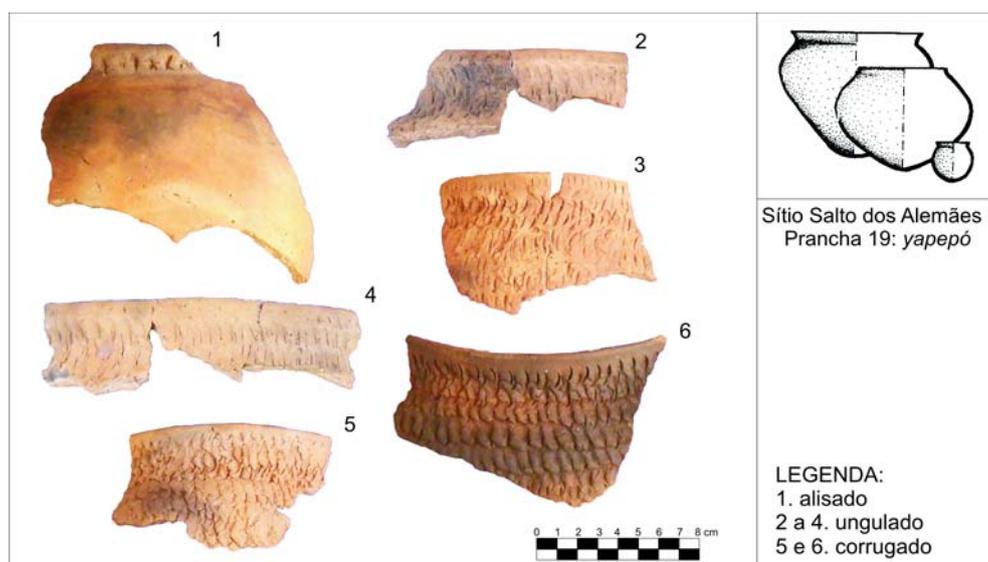


**Gráfico 32** – Proporção dos tipos de borda do sítio Salto dos Alemães I.

Quanto ao tipo funcional (gráfico 33), este sítio foge um pouco dos padrões observados, pois há uma maior proporção de vasilhames do tipo *yapepó* (figura 33) e, embora o tipo mais numeroso após as panelas de cozinhar ainda seja os *cambuchí caguãba* (figura 37), sua proporção apresenta números mais baixos, com 21,05% da amostra contra 50,87% de *yapepó*. Os *cambuchí* (figura 35), outro utensílio importante para a análise, normalmente representado com proporções menores, também apresentou números abaixo do esperado se comparado aos outros sítios; figurou em apenas 1,75% das unidades de análise.



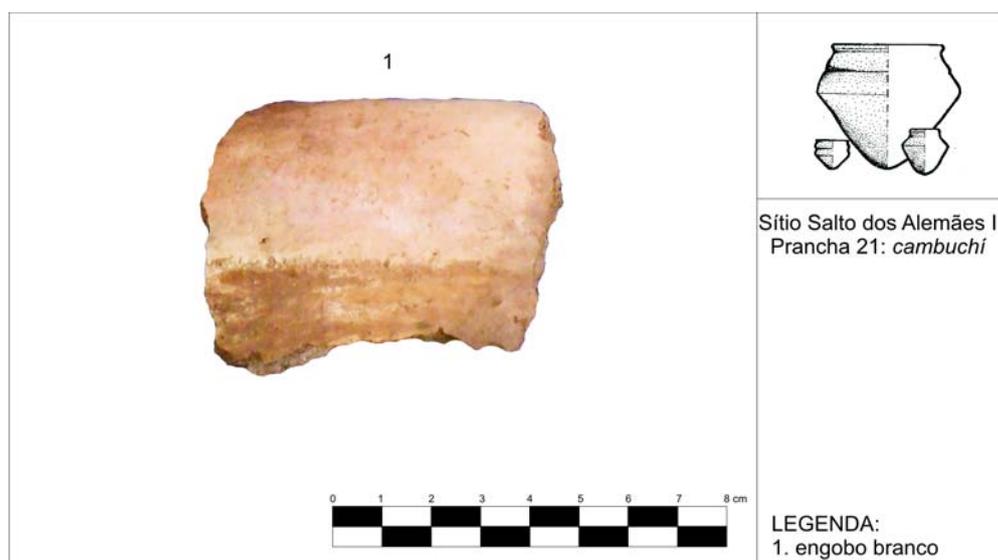
**Gráfico 33** – Proporção de vasilhames por classificação funcional do sítio Salto dos Alemães I.



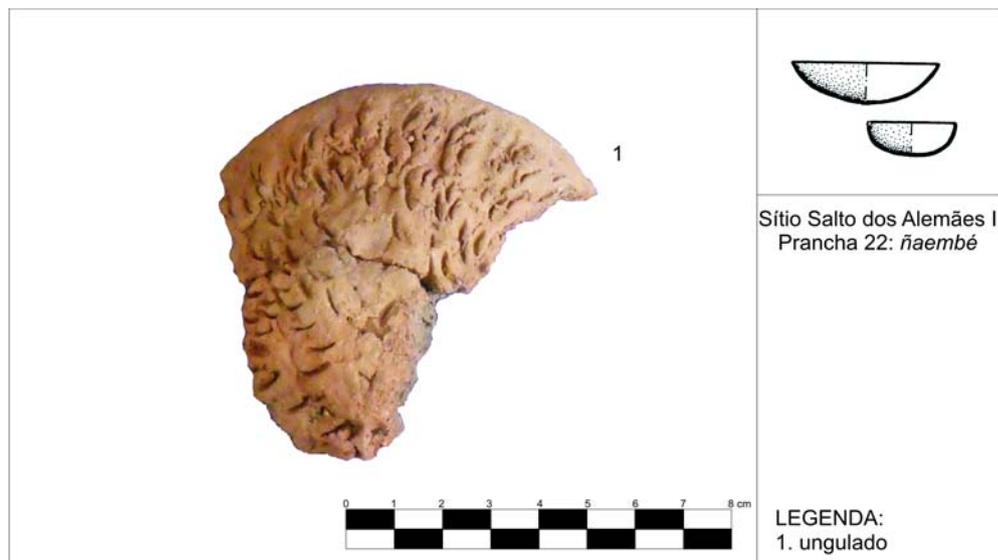
**Figura 33** – Fragmentos de vasilhames do tipo yapepó do sítio Salto dos Alemães I.



**Figura 34** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaetá do sítio Salto dos Alemães I.



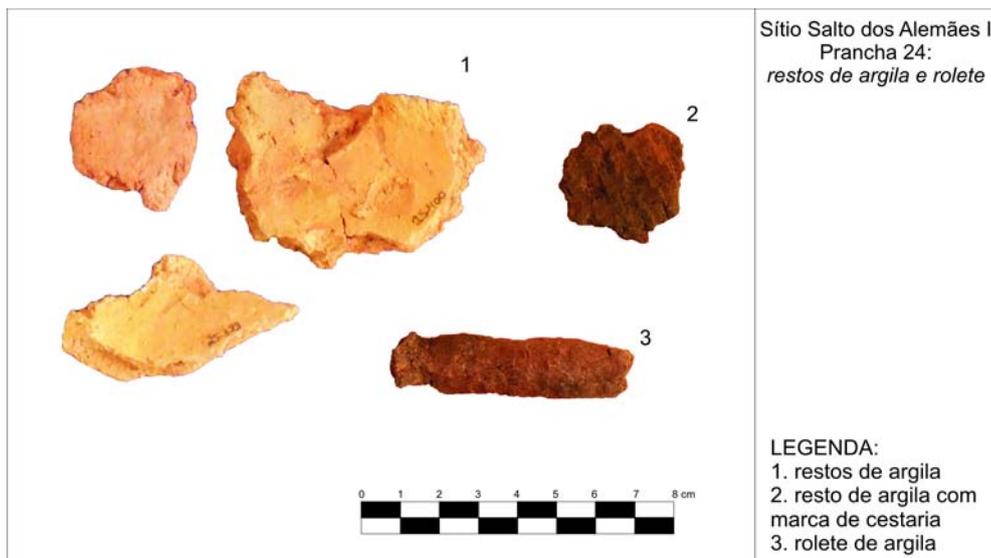
**Figura 35** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí do sítio Salto dos Alemães I.



**Figura 36** – Fragmentos de vasilhames do tipo ñaembé do sítio Salto dos Alemães I.



**Figura 37** – Fragmentos de vasilhames do tipo cambuchí caguaba do sítio Salto dos Alemães I.



**Figura 38** – Fragmentos de argila e rolete do sítio Salto dos Alemães I.

#### 4.8.5 Conjunto cerâmico do sítio S.A.M. III

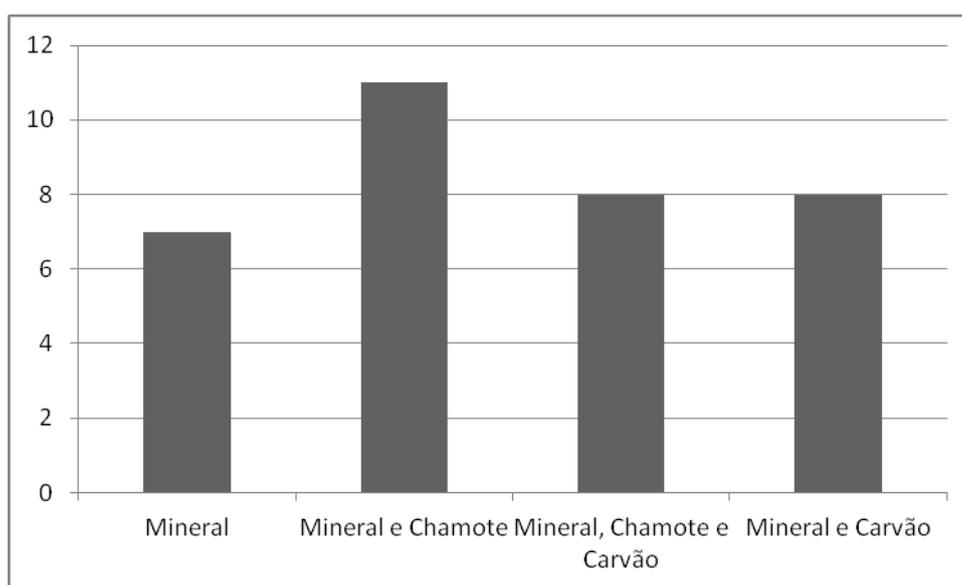
A análise desse conjunto apresentou resultados diferentes do que os visualizados nos demais sítios. Isto se deve por dois fatores: 1) mesmo sendo a maior amostra em termos quantitativos, as unidades de análise se resumiram ao menor número; e 2) a especificidade do seu material atesta para uma área com atividade bem restrita, podendo este sítio estar relacionado a outro localizado espacialmente próximo.

Embora possa parecer que este sítio destoe com os demais quanto aos resultados da análise, sua presença foi importante justamente pelo fato que sua amostra material propiciou a reconstrução de conjuntos o mais próximo possível a vasilhames íntegros e onde foram escavados alguns contextos nos quais também haviam recipientes inteiros. Essa amostra propiciou informações para a comparação quanto às projeções que foram realizadas nas análises dos outros sítios. Além disso, sua caracterização fica clara como um local com atividades bem específicas, marcado principalmente pela presença de três estruturas funerárias. Desse modo, sua escolha se deu não apenas pelo conjunto artefactual, mas como elemento comparativo com os outros sítios, já que se tem com mais clareza que este local desenvolveu função específica.

Ao todo foram analisadas 34 unidades provenientes de 997 fragmentos cerâmicos, os quais foram reduzidos a poucos conjuntos propiciados pela remontagem dos vasilhames.

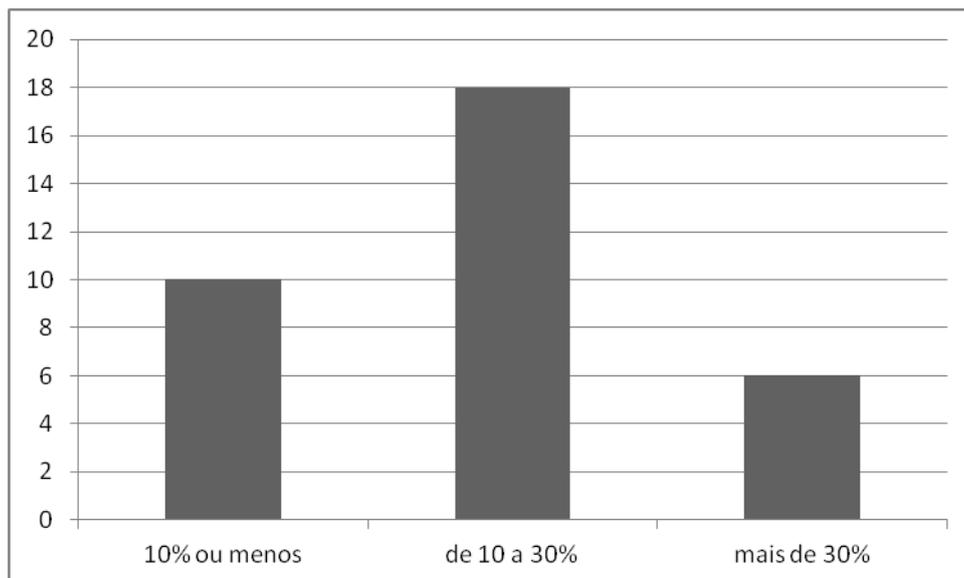
Os recipientes presentes neste sítio são predominantemente produzidos por técnica de acordelamento através da sobreposição de roletes de barro. Não foram identificados outras técnicas de fabrico na amostra analisada.

O antiplástico, por sua vez, apresentou proporções similares a todos os tipos, sendo a variante composta por mineral e chamote quem deteve a maior representatividade entre elas, com 29,73% da amostra (gráfico 34).



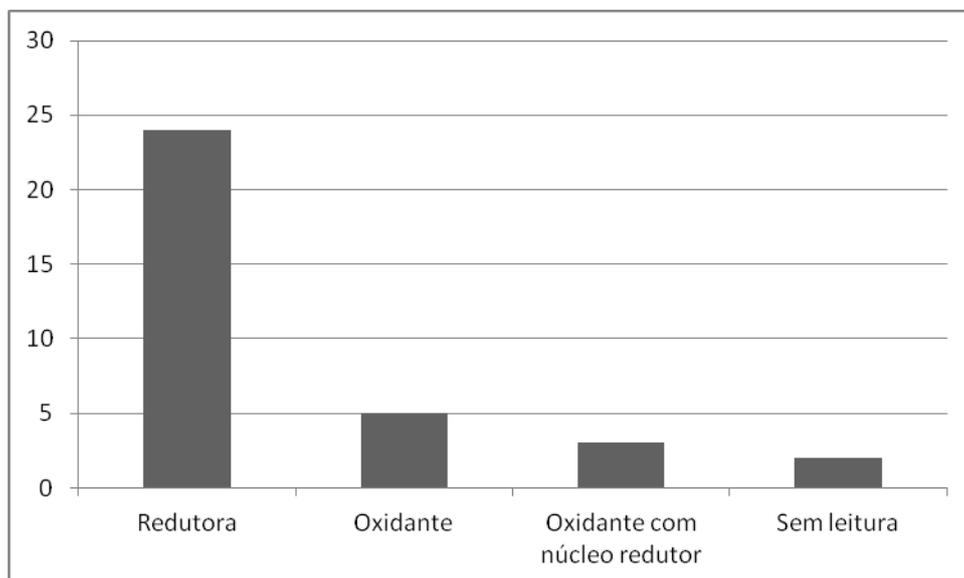
**Gráfico 34** – Proporção dos tipos de antiplástico do sítio S.A.M. III.

Dentro da variabilidade da pasta, a plasticidade da argila entre 10 e 30% de antiplástico presente no vasilhame se apresentou em 52,84% da amostra (gráfico 35), mesmo em vasilhames mais espessos onde normalmente se verificava uma proporção maior na frequência de elementos externos.



**Gráfico 35** – Proporção da frequência do antiplástico do sítio S.A.M. III.

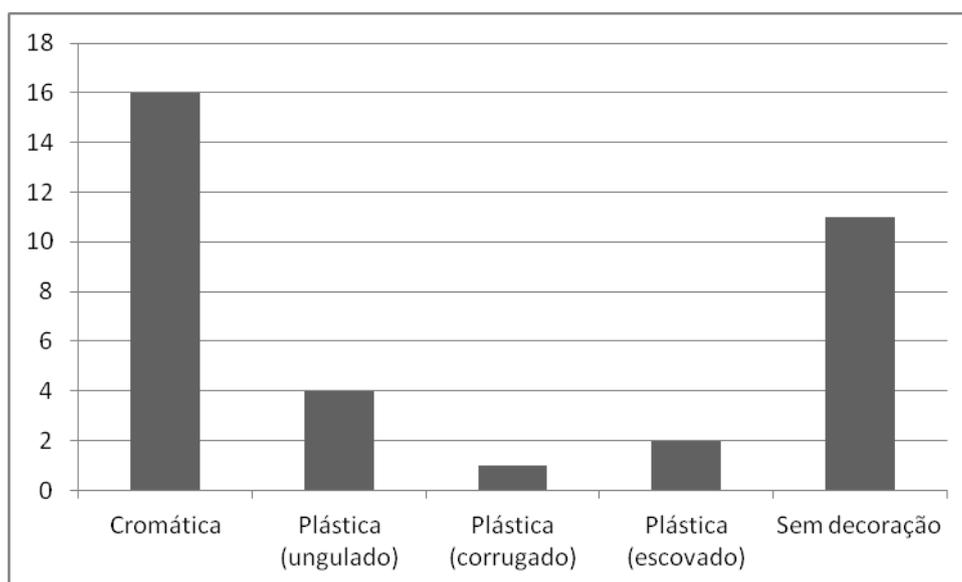
O atributo queima dos vasilhames apresentou números similares a maior parte dos fragmentos analisados nesta pesquisa, com uma percentagem de 70,58% da amostra para o tipo redutora (gráfico 36).



**Gráfico 36** – Proporção dos tipos de queima do sítio S.A.M. III.

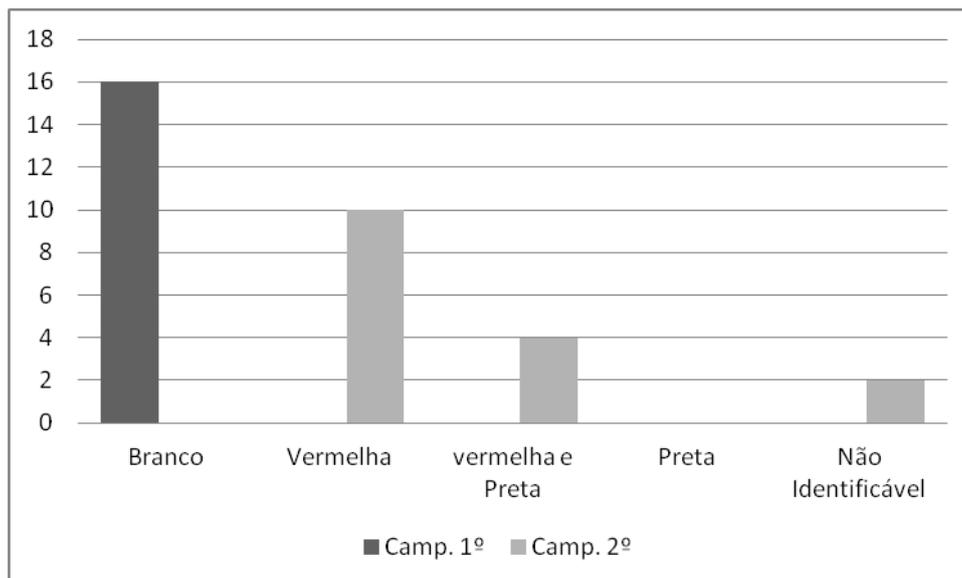
Os tipos decorativos, pela particularidade da amostra, destoam com o que foi verificado nos demais sítios. O tipo cromático se destaca com 47,05%

da amostra, comumente associada a proporção de vasilhames que recebem este tipo de tratamento que foram verificadas no sítio. O segundo tipo mais frequente foi o alisado ou sem decoração, com 32,35% da amostra (gráfico 37). Os demais tipos representaram parcelas baixas, principalmente aqueles associados aos instrumentos de cocção (o ungulado figurou em 11,76% da amostra e o corrugado em apenas 2,94%).



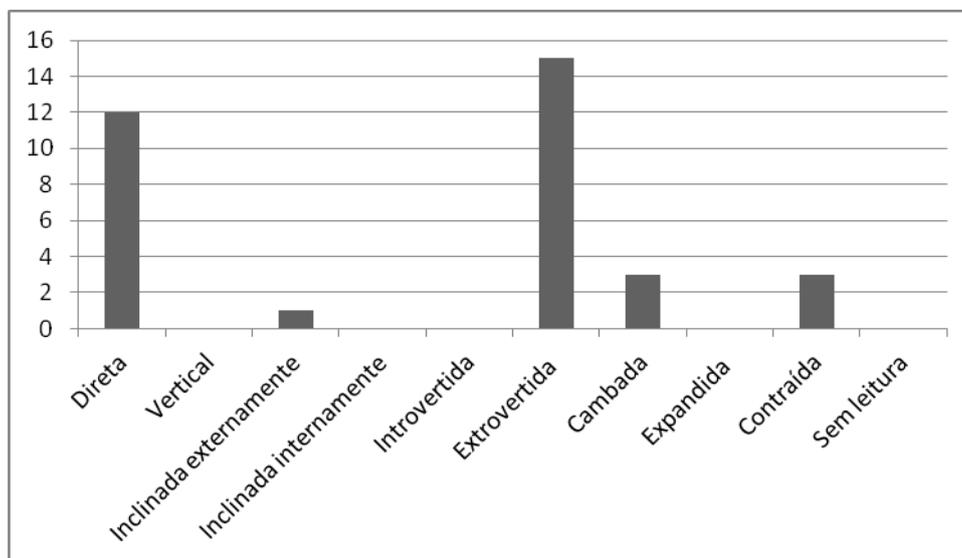
**Gráfico 37** – Proporção das decorações comparando o total de fragmentos e as bordas do sítio S.A.M. III.

Na proporção, o tipo cromático predominou nas características branco para o campo primário (47,05%) e vermelho (29,41%) ou preto/vermelho (11,76%) no campo secundário (gráfico 38). Alguns vestígios não possuíam grau de integridade suficiente para constatar os elementos na pintura, havendo, muitas vezes, pouca variação entre as características elencadas.



**Gráfico 38** – Proporção dos tipos de decoração cromática do sítio S.A.M. III.

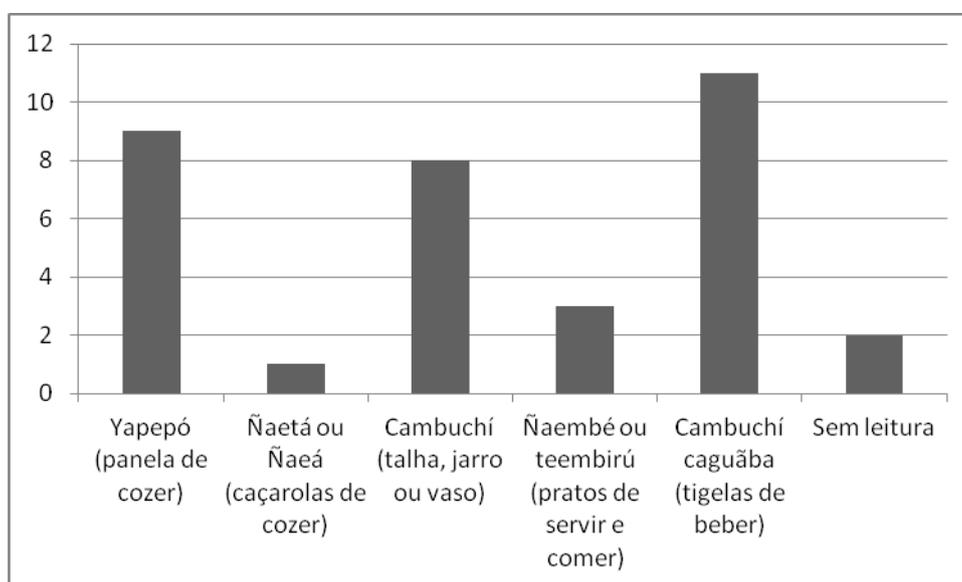
O atributo borda apontou para a predominância do tipo extrovertida, com 44,11% da amostra e do tipo direta, com 35,29%. Os demais tipos apresentaram números com menor expressividade (gráfico 39).



**Gráfico 39** – Proporção dos tipos de borda do sítio S.A.M. III.

A classificação funcional das vasilhas (gráfico 40), como já havia sido previsto, há uma proporção diferenciada para os tipos *yapepó* (figura 39), *cambuchí caguãba* (figura 42) e *cambuchí* (figura 40). Embora as painéis de

cozinhar e as tigelas de beber sejam frequentes em proporções similares aos demais sítios, as talhas têm um incremento na sua amostragem. Muitos dos instrumentos ali depositados estão relacionados, no contexto em que foram escavados, à estruturas de sepultamento. Porém, estes não são seus fins ao serem elaborados, tendo sido utilizados em outros contextos antes de depositados no solo. Essa especificidade justifica o número, aparentemente atípico, mas ainda deixa questões dos usos prévios destes vasilhames. Por isso, a possibilidade de que este sítio possa estar intimamente associado a outro, sendo uma área de atividade específica, é considerável.



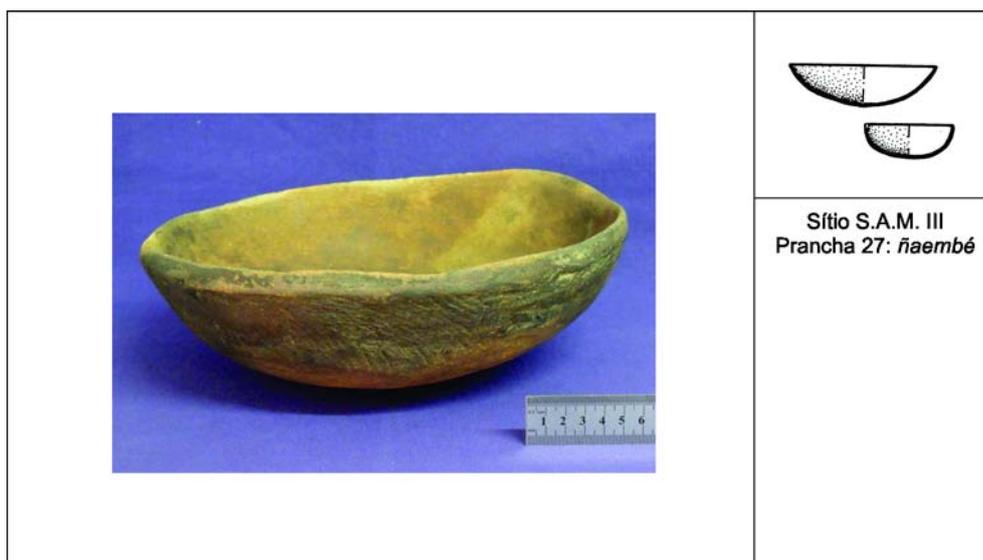
**Gráfico 40** – Proporção de vasilhames por classificação funcional do sítio S.A.M. III.



**Figura 39** – Vasilhames remontados e íntegros do tipo yapepó do sítio S.A.M. III.



**Figura 40** – Vasilhames remontados do tipo cambuchí do sítio S.A.M. III.



**Figura 41** – Vasilhame íntegro do tipo ñaembé do sítio S.A.M. III.



**Figura 42** – Vasilhames remontados e íntegros do tipo cambuchí caguaba do sítio S.A.M. III.

## **5 PERMANÊNCIA E OCUPAÇÃO DOS GRUPOS GUARANI NA BACIA DO TIBAGI**

É possível compreender que os processos de ocupação do território podem apresentar hipóteses através das análises dos conjuntos cerâmicos de determinados sítios arqueológicos. Essa relação é sugerida e verificada pela forma e tamanho dos vasilhames, bem como sua frequência em determinados contextos. Essa prerrogativa ganha mais importância ao passo de que quando é possível se obter essas informações, pode-se presumir a função e como cada sítio, em específico, desempenharia seu papel dentro do sistema de assentamento.

Para o entendimento da ocupação dos grupos Guarani no rio Tibagi, cabe ressaltar que as análises foram conduzidas de modo a priorizar a leitura das informações que seriam de maior pertinência à essa proposta interpretativa. Assim, para cada sítio selecionado na amostra será possível traçar conjecturas quanto ao número de indivíduos e o tempo de ocupação do assentamento com base nos dados coletados. Essas informações estão diretamente ligadas às características ocupacionais, pois é através desta prerrogativa que se inserem as estratégias de ocupação ou os processos de transformação do uso e relação com o território.

### **5.1 DENSIDADE POPULACIONAL X PERMANÊNCIA**

Ao tratar-se de ocupação e permanência dos grupos Guarani em assentamentos ou o domínio, mesmo que temporário, de determinado território, necessita-se compreender os processos pelos quais se dão as relações e o que é possível ler dos vestígios arqueológicos.

Como é de conhecimento geral, os vestígios cerâmicos são considerados o melhor e mais seguro indicador para a caracterização dos grupos Guarani. Embora não seja o único registro presente nos sítios, a cerâmica é, para esta pesquisa, o ponto principal da abordagem. Entretanto, considerar as demais feições arqueológicas presentes nos sítios é prática fundamental para o entendimento de determinados conceitos ou base para as considerações traçadas. Nesse sentido, pode-se realizar o exercício de identificação de determinadas feições para inferir, junto com a cultura material, aspectos funcionais de cada sítio, o que refletirá, também, na interpretação acerca do grau de permanência nos mesmos.

De acordo com Milheira (2008), as discussões sobre territorialidade e modelos regionais de ocupação passam pela definição de funcionalidade dos sítios arqueológicos, através do qual se verificam atividades distintas realizadas no local, e conseqüentemente, também se observa uma especialização dos espaços. Assim, conforme o autor,

a funcionabilidade dos sítios arqueológicos é determinada pela confrontação de dados etnohistóricos e etnográficos, por um lado, e pelos dados empíricos gerados pelos estudos arqueológicos, por outro lado. (...) ocorrência de estruturas arqueológicas (arquitetônicas, funerárias, de combustão ou de deposição de refugos); dispersão dos materiais no terreno do sítio; localização geográfica do mesmo; dados das análises tecno-tipológicas e a ocorrência de variabilidade de tipos de vasilhas, como aquelas que sugerem atividades coletivas, como é o caso das vasilhas do tipo *cambuchí* (MILHEIRA, 2008: p. 22).

Com base nesta afirmativa, as estruturas (ou seja, os vestígios da cultura material diferentes da cerâmica e do lítico nesse caso), são dados fundamentais que se complementam com a análise material proposta neste trabalho. Mesmo que haja um peso maior na análise dos recipientes cerâmicos, os dados adicionais, as estruturas propiciam informações que podem ser confrontadas com as respostas obtidas na cultura material.

Considerando os elementos "estruturas", é possível associar determinadas feições a determinadas funcionalidades para cada sítio, desde que o registro arqueológico detenha condições viáveis para estas interpretações. Para o objeto de pesquisa e a área selecionada, algumas feições foram determinantes no auxílio das interpretações enquanto outras não foram verificadas no registro, impossibilitando tecer considerações por esta via.

As estruturas de solo escuro, comumente referidas na literatura como "manchas pretas", seriam indicadores de unidades habitacionais, já que, muitas vezes estão relacionadas com concentrações de materiais, estruturas de combustão, marcas de estaca, restos faunísticos, entre outros (MILHEIRA, 2008; SOARES, 2004; NOELLI, 1993; CHMYZ [Ed.], 1976). No caso deste trabalho, foi possível identificar manchas de solo escuro em três dos cinco sítios analisados.

Já as estruturas de combustão, denotam áreas de uso específico dentro do assentamento e podem estar associadas a diversas funções. O que ocorre, em muitos casos, é a identificação dos espaços de uso para determinadas atividades dentro do sítio, o que conseqüentemente leva a questões relacionadas à funcionalidade, dados os contextos nas quais foram encontradas. Um exemplo na área de estudo é o caso de uma estrutura de combustão no sítio Salto dos Alemães I acompanhada de concentração cerâmica e restos de argila seca, incluindo um rolete. Pode-se inferir que o local estava sendo usado no processo de fabricação da cerâmica e, talvez, até a estrutura de combustão tenha sido utilizada na queima de recipientes.

Outro tipo de estrutura assinalada, e de maior dificuldade de identificação, no caso de registros conturbados, são os locais de refugio. Comumente citados como "lixeiros" ou "áreas de descarte", são os locais onde verifica-se um aparente caos no registro arqueológico com a ocorrência de diversos tipos materiais dispostos de maneira a gerar um certo adensamento no registro. São atribuídas a representatividade de atividades específicas, mas de modo geral apontam para locais de contextos multifuncionais, já que podem

englobar o registro material de diversas outras áreas de atividade (MILHEIRA, 2008: 24; SOARES, 2004).

Não menos importante, as estruturas funerárias apresentam uma importante relação quando da ocupação prolongada de determinado território. São indicadores de atividades simbólicas, onde também exige-se um determinado nível de complexidade na estrutura do grupo e na produção da cultura material. O tempo e esforço empregado num vasilhame do tipo *cambuchí*, ou o manejo de seu uso para outra função, prevendo-se uma reposição, implica que o grupo tenha a necessidade da realização de determinadas atividades e de maior tempo no local. Outra questão envolve no que pode ser a marcação de territórios, onde os locais de sepultamento indicam os locais em que os ancestrais tenham vivido em outras épocas, podendo ser reclamados e reocupados em determinado período de tempo (ZEDEÑO, 1997: 89-94). Dos sítios selecionados para a pesquisa, apenas dois possuíam indicadores de estruturas de sepultamentos.

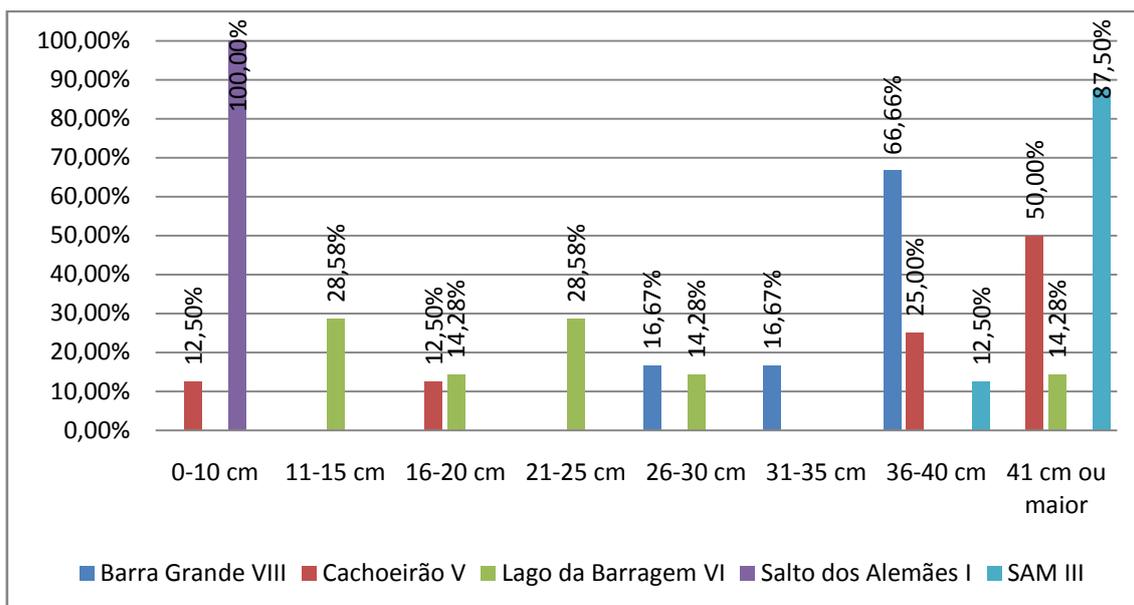
Passando a atenção ao material cerâmico, Shapiro (1984: 696) propõe que a relação entre permanência nos sítios e a dimensão do grupo são refletidas no tamanho e forma dos vasilhames cerâmicos. Essa asserção se deve ao fato de que o tamanho do vasilhame e a sua forma são determinados para um uso específico. Diversas pesquisas citadas pelo autor corroboram essa proposição, ainda que outros pesquisadores alertem para o cuidado de que muitos vasilhames podem ser destinados a usos diferentes daqueles que se propunham inicialmente (SHEPARD, 1976: 224 *apud* SHAPIRO, 1984: 697).

Tendo em base essa proposição, a dimensão dos vasilhames (já classificados em sua funcionalidade) leva a crer que a densidade populacional e o grau de permanência dos sítios está refletida em dois grupos específicos de recipientes, os quais são diretamente afetados pelo número da população que vive em determinado grupo. As vasilhas destinadas a cozinhar (em especial os *yapepó*) ou os vasilhames de armazenagem de líquidos ou alimentos (*cambuchí*) representam duas categorias que apontam para essa perspectiva. Enquanto uma induz à quantidade de alimento processada, e talvez a

variedade, a outra se caracteriza por um recipiente de maior proporção e maior complexidade na sua produção, seja pelo tamanho ou pela necessidade de elementos necessários à sua finalização (SHAPIRO, 1984: 701).

Rogge (2006: 185) ao considerar o grau de permanência de sítios Guarani no litoral do Rio Grande do Sul também considera essa proposição, já que determinados vasilhames levam a inferir um baixo grau de mobilidade denotando uma estabilidade em determinados assentamentos.

Além das funções presumidas a estes vasilhames, há de se considerar o uso secundário (ou talvez até terciário) para algumas categorias de vasilhames. As grandes talhas (*cambuchî*), quando identificadas no contexto arqueológico, na maioria dos casos são atribuídas a conjuntos funerários, embora, segundo a etnohistória (SOARES, 1997), sua função primária deva estar relacionada aos festins e beberagens, conforme é visto em diversos relatos do período de contato com o europeu. Mais do que isso, os grandes vasilhames pelas suas características formais (grandes proporções, acesso restrito, maior tamanho de bojo, maior volume, diâmetro de borda mais restrito que o corpo, na maioria dos casos) podem estar associados a funções de armazenamento de alimentos ou água. Esse indicador também deve ser tido em consideração devido ao fato de que, se há armazenamento de alimentos, há uma maior produção e uma maior necessidade desses recursos à população, logo, infere-se num número de indivíduos maior que pode estar refletida na quantificação destes vasilhames.



**Gráfico 41** – Tamanho/frequência das talhas (*cambuchí*) nos sítios analisados.

**QUADRO 10** – NÚMERO DE FRAGMENTOS ANALISADOS PARA TAMANHO/FREQÜÊNCIA DAS TALHAS (*CAMBUCHÍ*)

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
0-10 cm		1		1	
11-15 cm			2		
16-20 cm		1	1		
21-25 cm			2		
26-30 cm	1		1		
31-35 cm	1				
36-40 cm	4	2			1
41 cm ou maior		4	1		7
Total	6	8	7	1	8

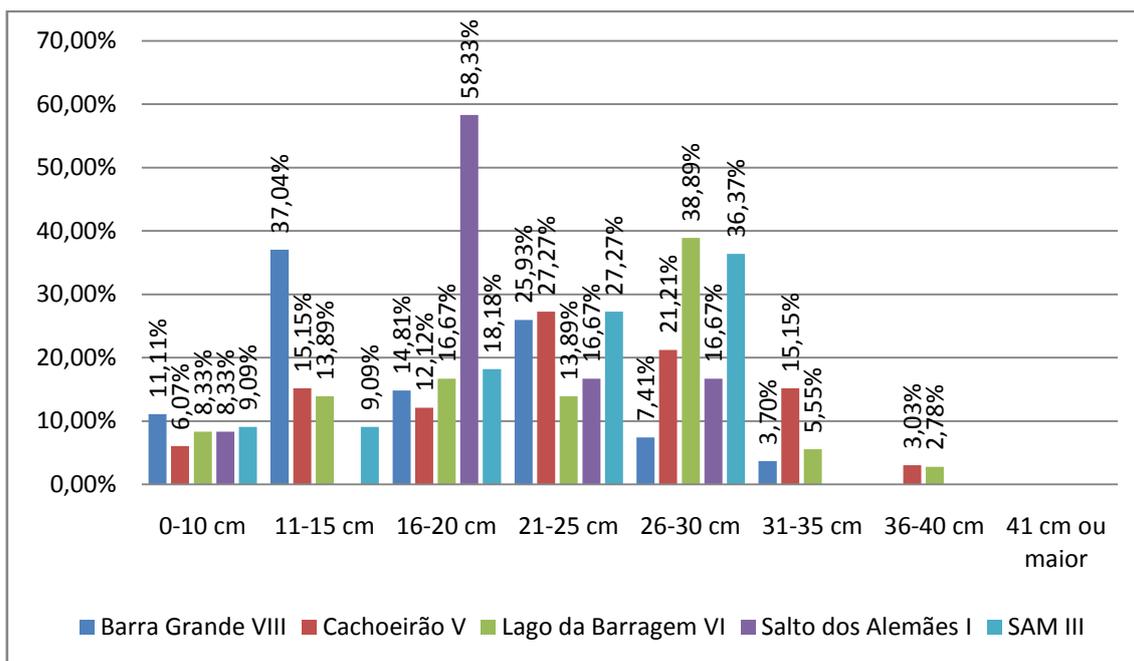
Em contrapartida, o seu uso em contextos funerários implica que estes vasilhames desempenham uma função simbólica específica, já que, comumente não há sepultamentos desse modo em larga escala, porém existe frequência dos mesmos nos sítios Guarani, o que reflete a importância de seu uso neste aspecto. Salienta-se que esta questão exige maior complexidade do campo simbólico e pode estar ligada a aspectos demográficos, visto que reflete em uma atividade destinada a determinados membros do grupo.

Além disso, conforme Prous (1992: 388) aponta, os sepultamentos, e em especial um grande número destes, seriam indícios de certa permanência devido ao fato de que em locais ocupados por pouco tempo eles dificilmente seriam numerosos.

Assumindo que estas evidências, mesmo que indiretamente, sugiram a permanência do grupo em um determinado local, é razoável considerar que uma grande quantidade de utensílios para armazenagem de alimentos podem indicar um alto grau de permanência do sítio (SHAPIRO, 1984: 702).

Além do pressuposto da quantificação de vasilhames para determinados fins, outra possibilidade envolve as suas dimensões. Uma proporção grande de talhas para armazenar líquidos e alimentos implica num maior grau de permanência; a mesma proporção de talhas, porém de dimensões menores ao seu propósito pode indicar um menor grau de permanência, já que a quantidade de alimentos e/ou água armazenados seria menor. Isso leva a pensar que a variabilidade constatada nas dimensões (neste caso mensurada através dos diâmetros da borda) está ligada a proporcionalidade de alimentos que podem ser estocados que, indiretamente, levam a um possível interpretação da permanência do grupo em determinado assentamento.

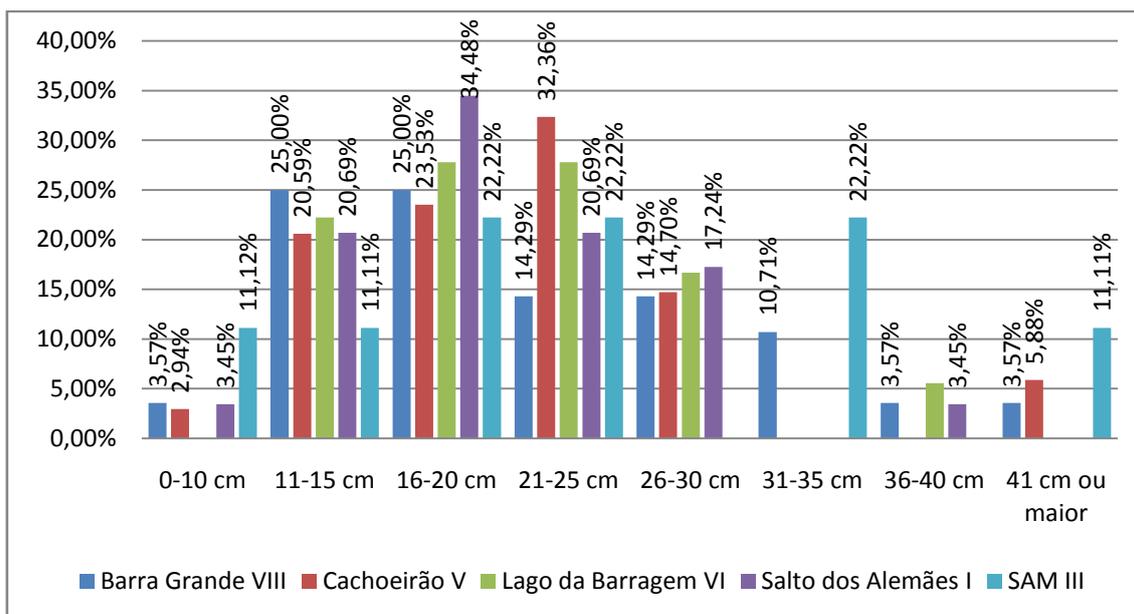
Na perspectiva da densidade populacional dos sítios há outras questões a serem abordadas. Primeiro, assumindo a proposta de Shapiro (1984: 706), a frequência no tamanho dos vasilhames destinados a misturar, cozinhar e servir alimentos implica no número de indivíduos a quem está sendo destinado esta alimentação. Esta asserção também foi apoiada por Binford (1965), quando da comparação dos diâmetros dos recipientes e relacionando-os a aspectos sociais do grupo, como as refeições comunais.



**Gráfico 42** – Tamanho/frequência das tigelas de beber (*cambuchí caguaba*) nos sítios analisados.

**QUADRO 11** – NÚMERO DE FRAGMENTOS ANALISADOS PARA TAMANHO/FREQUÊNCIA DAS TIGELAS DE BEBER (*CAMBUCHÍ CAGUABA*)

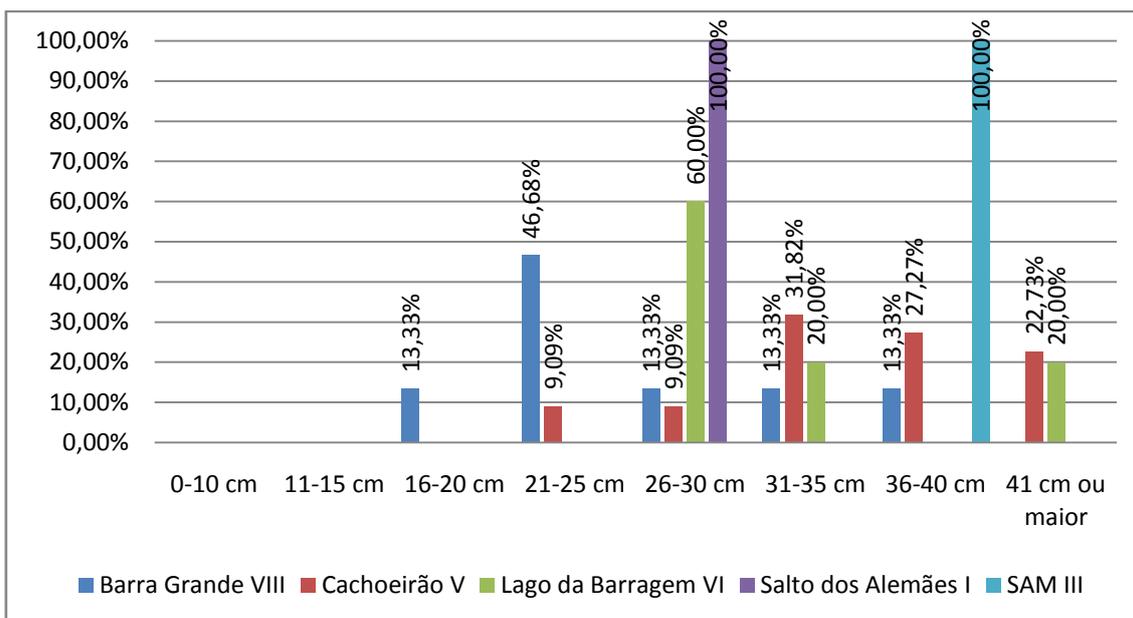
	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
0-10 cm	3	2	3	1	1
11-15 cm	10	5	5		1
16-20 cm	4	4	6	7	2
21-25 cm	7	9	5	2	3
26-30 cm	2	7	14	2	4
31-35 cm	1	5	2		
36-40 cm		1	1		
41 cm ou maior					
Total	27	33	36	12	11



**Gráfico 43** – Tamanho/frequência das painéis de cozinhar (*yapepó*) nos sítios analisados.

**QUADRO 12** – NÚMERO DE FRAGMENTOS ANALISADOS PARA TAMANHO/FREQUÊNCIA DAS PAINÉIS DE COZINHAR (*YAPEPÓ*)

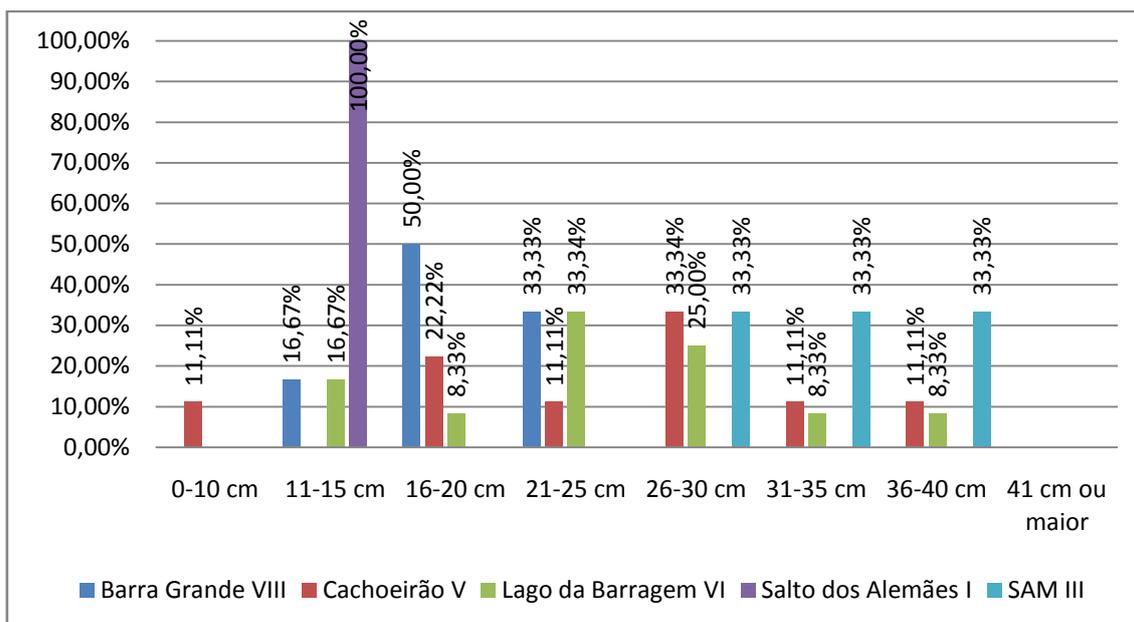
	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
0-10 cm	1	1		1	1
11-15 cm	7	7	4	6	1
16-20 cm	7	8	5	10	2
21-25 cm	4	11	5	6	2
26-30 cm	4	5	3	5	
31-35 cm	3				2
36-40 cm	1		1	1	
41 cm ou maior	1	2			1
Total	28	34	18	29	9



**Gráfico 44** – Tamanho/frequência das caçarolas (*ñæetá*) nos sítios analisados.

**QUADRO 13 – NÚMERO DE FRAGMENTOS ANALISADOS PARA TAMANHO/FREQUÊNCIA DAS CAÇAROLAS (*ÑÆETÁ*)**

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
0-10 cm					
11-15 cm					
16-20 cm	2				
21-25 cm	7	2			
26-30 cm	2	2	3	4	
31-35 cm	2	7	1		
36-40 cm	2	6			1
41 cm ou maior		5	1		
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>1</b>



**Gráfico 45** – Tamanho/frequência dos pratos de servir alimentos (*ũaembé*) nos sítios analisados.

**QUADRO 14** – NÚMERO DE FRAGMENTOS ANALISADOS PARA TAMANHO/FREQUÊNCIA DOS PRATOS DE SERVIR ALIMENTOS (*ũaembé*)

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
0-10 cm		1			
11-15 cm	2		2	2	
16-20 cm	6	2	1		
21-25 cm	4	1	4		
26-30 cm		3	3		1
31-35 cm		1	1		1
36-40 cm		1	1		1
41 cm ou maior					
Total	12	9	12	2	3

Neste caso, observa-se um maior número de vasilhames do tipo *yapepó* com diâmetros de borda entre 11 e 30 centímetros (com maior proporção entre 16 e 25 centímetros), os quais podem ser atribuídos ao preparo de alimentos para grupos não muito numerosos, e com a perspectiva de a alimentação não ser um fenômeno comunal, tendo cada família nuclear o seu local e sua parafernália de cozinha.

De maneira similar, os vasilhames do tipo *ñæetá*, destinados também ao processamento de alimentos, possuem dimensões maiores em função da sua atribuição para o preparo de determinados tipos de alimentos, mas menor frequência no registro arqueológico. As maiores proporções atingem números diferenciados sendo que o sítio Cachoeirão V possui o maior número deste tipo de vasilhame e em diâmetros superiores a 31 centímetros. Pode-se sugerir que há duas possibilidades para esta ocorrência: o grupo estaria dando preferência a um determinado tipo de alimentação, complementar ou não à dieta, processado nestes vasilhames, ou a ocupação do assentamento era ocasionada em determinado período do ano onde a disponibilidade de certos alimentos poderia ser maior, conseqüentemente compondo parte significativa da alimentação.

No que tange aos pratos de servir e comer, *ñæembé*, a resolução dos dados dos diâmetros de bordas não apresentou segurança para as interpretações, já que a variação nos tamanhos é grande e houve certa dificuldade na determinação das formas presumidas. Mesmo assim, os recipientes que fazem parte de atividades alimentares têm sua proporção maior entre 11 a 30 centímetros de diâmetro de borda, com proeminência entre os 16 a 25 centímetros. Porém, sua ocorrência não é verificada com regularidade em todos os sítios (assim como as vasilhas do tipo *ñæetá*), o que deixa mais questionamentos do que apontamentos. Ainda assim, eles seguem o padrão das panelas de cozinhar, não sendo um utensílio de grande dimensão nos casos em que sua frequência é mais abundante. A função presumida desses vasilhames também sugere um tipo específico de alimentação dentro do assentamento e a sua baixa frequência pode representar não apenas aspectos na escolha da dieta como a tendência de determinados tipos de práticas alimentares.

Ainda pensando na mensuração da densidade demográfica de grupos pré-coloniais, há estudos realizados por Chamberlain (2006: 127-128) que sugerem outra perspectiva para este aspecto. O autor apresenta, com base em síntese de pesquisas de diversos autores, um modelo com base nas dimensões dos aldeamentos. Essa perspectiva sugere uma estimativa de 160

habitantes por hectares nos aldeamentos das terras baixas da América do Sul (CURET, 1998 *apud* CHAMBERLAIN, 2006: 128). Este cálculo é baseado nos estudos de Curet (1998 *apud* CHAMBERLAIN, 2006: 126) em que, no referido contexto, uma pessoa ocuparia cerca de 6,5 m<sup>2</sup> de espaço, permitindo estimar uma quantidade de habitantes para os sítios estudados. Para que esta fórmula pudesse ser aplicada com eficiência, contudo, seria necessário determinar com precisão os ditos “espaços ocupados”, o que nem sempre é possível de verificar no registro arqueológico.

Observando as características dos assentamentos, Prous (1992: 387) considera que

As unidades ocupacionais são sempre marcadas por concentrações ovaladas ou circulares, sendo as menores de quase 100 m<sup>2</sup>. Pelos exemplos etnográficos brasileiros disponíveis, isto corresponderia a grupos de até quinze pessoas; as casas maiores (mais de 1000 m<sup>2</sup> Às vezes) teriam 60 ou mais habitantes; as aldeias com várias casas pequenas, relativamente comuns, agrupariam, desta forma, 200 ou 300 pessoas no máximo.

Tomando os dados etnohistóricos apresentados por Monteiro (1992: 478), a discussão sobre a população indígena durante o período de contato com o invasor europeu é controversa. Enquanto as fontes espanholas do séculos XVI e as fontes jesuíticas do século XVII estimaram para a região do Guairá um número entre 200 mil a 1 milhão de indivíduos (Melià, 1988: 60-89 *apud* MONTEIRO, 1992: 478), John Hemming calculou em torno de 70 mil índios para a mesma região.

Evidente que há contextos distintos envolvidos nesta perspectiva. A população dos assentamentos Guarani deveriam ser bem superiores ao dos séculos XVI e XVII, quando da chegada dos europeus, e gradativamente foi reduzido com o impacto da colonização. É difícil mensurar determinados fenômenos no registro arqueológico, como as epidemias e o apresamento, mas é possível vislumbrar algumas possibilidades para argumentar com os dados arqueológicos.

Ambas as proposições são estimativas que, dificilmente acabam identificadas no registro arqueológico dado as particularidades e os contextos de cada ocupação. Enquanto os dados etnográficos e etnohistóricos podem apresentar alguma discrepância principalmente pelo fato de se assumir que sejam sincrônicos a um registro arqueológico anterior, os cálculos de densidade demográfica estipulados pelos espaços ocupados podem não estar considerando aspectos culturais específicos de uso e relação desses espaços, além de fenômenos imprevisíveis que propiciem um aumento ou decréscimo populacional proveniente de fatores externos, como conflitos ou epidemias.

Porém, a pauta da demografia com base na proporção dos vasilhames também pode apresentar alguns problemas. A frequência de determinado tipo de utensílio, e nesse caso as panelas de cocção, pode ser afetado por diversos fatores que representam em um aumento/diminuição da sua quantidade. O tempo de duração do assentamento deve ser um aspecto considerado, já que os vasilhames estão sujeitos a um período de vida útil antes de serem descartados e substituídos, o que interfere significativamente no número de fragmentos encontrados nos registros arqueológicos. No caso dos grupos Guarani, mesmo que se faça uso do caco moído, ou chamote, na composição da pasta cerâmica, ainda é possível haver essa variação no registro.

O que surge para a pesquisa no que tange a demografia, parece ser considerar um meio comum entre as perspectivas apresentadas. Enquanto não se tem o registro das unidades habitacionais bem definidas pela ausência das manchas pretas, pode-se fazer uso de dados mais genéricos provenientes principalmente da etnohistória, já que a cronologia dos sítios sugere a mesma temporalidade do período de contato com o colonizador europeu. Mesmo que por alto, as estimativas auxiliam a compor o cenário ocupacional e definir, com o auxílio de outros critérios, uma base para a composição demográfica regional.

## 5.2 OS ASSENTAMENTOS GUARANI NA PERSPECTIVA INTER-SÍTIOS

As análises dos conjuntos cerâmicos e sua variação intra e inter sítio é uma importante fonte de informação na busca por atividades que foram executadas em determinado local no período pré-histórico (PLOG, 1980: 83).

Essa asserção é corroborada quando se busca uma relação com determinados atributos que apontam não só para a funcionalidade de determinado vasilhame como para perspectivas de frequência das atividades pretéritas de determinado sítio. Aspectos tipológicos como o antiplástico, a decoração, o diâmetro de borda e a função do vasilhame, auxiliados aos dados etnográficos conduzem a uma interpretação da variedade de utensílios e, somado a outras feições do sítio, às interpretações acerca dos locais e/ou atividades no contexto (PLOG, 1980: 83-88).

Nessa perspectiva, buscou-se nos dados da amostra cerâmica uma variabilidade do conjunto material que apontasse para algumas questões da relação destes sítios. A primeira questão reside no fato da prescritividade Guarani e na reprodução de determinados elementos que são tidos, conforme alguns autores (NOELLI, 2004; SOARES, 1997; LINO, 2009; MILHEIRA, 2008), como paradigmas para a arqueologia Guarani. Até que ponto a reprodução da cultura material se dava de maneira constante e qual a possibilidade de interferências por outros grupos pode ser refletido na cerâmica Guarani.

A segunda questão é a compreensão dos processos de uso e ocupação do território, refletidos nos conjuntos materiais e nas atividades que ocorreram nos contextos pretéritos. Atribuir funcionalidade aos sítios arqueológicos remete a entender os processos que incidiram num determinado período e propor quais as relações que se deram em cada sítio com base nos dados que se dispõem.

Através do método de estudo, tendo a unidade funcional como base para a análise dos conjuntos, usa-se a definição de um número mínimo de

vasilhames, o que torna-se extremamente útil a esta abordagem, especialmente nas análises comparativas intra e inter sítios, pois pode corrigir alguns equívocos provenientes de contextos que sofreram processos deposicionais e pós deposicionais (VOSS e ALLEN, 2010: 8).

A relação entre os sítios se dá através de análise comparativa dos conjuntos, observando as frequências dos tipos de atributos selecionados assim como sua similaridade ou distanciamento, conforme método estatístico por *clusters* (SHENNAN, 1988: 198). Os agrupamentos resultantes da análise apontaram para as características que aproximam/distanciam os conjuntos entre si, resultando em similaridades ou diferenciações entre cada sítio. Nesta perspectiva, busca-se compreender quais aspectos estão sendo indicadores de diferenciação entre os sítios e por que ocorrem.

### 5.2.1 Antiplástico

Os elementos do antiplástico da pasta cerâmica são recorrentes em todos os sítios estudados, com uma relativa proporção significativa para o tipo composto por mineral e carvão, que atinge porcentagens consideráveis em todos os conjuntos analisados, especialmente no sítio Salto dos Alemães I, onde torna-se dominante.

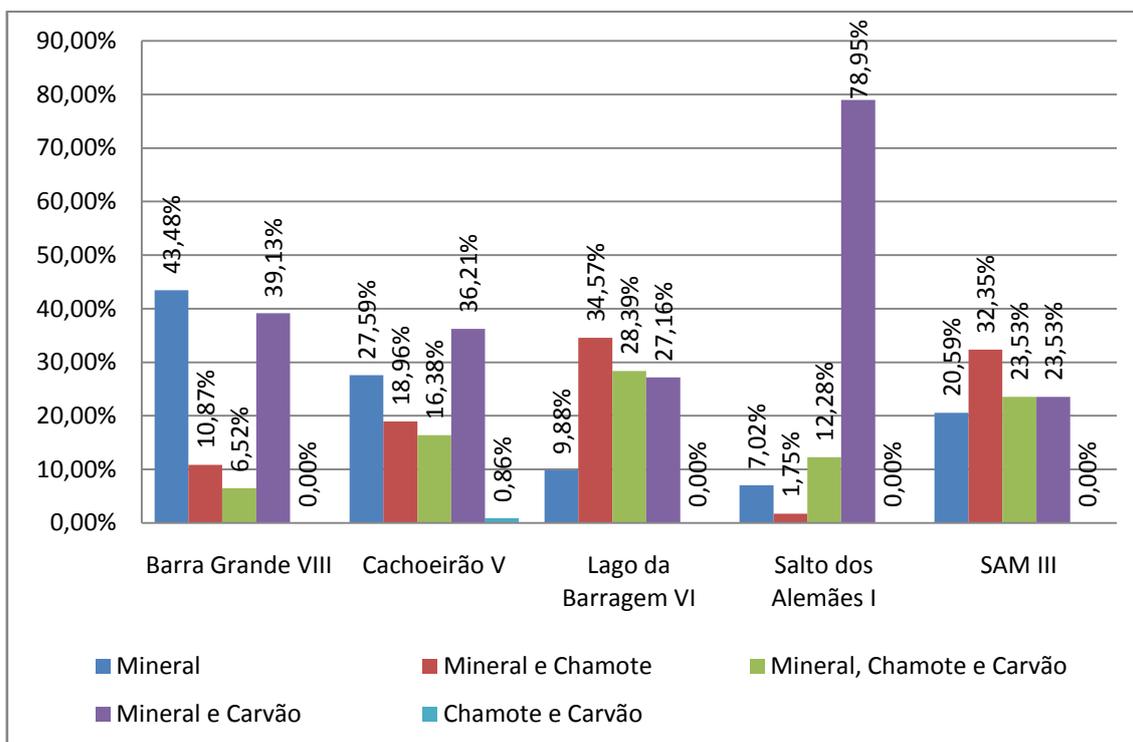
Pela análise de *cluster*, percebe-se dois conjuntos dissociados nas escolhas que envolvem a pasta da cerâmica, sendo ainda o sítio Salto dos Alemães I ligeiramente diferenciado dos outros. Essa diferenciação se torna evidente quando da análise dos vestígios, que apontam também para uma predominância para um tipo específico de vasilhame.

Contudo, o elemento antiplástico talvez não seja um marcador confiável para verificar a variabilidade entre os sítios, pois as distâncias entre eles não são suficientemente grandes, a ponto de haver a possibilidade dos locais de coleta de matéria-prima compartilharem características comuns. Porém, há um elemento humano na pasta que proporciona uma diferenciação

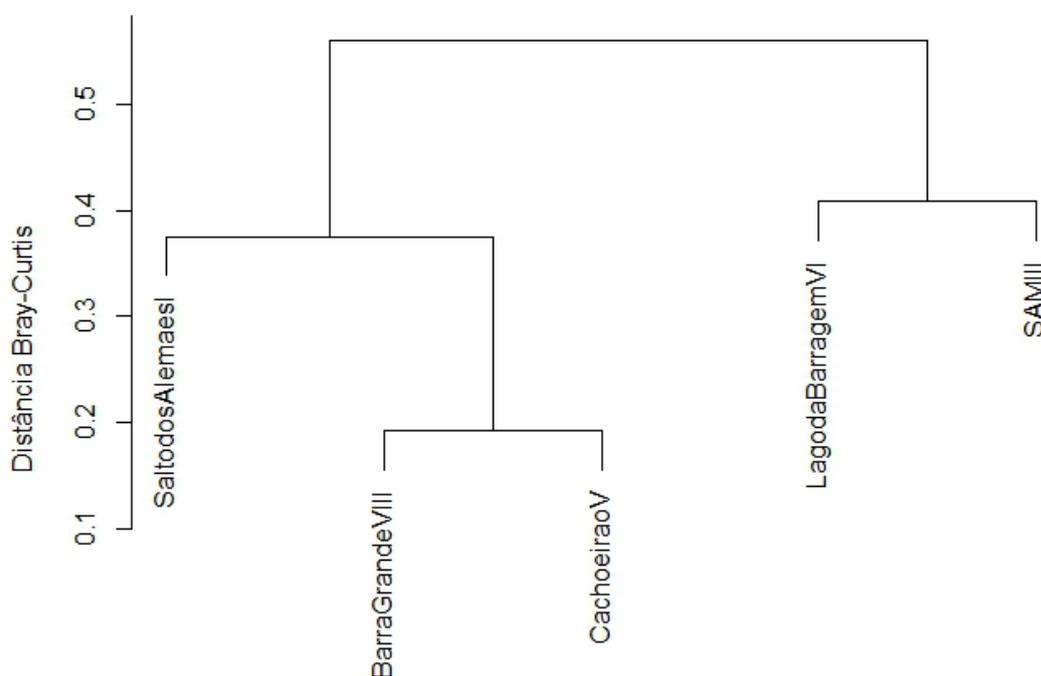
entre os conjuntos: o chamote, ou caco de cerâmica moído, é um marcador de distinção para os sítios Lago da Barragem VI e S.A.M. III. Associado ao tipo mineral, ele se apresenta em 34,57% e 32,35% da amostra respectivamente, o que representa o tipo predominante nos dois sítios.

Já o sítio Salto dos Alemães I possui uma proporção muito maior do tipo mineral e carvão (78,95%), o que faz com seja distinto dos demais. Embora os sítios Barra Grande VIII e Cachoeirão V apresentem proporções consideráveis para este tipo de antiplástico, não possuem quantificação suficiente para se comparar ao Salto dos Alemães I, onde essa escolha parece ter sido um fator determinante.

Outro ponto a ser ressaltado é que há duas frações no conjunto, o que faz considerar que o antiplástico é um fator determinante de diferenciação entre os sítios. Embora possa ser diretamente atribuído às fontes de barro das quais se extrai a matéria-prima para a cerâmica, há elementos de escolha humana na pasta que apontam para uma preferência.



**Gráfico 46** – Frequência do antiplástico nos sítios analisados.



**Figura 43** – Agrupamento pela variável antiplástico.

**QUADRO 15** – NÚMERO DE FRAGMENTOS TOTAIS PARA FREQUÊNCIA DO ANTIPLÁSTICO

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
Mineral	40	32	8	4	7
Mineral e Chamote	10	22	28	1	11
Mineral, Chamote e Carvão	6	19	23	7	8
Mineral e Carvão	36	42	22	45	8
Chamote e Carvão	0	1	0	0	0
Total	92	116	81	57	34

O que pode ser verificado nessa variável é uma imensa semelhança entre os sítios Barra Grande VIII e Cachoeirão V que está ligado às etapas de produção do vasilhame, seja pela escolha ou preparação da pasta. Embora os sítios não estejam a uma grande distância entre si, eles praticamente se

inserir em contextos diferentes, um estando mais próximo do rio Barra Grande, tributário da margem esquerda do rio Tibagi e o outro na margem oposta deste. As datações disponíveis para ambos também apontam para uma cronologia muito próxima, havendo a possibilidade de serem contemporâneos.

### 5.2.2 Decoração

No que remete aos tratamentos de decoração verificados, percebe-se uma significativa quantificação do tipo cromático que, presumidamente está associado a determinados tipos de vasilhames que, por consequência, possuem grande densidade na amostra do material. Essa maior quantidade de vasilhames pintados é vista em função da quantidade de vasilhames do tipo *cambuchí caguãba* que, por característica recebe o acabamento cromático na maioria dos casos e é representativo em todos os sítios.

Somente no sítio Cachoeirão V que é possível verificar uma grande proporção de utensílios (62,07%) que não possuem decoração plástica ou cromática, sendo seu acabamento simplesmente o alisamento da superfície externa do vasilhame. Este aspecto, notável na análise de *cluster*, torna o referido sítio, ainda que inserido nas características dos demais, em um elemento atípico na amostra total. A maioria dos vasilhames que não recebe o tratamento cromático em sua superfície externa está ligada à função de preparar e/ou servir alimentos. Nota-se que os tipos usuais para esta classe de vasilhame, o corrugado e o unculado, possuem proporções muito baixas para a amostra (0,86% e 3,45% respectivamente).

O acabamento por alisamento pode sugerir uma preferência por uma técnica mais simples ou pela escolha de um método de produção mais eficaz em termos de velocidade. Mais do que isso, algumas unidades apresentaram a aplicação de uma brunidura mais simplificada na parte exterior dos vasilhames, similar ao que se vê nos vasilhames da tradição Itararé/Casa de Pedra. Associado ao fato de que, na área de estudo, muitos sítios Guarani estarem

implantados em locais onde também se verificam fragmentos de cerâmica da tradição Itararé, leva a considerar a hipótese de contato étnico.

Como não há outra alteração na proporção dos vasilhames (este sítio se mostra dentro de um padrão em relação às funções dos recipientes), uma das hipóteses que surge é que estes grupos estariam incorporando membros de outras etnias que reproduziram aspectos formais da sua cultura material em um novo contexto. A datação recente que este sítio apresenta ( $240\pm 40$  A.P.) pode indicar que estariam em um período de constante contato interétnico, e que coincide com os registros históricos pós contato com os europeus e já no fim do ciclo jesuítico. Também há registros da presença de grupos Kaingang no mesmo período, mais ao sul do rio Tibagi e entre o rio Itararé (NIMUENDAJU, 1987).

Também se verifica que há diversos elementos que tornam o sítio Cachoeirão V muito similar ao sítio Barra Grande VIII (como pode ser verificado nas outras variáveis) e somente o elemento decoração faz com que ele se distancie dos outros conjuntos analisados. Este assentamento pode ter sofrido uma grande pressão cultural por parte de grupos externos (principalmente os europeus) reorientando sua cultura material de forma a produzir os utensílios com certa agilidade (considerado que o tempo de alisamento seja menor do que o de outros processos decorativos, como corrugado e unglado).

Além disso, a possibilidade do abandono de determinadas técnicas formais pode representar uma ruptura com o modo tradicional de se produzir a cerâmica como um marcador de diferenciação cultural. A possibilidade mais condizente, pelos dados disponíveis, é que a pressão do colonizador europeu causou um abandono do investimento de tempo nas técnicas tradicionais havendo a opção por um elemento “simplificador” no acabamento dos vasilhames, seja através da reprodução da técnica de outras etnias, ou em termos de inovação por um método mais prático.

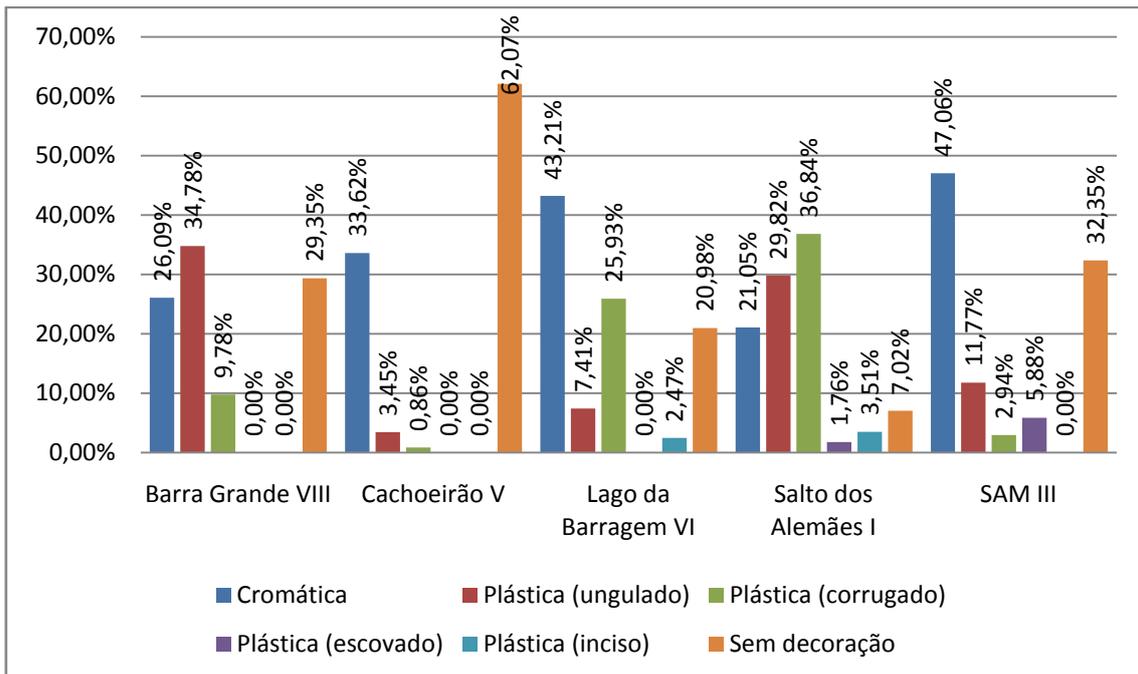


Gráfico 47 – Frequência dos tipos decorativos nos sítios analisados.

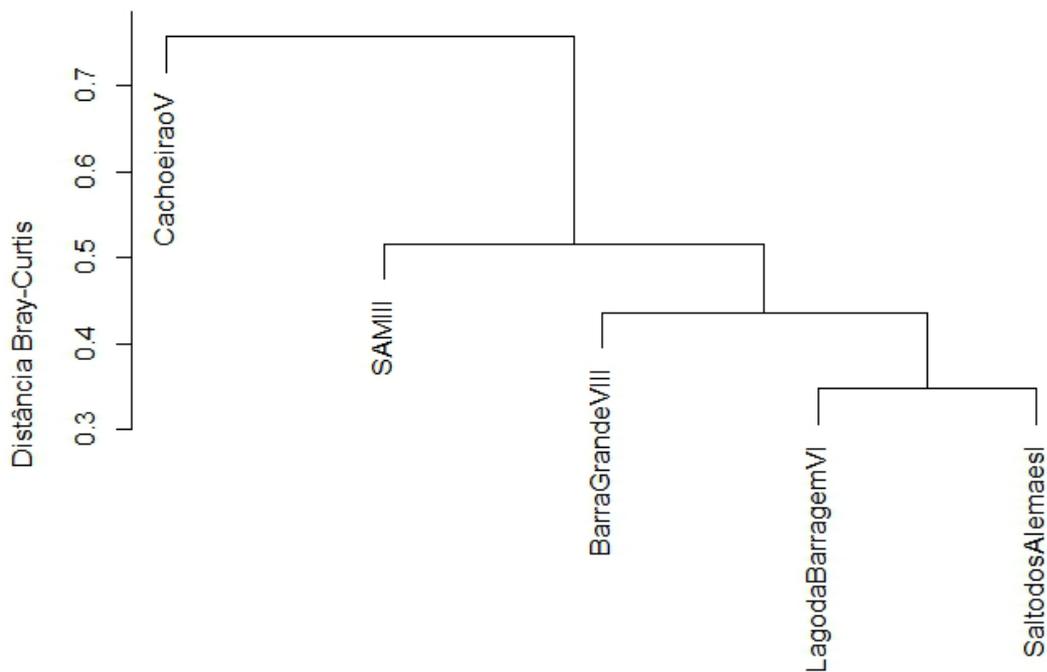


Figura 44 – Agrupamento pela variável decoração.

QUADRO 16 – NÚMERO DE FRAGMENTOS TOTAIS PARA FREQUÊNCIA DOS TIPOS DECORATIVOS

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
Cromática	24	39	35	12	16
Plástica (ungulado)	32	4	6	17	4
Plástica (corrugado)	9	1	21	21	1
Plástica (escovado)	0	0	0	1	2
Plástica (inciso)	0	0	2	2	0
Sem decoração	27	72	17	4	11
Total	92	116	81	57	34

Fato que o conjunto do sítio Cachoeirão V não reproduz fidedignamente o padrão decorativo Guarani, indicando que em algum momento este assentamento passou por um processo que o diferenciou dos demais membros da etnia. Embora ainda não seja significativo, este dado induz a alguns questionamentos acerca das relações entre os Guarani na área de estudo.

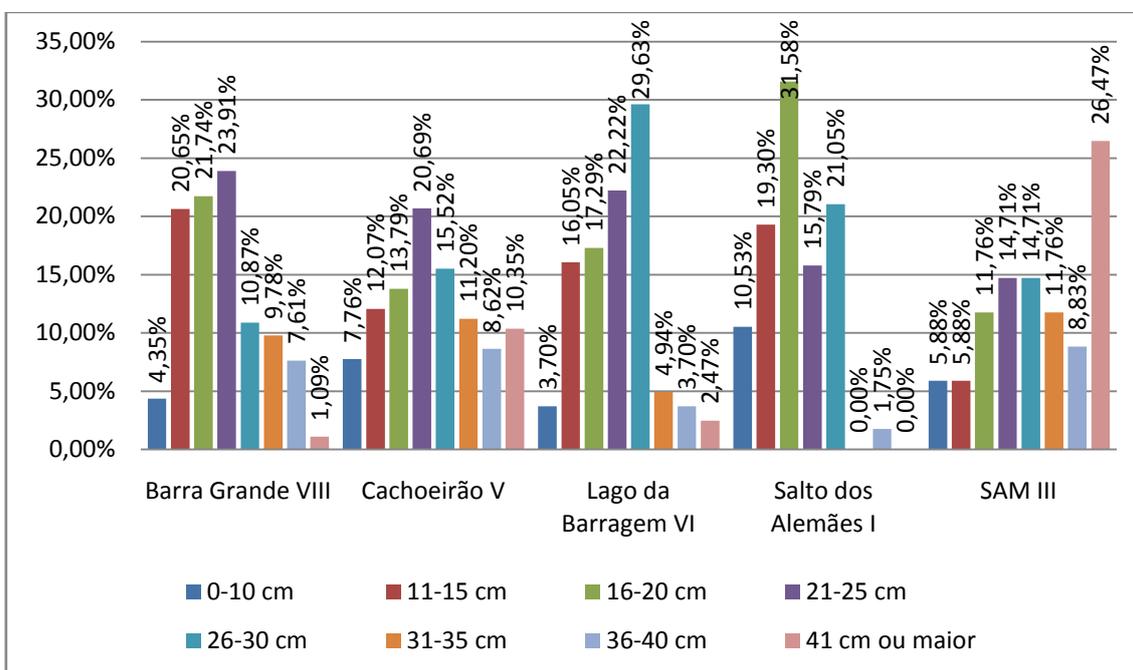
### 5.2.3 Diâmetro da borda

Outro elemento de análise importante para a compreensão dos processos de ocupação reside na proporção do tamanho dos recipientes cerâmicos, considerados aqui através do diâmetro da borda. A importância dessa unidade analítica reside no fato de poder-se inferir um tamanho presumido dos vasilhames cerâmicos e verificar se este elemento é determinante na caracterização dos sítios. É importante ressaltar que o diâmetro pode estar ligado a densidade populacional, quando verificado na frequência dos vasilhames de processamento e consumo de alimentos.

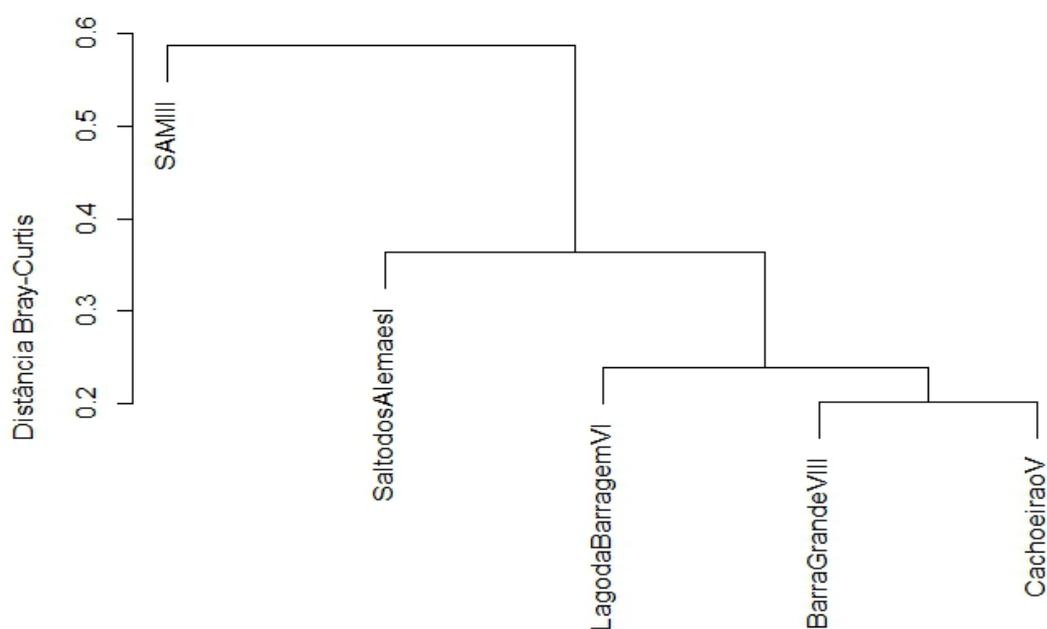
Nesta variante, é possível averiguar que há praticamente uma padronização entre todos os sítios, com exceção do S.A.M. III. Os gráficos em barra demonstram uma maior proporção nos conjuntos de diâmetros de vasilhames entre 16 a 30 centímetros (ou 11 a 30 centímetros no caso do sítio

Barra Grande VIII). Pode-se inferir que a maioria dos utensílios, seja de processamento de alimentos ou para outros fins, seguem uma proporção mediana que supra as necessidades de grupos que não possuam grande quantidade de indivíduos.

A proporção verificada de vasilhames com diâmetro de borda superior a 35 centímetros está associada às grandes talhas, ou *cambuchí*, que possuem dimensões maiores em função da sua atribuição presumida. O sítio S.A.M. III, por ser caracterizado como uma área possivelmente exclusiva a sepultamentos, apresentou a discrepância verificada com relação aos demais. Para os outros sítios, há uma correlação bem evidente que inclusive aponta para uma similaridade no que tange a densidade populacional medida através da hipótese de correlação entre o tamanho de vasilhames de processamento de alimentos e a densidade do grupo.



**Gráfico 48** – Frequência do diâmetro da borda nos sítios analisados.



**Figura 45** – Agrupamento pela variável diâmetro da borda.

**QUADRO 17** – NÚMERO DE FRAGMENTOS TOTAIS PARA FREQUÊNCIA DO DIÂMETRO DE BORDA

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
0-10 cm	4	9	3	6	2
11-15 cm	19	14	13	11	2
16-20 cm	20	16	14	18	4
21-25 cm	22	24	18	9	5
26-30 cm	10	18	24	12	5
31-35 cm	9	13	4	0	4
36-40 cm	7	10	3	1	3
41 cm ou maior	1	12	2	0	9
Total	92	116	81	57	34

Aliado a esta perspectiva, a hipótese de que os assentamentos representam grupos menores dadas às dimensões da distribuição do registro material, leva a pensar em um grupo Guarani fragmentado em unidades menores como estratégia em face ao contato com o europeu. Outra

perspectiva também remete a idéia dos territórios circundantes que comporiam uma unidade política mais abrangente centrada em um assentamento maior com uma figura de prestígio político (SOARES, 1997; NOELLI, 1993).

#### 5.2.4 Função

Completando o ciclo, a funcionalidade presumida dos vasilhames é elemento fundamental para compreender não apenas do uso dos utensílios, mas também através da frequência destes apontar para a incidência de determinadas atividades que ocorreram no contexto pretérito.

Novamente, pela observação do *cluster*, é possível ver uma diferenciação básica do conjunto do sítio S.A.M. III dos demais sítios. É evidente que sua atribuição a um local de atividades específicas associado a outro(s) sítio(s) se tornou recorrente nas análises do conjunto material e dos contextos em que foram escavados.

Em contrapartida, tem-se uma variação que deixa os sítios Salto dos Alemães I e Lago da Barragem VI ligeiramente distante dos demais. Tanto o sítio Barra Grande VIII quanto o sítio Cachoeirão V, embora diferentes na variabilidade formal das unidades de análise, compartilham a mesma proporção de vasilhames dadas as suas funções. Para os demais, excetuando o sítio S.A.M. III, a proeminência de um tipo específico de vasilhame os distanciam dos padrões verificados. A proporção díspar de vasilhames do tipo *yapepó* (panelas de cozinhar) no sítio Salto dos Alemães I, e do tipo *cambuchí caguãba* (tigelas de beber) no sítio Lago da Barragem VI leva a inferir que estes sítios poderiam estar apresentando uma maior intensidade em determinado tipo de atividade.

No caso do sítio Salto dos Alemães I, a amostra de 50,88% de panelas para cozinhar pode implicar a um recorrente uso do assentamento com a produção de novos vasilhames a cada ocupação. Contudo, para que esta asserção fosse viável, deveria haver, também, um aumento na proporção dos

outros tipos de vasilhames, dado as necessidades do grupo. Fato é que, outras classes destinadas a processamento de alimentos possuem uma representatividade muito baixa na amostra (7,02% para as caçarolas e 3,51% para os pratos de servir). Assume-se que o sítio Salto dos Alemães I pode ter servido como local onde ocorreu uma atividade específica na produção de vasilhames para outros assentamentos, ou houve uma preferência (ou interferência) no processo de alimentação, dando ênfase ao consumo de determinados tipos de alimentos (no caso, os cozidos em água).

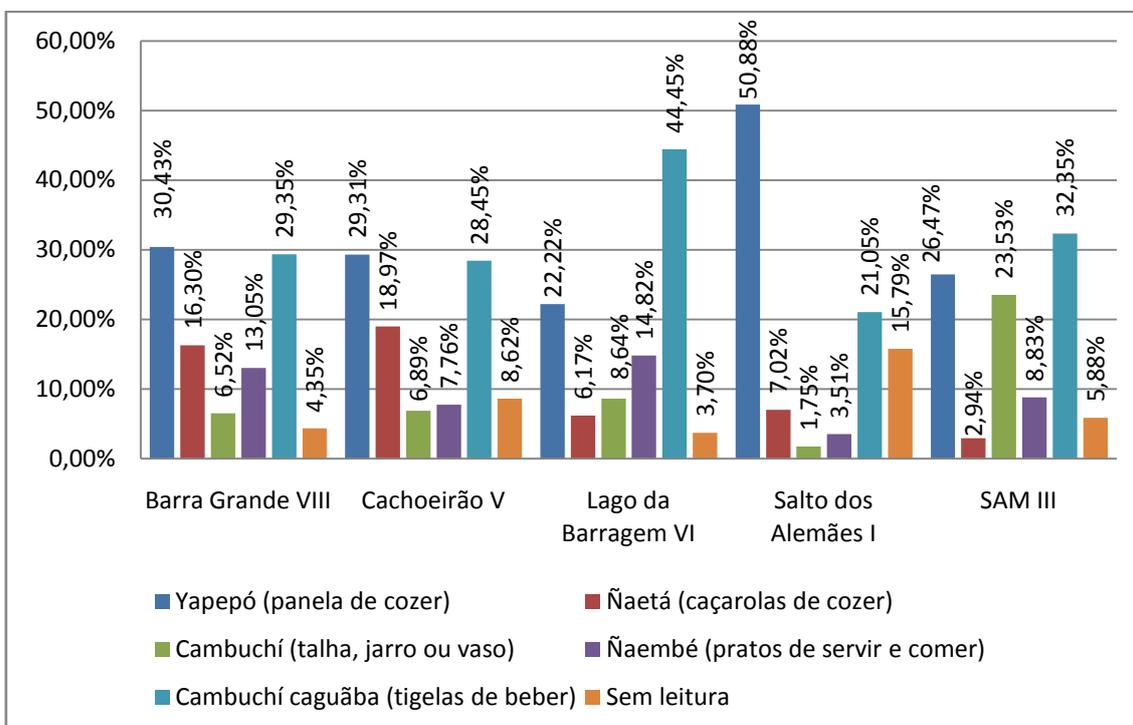
Já no sítio Lago da Barragem VI, a amostra das tigelas de beber alcançou 44,45% do total analisado, um número acima dos demais sítios. De maneira similar, pensa-se num recorrente uso do assentamento que não é corroborado pela proporção dos outros tipos de vasilhames. Uma interpretação possível para a ênfase nesta categoria funcional diz respeito ao uso dessas peças em rituais de beberagens (NOELLI e BROCHADO, 1998) e que o sítio poderia dispor de uma densidade maior de pessoas quando desta atividade, visto que a proporção dos vasilhames de processamento de alimentos e o diâmetro da borda dos mesmos não aponta para a produção de comida em grande quantidade.

Considerando que os festins envolvendo consumo de bebidas podem ser vistos como um elemento de pretensão ao prestígio do grupo e de sua liderança política, ao fazer isso, buscava firmar alianças ou consolidar as suas relações no território (SOARES, 1997).

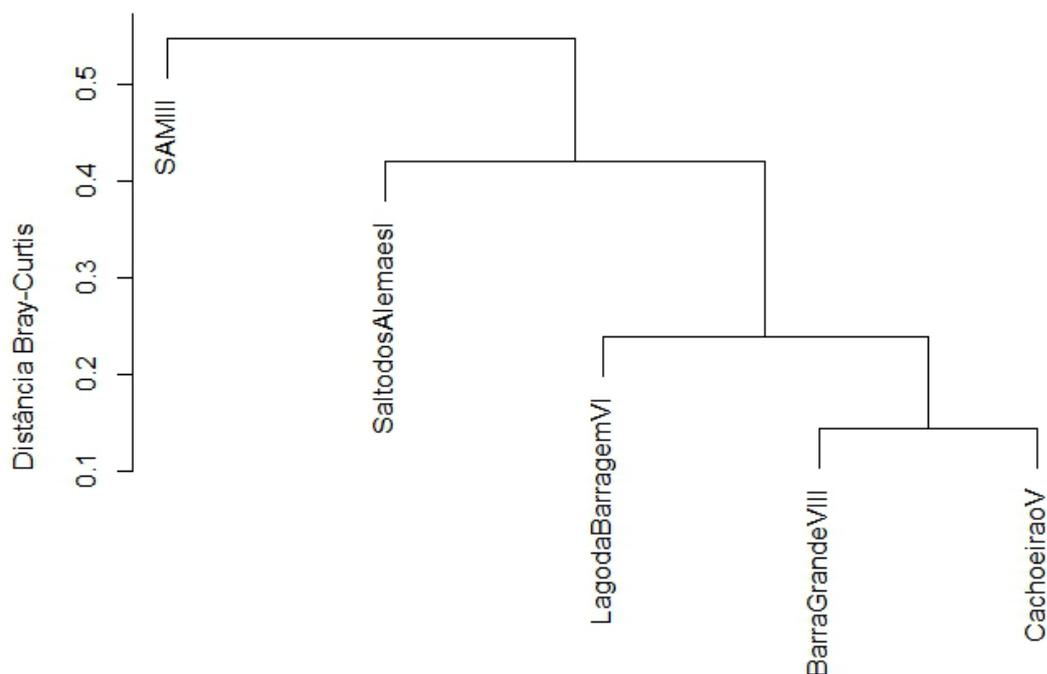
A análise de agrupamentos demonstra claramente que os conjuntos dos sítios S.A.M. III e Salto dos Alemães I estão um pouco distantes dos demais. Isto pode estar relacionado ao fato de que ambos não são enquadrados no padrão, apresentando uma ou outra característica que os dissocia do comumente verificado, como pode ser interpretado à luz de um local que privilegia uma atividade específica (sepultamentos e produção de utensílios, respectivamente).

Também pode-se sugerir que, para o sítio Salto dos Alemães I, o fato de a escavação ter atingido uma amostra mais significativa na área de

produção, a tendência observada foi um aumento considerável na frequência de panelas de cozinhar. Contudo, ainda há a questão do porquê não haver uma representatividade equivalente para as outras tralhas domésticas, já que corresponderiam a um proporção equivalente dos vasilhames cocção verificadas em outros sítios. Esse problema remete a hipótese levantada para o sítio Cachoeirão V quanto às caçarolas, onde a proporção de tamanho se tornou um aspecto a ser considerado. No caso do sítio Salto dos Alemães I, pode-se sugerir que este também poderia ser um assentamento de ocupação sazonal com preferência a um tipo específico de alimentação.



**Gráfico 49** – Frequência da funcionalidade dos recipientes nos sítios analisados.



**Figura 46** – Agrupamento pela variável função.

**QUADRO 18** – NÚMERO DE FRAGMENTOS TOTAIS PARA FREQUÊNCIA A FUNCIONALIDADE DOS VASILHAMES

	Barra Grande VIII	Cachoeirão V	Lago da Barragem VI	Salto dos Alemães I	SAM III
<i>Yapepó</i> (panela de cozer)	28	34	18	29	9
<i>Ñaetá</i> ou <i>Ñaeá</i> (caçarolas de cozer)	15	22	5	4	1
<i>Cambuchí</i> (talha, jarro ou vaso)	6	8	7	1	8
<i>Ñaembé</i> ou <i>teembirú</i> (pratos de servir e comer)	12	9	12	2	3
<i>Cambuchí caguãba</i> (tigelas de beber)	27	33	36	12	11
Sem leitura	4	10	3	9	2
<b>Total</b>	92	116	81	57	34

### 5.3 PENSANDO A OCUPAÇÃO GUARANI NO RIO TIBAGI, MODELOS, HIPÓTESES E INTERPRETAÇÕES

Pode-se entender que a ocupação dos grupos Guarani na bacia do rio Tibagi tem enorme proeminência dado a quantidade de registros ao longo do curso do rio e de seus tributários. Mesmo que as pesquisas arqueológicas contemplem trechos específicos ao longo dos 550 km de extensão do rio Tibagi, principalmente proveniente de estudos em áreas de empreendimentos, as evidências arqueológicas apontam para ocupações antigas com datas partindo do século VII da nossa era até fins do século XVIII e XIX (CHMYZ *et. al.*, 2008).

Em contraste com essa ocupação exponencial, há diversos registros da tradição Itararé ao longo do rio Tibagi que muitas vezes são sobrepostos pelos registros dos grupos Guarani. Também os registros de influência européia são constantes em alguns sítios ao longo do rio atestando o constante contato entre os diversos grupos que ocorreram no período colonial entre o século XVI e XVII, principalmente.

Os contextos de ocupação evidenciados na amostra selecionada para esta pesquisa mostram que há certa preferência por áreas mais altas, não muito distante da margem do rio Tibagi ou de outro tributário maior, evitando as várzeas e margens que normalmente apresentam solos mais pobres para a agricultura. As terras altas de predomínio da “terra roxa” e de posição estratégica tornaram-se preferência tanto dos assentamentos Guarani como dos da tradição Itararé.

As características dos assentamentos sugerem apontar para ocupações de menor proporção fugindo da idéia de grandes aldeias. Os sítios apresentam uma freqüência dos tipos cerâmicos e uma dispersão material que atestam para ocupações de menor quantidade de indivíduos, normalmente com um período de permanência que não seja extenso. A camada arqueológica dos sítios, quando esta se apresentou em melhores condições de observação, não

excedeu pacotes entre 10 e 15 centímetros. As manchas escuras de ocupação também não apresentaram quantidade nem dimensões grandes ao longo da área dos sítios estudados. A densidade de material também se apresentou variada, sendo algumas áreas dentro dos sítios com maior incidência de vestígios do que em outras, porém poucos deles atingindo quantidades excepcionalmente grandes na totalidade dos vestígios escavados.

Os sítios S.A.M III e Lago da Barragem VI parecem ter o maior grau de permanência dos assentamentos conforme observado pelo registro material. Embora faltem evidências (que não sejam materiais) para suportar esta proposição, tais como, manchas escuras, estruturas de combustão, áreas de descarte, o registro de sepultamentos e a proporção dos vasilhames do tipo *cambuchí* reforçam a hipótese levantada. Para o caso do sítio S.A.M. III, por ser uma área caracterizada à função de sepultar, estaria associado a outro assentamento que fazia uso do local, sendo uma área considerada como um marcador de permanência devido a seu uso.

O sítio Salto dos Alemães I apresenta uma grande quantidade de vasilhames destinados a cocção de alimentos. Porém, as suas dimensões e a sua frequência em outros tipos de vasilhames não apontam para um assentamento de maior permanência, tampouco que comportasse um grande número de pessoas, tanto pelas dimensões do sítio quanto pela proporção de talhas/*cambuchí* que é muito baixa. A hipótese que pode ser levantada é a recorrência de sua ocupação (que pode ser questionada pela camada arqueológica que é relativamente pouco espessa) e a utilização do local com a evidência de uma estrutura de combustão ligada à produção de vasilhames. Pode-se salientar, ainda, a possibilidade do consumo de uma alimentação privilegiada a um processamento em determinado tipo de vasilhame.

O sítio Cachoeirão V apesar de apresentar a proporção funcional dos vasilhames dentro do esperado para os sítios Guarani na região, mostrou que no aspecto decorativo diferencia-se dos demais sítios já que apresenta o predomínio de um acabamento dos vasilhames de cozinhar através alisamento das peças, que não é usualmente representada em alta proporção dentro dos

conjuntos materiais Guarani na área de estudo. Dentro das outras características, o sítio compartilha com características dos demais sítios, tanto em proporção de vasilhames do tipo *cambuchí caguaba* quanto da frequência da tralha doméstica. Há, inclusive, uma semelhança muito grande com o sítio Barra Grande VIII, como verificado em determinados agrupamentos, algumas escolhas tecnológicas e a cronologia disponível deixam estes sítios muito próximos. Embora não seja uma evidência forte, o fato que durante determinado período o sítio Cachoeirão V se diferenciou dos demais sítios e este aspecto está representado na variação no acabamento dos vasilhames de cocção. A possibilidade mais forte, também verificada na data do sítio, é que este tenha sofrido influência externa de outro grupo étnico. Os registros apresentados por Chmyz *et al.* (2008) apontam para diversos sítios arqueológicos com indicadores de contato com o colonizador europeu em regiões muito próximas da área de estudo.

Considerando a proporção de vasilhames de cocção (*yapepó* e *ñaetá*), e a proporção de vasilhames de bebida (*cambuchí caguãba*), o sítio Barra Grande VIII parece assumir o local de maior densidade ocupacional. As estruturas de solo escuro associadas às estruturas de combustão e ao conjunto artefactual, remetem que o local foi ocupado por diversas famílias nucleares agrupadas em casa comunais. Outros elementos materiais, como os calibradores e os tembetás, demonstram que o sítio também reproduzia outras atividades sociais e econômicas. A ausência de contextos funerários e a proporção de vasilhames do tipo *cambuchí* apontam que a permanência no local, contudo, não foi duradoura. Embora o sítio possa fazer parte de uma ocupação sazonal, é possível que ele estivesse fora do contexto mais abrangente, já que sua localização se deu em um tributário do rio Tibagi, mesmo que a área necessariamente não devesse ser considerada marginal.

Observando a frequência de *cambuchí* dos sítios (gráfico 49), há uma baixa proporção deste tipo de vasilhame (sempre inferior a 10%) nos sítios estudados, sugerindo que estes vasilhames não eram comumente fabricados nem estavam disponíveis em quantidade dentro do assentamento. Com exceção do sítio S.A.M. III, que claramente se apresenta como uma área para

atividades de sepultamento, onde a proporção de *cambuchí* é maior que os demais, vê-se que a baixa quantidade destes vasilhames para o contexto ocupacional aponta para um grau baixo de permanência, muito provável que dificilmente chegasse até uma década de ocupação.

É possível que os sítios tenham sido reocupados sazonalmente e que estas atividades de reocupação possam ter gerado palimpsestos no registro arqueológico, ainda que o uso repetido do assentamento tenha se dado dentro do período de tempo proposto.

Este baixo índice de permanência proposto pode estar atrelado a algumas questões específicas da ocupação do território e não a uma regra recorrente. Não se descarta a presença de aldeias com um período de permanência maior, pois a amostra representada é uma fração ínfima de todo o contexto do rio Tibagi. Ainda assim, sítios de dimensões maiores e maior densidade material possuem menor frequência dentro da área de estudo. A ocupação através de unidades habitacionais de pequeno ou médio porte pode ter sido desencadeada por um fenômeno decorrente do contato étnico. A cronologia dos sítios é um fator favorável a esta hipótese.

Outra proposição é a descentralização das comunidades para aquisição e ocupação de novos territórios (NOELLI, 1993; ZEDEÑO, 1997), mantendo um equilíbrio político firmado nos laços de parentesco e reciprocidade (SOARES, 1997), e expandindo o território na perspectiva da aquisição de novos ecótonos necessários para as atividades do grupo (NOELLI, 1993). Com exceção dos dados etnohistóricos, não há evidências arqueológicas em ampla escala que possam atestar esta perspectiva na área de estudo.

A ocupação do contexto do rio Tibagi, de um modo geral, pode ser dada através de um grande período, visto que as datas remontam um intervalo de praticamente mil anos. Porém, os processos de dinâmica dos assentamentos podem representar mudanças significativas na organização do território, já que cronologicamente é possível verificar momentos distintos na ocupação, inclusive com a presença/intervenção de outros grupos étnicos.

A idéia de que os sítios estudados representam um dos últimos estágios da ocupação Guarani na região é reforçada (além do fator cronológico) pela característica dos assentamentos, de menor dimensão, e também pode ser sugerida pelo conjunto material do sítio Cachoeirão V, que apresenta elementos decorativos distante dos demais, mas em outras características formais ainda está muito próximo de sítios como Barra Grande VIII e Lago da Barragem VI.

Essa hipótese também pode ser estendida à densidade populacional da região. Pautando-se na frequência dos tipos de vasilhames destinados a alimentação bem como o tamanho dos mesmos, sugere-se que os grupos eram compostos de unidades familiares menores, sem a ocorrência de casas comunais de grandes proporções. A baixa densidade populacional verificada através da proporção dos vestígios resgatados comporta a hipótese de que os grupos estariam descentralizados das grandes aldeias e ocupando territórios marginais a estas, seja decorrente da interferência do europeu colonizador, seja por disputas políticas internas. Não há de se esquecer que outra possibilidade pode estar no fator epidêmico, já que pela cronologia dos sítios e pelos relatos etnohistóricos, o trânsito de europeus era mais intenso na região, principalmente em função das reduções jesuítico-guaranis.

No que diz respeito a prescritividade da cultura Guarani, é difícil conseguir estabelecer uma constatação somente com os dados desta pesquisa. Verificar a reprodução da cultura Guarani através dos indícios materiais num espectro diacrônico levaria a um trabalho extenso e uma amostra significativamente grande para traçar considerações consistentes a respeito. O que se pode verificar com relação ao tópico na área de estudo é que alguns grupos poderiam estar respondendo a elementos externos com estímulos novos e não antigos como propõe Soares (1997). Essa asserção está muito mais relacionada à pressão ou influência de grupos externos do que a uma decisão do grupo em abandonar técnicas tradicionais por motivos de reforçar uma identidade diferenciada de outros grupos Guarani, porém, essa hipótese não precisa ser totalmente descartada. Pesquisas mais amplas e que

busquem sítios com características similares e cronologias diferentes podem testar essa proposição.

No que tange ao uso e ocupação do território, as propostas do modelo ecológico expansionista de Noelli (1993) são facilmente compreendidas na área de estudo dada a amplitude da ocorrência dos sítios Guarani e da instalação destes em locais estrategicamente dispostos na paisagem. Contudo, a proposta de cisão em grupos menores com a intenção de expandir a área de domínio fica prejudicada já que a cronologia aponta para um período de contato com o europeu, o que poderia ter afetado consideravelmente as estratégias de uso do território. As áreas marginais poderiam ter recebido preferência com o objetivo de se defender dos grupos de apresamento de indígenas, estando em posições de acesso mais restrito em relação aos assentamentos marginais aos grandes cursos. Também pode ser uma resposta à atividade catequizadora dos jesuítas que resultou numa fragmentação das aldeias e levaram alguns grupos a buscarem áreas novas para estabelecerem seus assentamentos.

Acompanhando a proposta de Zedeño (1997), os grupos Guarani poderiam estar atravessando um fenômeno de fissão no sentido de buscar alternativas para a ocupação do território, seja o estabelecimento de um aldeamento com os jesuítas e a formação das reduções, seja pela exploração de novas áreas com o intuito de se afastar do processo de colonização, partindo assim, para os chamados territórios periféricos que podem ser tidos, conforme Noelli (1993), como as áreas de menor disponibilidade de recursos no *tekohá*, relegada aos grupos de menor prestígio e carecendo de um menor número de indivíduos para prover o sustento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs apresentar uma perspectiva para a ocupação Guarani no rio Tibagi. Com o auxílio da literatura arqueológica, de dados históricos e etnohistóricos, bem como as informações empíricas provenientes das pesquisas de campo, buscou-se observar como o modelo ecológico expansionista (NOELLI, 1993) específico aos grupos Guarani, e o modelo de história de vida dos territórios (ZEDENÑO, 1997) que pode ser adaptado à realidade dos contextos estudados, são eficientes na construção do conhecimento e se, de fato, podem ser seguidos na perspectiva de estudos dos grupos Guarani do vale do rio Tibagi.

Dentro dessa perspectiva, as pesquisas de caráter regional conduzem a contribuições para a Arqueologia Guarani. Enquanto novas áreas são estudadas trazendo a conhecimento novos acervos, outras regiões recebem a atenção de rever antigas pesquisas e incorporar novos métodos e objetivos. Nesse contexto, a aplicação de uma análise inter sítios não é um fenômeno inédito nas pesquisas Guarani. Porém, abordar este aspecto com o fim de determinar elementos comuns que apontam para os processos de ocupação do território e da variabilidade de características na amostra material, pode conduzir a resultados interessantes para a área de estudo.

Assim, aliar modelos consolidados na pesquisa arqueológica Guarani (como o proposto por Noelli) e cruzar com dados empíricos no âmbito regional permite algumas explicações para os dados arqueológicos e se os mesmos corroboram com o que foi buscado na etnografia e na história para explicar o registro material.

As interpretações acerca da densidade populacional e do fator de permanência nestes assentamentos se deram, principalmente, pela necessidade de verificar o quão dados da cultura material que muitas vezes

ficam relegados nas pesquisas de estilo tecnológico ou variabilidade intra sítio, podem contribuir para análises de contextos mais amplos.

Pautado nos resultados obtidos na pesquisa, pode-se traçar algumas considerações acerca dos objetivos da pesquisa. A primeira argumentação é sobre o grau de permanência e a densidade dos sítios arqueológicos estudados que levaram as seguintes hipóteses.

Os sítios observados não comportaram um número grande de indivíduos tampouco uma só ocupação parece não ter se perpetuado pelo território durante um longo período. O fato é que os grupos Guarani já ocupavam a região antes da chegada dos europeus, e estes podem ter desencadeado uma alteração nas estratégias e organização desse povos. Os sítios analisados refletem comunidades de pequeno a médio porte, com um número de indivíduos provavelmente inferior a cem habitantes por aldeia. A frequência de práticas rituais, como os sepultamentos, tem baixa incidência nos sítios, o que pode refletir uma baixa permanência nos locais.

Outro indicador está relacionado ao que pode ser apontado como comunidades satélites, representadas neste caso por ocupações sazonais ou de menor proporção. Nenhum dos sítios estudados possui as dimensões de um grande aldeamento, o que leva a crer que os grupos estavam divididos em comunidades de médio ou pequeno porte e, provavelmente ligados por meio de aliança a um assentamento de maior prestígio, já que não pode-se tomar a amostragem dos sítios como regra, e sabe-se que há assentamentos maiores na área de estudo.

Os dados para a contemporaneidade dos sítios ainda são escassos para tecer afirmações mais seguras. Porém, a distância cronológica entre eles não é grande e tudo indica que estes locais estavam ocupados durante a chegada do europeu.

A movimentação de grupos indígenas parece ter sido constante durante o período das reduções, o que pode ter propiciado também numa movimentação de grupos Guarani. Contudo, a ausência de registros que

atestem a influência jesuítica nos sítios estudados pode conduzir a crer que estes tenham rejeitado a catequização jesuítica e buscaram estratégias próprias para lidar com a pressão do colonizador, possivelmente gerando mudanças nos padrões ou sistemas de assentamento.

Com relação à questão da influência das reduções jesuíticas nessa região, Chmyz se referindo às pesquisas que realizou na bacia do Tibagi, observa que:

Os movimentos populacionais referidos pelos jesuítas teriam ocasionado, na área de pesquisa, o surgimento de diversas fases contemporâneas, diferenciadas pela composição e tendência dos tipos cerâmicos próprios de cada grupo deslocado. Tais deslocamentos, afetando territórios ocupados por grupos do baixo rio Tibagi e médio rio Ivaí, deveriam abranger aqueles situados mais a leste, até o rio das Cinzas ou mesmo o rio Itararé (CHMYZ *et al.*, 2008: p. 264).

Outra questão ligada à manutenção e domínio do território é a presença de estratégias de integração. Embora não seja evidente no registro arqueológico, e nos é pautada através de um modelo etnográfico (SOARES, 1997), o estabelecimento de alianças entre os grupos ocupantes deve ter sido prática constante, inclusive quando da chegada dos europeus, como uma forma de estabelecer e manter seus territórios de domínio. Atividades políticas e rituais, como os festins na perspectiva de angariar prestígio, e os sepultamentos como marcadores da tradição e presença no espaço, são possibilidades desenvolvidas para assegurar os domínios conquistados. Outro possível indicador pode estar ligado ao padrão nas escolhas tecnológicas, como o caso do antiplástico verificado nos sítios Cachoeirão V e Barra Grande VIII, onde sugere-se uma mesma matriz de ensino/aprendizagem.

Já os processos de transformação do território (ZEDEÑO, 1997) são identificados quando interpretados à luz dos dados históricos e/ou etnográficos. A sazonalidade das ocupações é uma estratégia aceitável dentro da perspectiva de aproveitamento dos ecótonos, alterando as áreas de roça ou o

território de caça e coleta conforme os recursos fossem se exaurindo e seguindo o ciclo das estações quando a oferta de alimentos era específica. A fissão em unidades menores também é aceitável (embora não pertença aos processos de transformação) pelo fato de que os grupos poderiam se separar seja pela aquisição de novos territórios ou apenas para garantir um melhor aproveitamento nas estratégias de subsistência.

Um último aspecto é o abandono que, para o caso da região, pode estar, mais uma vez ligado à movimentação causada pelos padres jesuítas na perspectiva de agregar um contingente indígena nas reduções ou até mesmo por outras situações provenientes do contato com o europeu, como as epidemias e os conflitos ocasionados pela disputa do território e apresamento indígena. Mesmo que a influência jesuítica seja relativamente fácil de verificar no registro arqueológico, as outras perspectivas é tarefa quase impossível dada a ausência de vestígios materiais que comprovem tais acontecimentos.

Dado ainda as datas verificadas nos contextos arqueológicos e também em algumas fontes históricas, os processos de recuperação do território possivelmente ocorreram através dos conflitos com outros grupos indígenas ou com os europeus que buscavam a hegemonia na região. Embora também seja muito difícil obter dados da arqueologia para este aspecto, é verificado que na área de estudo diversos sítios Guarani estão implantados sobre locais com outros conjuntos artefatuais, como no caso da cerâmica Itararé.

O terceiro ponto apresenta um conflito nos dados gerados sobre a permanência dos sítios na área de estudo. Enquanto os dados de Chmyz *et al.* (2008: 263) apontam para uma ocupação de tempo curto, de 4 a 8 anos, e ainda que os dados provenientes da análise dos conjuntos levam a crer na mesma perspectiva, há de se considerar que o período de permanência possa ter sido maior. As datações obtidas por Chmyz *et al.* (2008) para a fase concentrada no rio Tibagi variam entre 623±45 A.P. a 337±25 A.P. onde há sítios com registro de influência jesuítica. É possível que, em virtude das datas mais antigas, a ocupação Guarani na região do rio Tibagi estivesse

estabelecida já a um longo período e com o contato com o europeu invasor a estrutura vigente foi alterada profundamente, incluindo o coeficiente de permanência em determinadas regiões. Percebe-se que, mesmo que os dados analisados nesse trabalho apontem para essa perspectiva, a ampliação de pesquisas a outros sítios, com uma cronologia mais recuada, pode responder a essa indagação.

Com base nessas proposições, observa-se a necessidade de verificar os mesmos dados em uma perspectiva mais ampla, abrangendo um número maior de sítios arqueológicos de modo que a orientação metodológica aqui trabalhada seja testada a um conjunto de proporcionalmente maior, incluindo assentamentos de tamanho grande e densidade material numerosa.

A comparação com outras coleções no estado do Paraná também é uma perspectiva a ser considerada já que os dados apresentados sobre os Guarani do rio Tibagi podem ser comparados com os dos Guarani de outras localidades, com a finalidade de verificar se há uma variação ou proximidade entre os diversos registros materiais.

As limitações de tempo e método impostas por trabalhos provenientes de estudos ambientais em empreendimentos lesivos ao patrimônio ambiental e arqueológicos também é um fator a ser considerado. As amostragens provenientes em trabalhos do gênero nem sempre atendem a um padrão para a aplicação de certos métodos, e o tempo atribuído à pesquisa nem sempre supre a obtenção de dados para todas as perguntas. Com a ampliação do objeto de estudo seria possível testar outros métodos e corrigir algumas predisposições decorrentes dos entraves verificados nesta pesquisa, testando de fato, a validade dos modelos de ocupação e uso do território no contexto do rio Tibagi.

Os conjuntos materiais poderão ceder mais informações que não foram exploradas nesta pesquisa, como no caso da análise do antiplástico, onde dados provenientes da arqueometria podem dar novos resultados para as interpretações. A análise da composição da pasta a miúdo pode responder algumas questões sobre a diferenciação entre os conjuntos cerâmicos.

A inclusão na amostra de sítios com influência jesuítica poderá resultar em dados que, se cruzados com os sítios pré-contato, poderão sugerir o nível de alteração nas estruturas de assentamento dos grupos Guarani e verificar, de fato, o processo de impacto do colonizador nessas comunidades.

Uma melhor contextualização cronológica também auxiliaria significativamente, com mais datações disponíveis e de outros contextos da área de estudo. Estes dados poderão ser trabalhados numa perspectiva de compreender o processo de ocupação e em termos diacrônicos, o que daria uma perspectiva de entender a ocupação do rio Tibagi enquanto fenômeno de longa duração.

Um último elemento a ser verificado ainda reside nos conjuntos de cerâmica Itararé verificados na área de estudo. Há diversos registros em que há sobreposição com a cerâmica Guarani e também percebe-se locais onde os contextos estão misturados. A análise destes dados permitirão verificar qual a relação dos grupos portadores da cerâmica Itararé com os Guarani da região, sua contemporaneidade e marcadores de interação entre estes grupos.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, M. C. Um painel da arqueologia pré-histórica no Estado de São Paulo: os sítios cerâmicos. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**. Volumes 11 e 12, Números 20 e 21. 2008/2009. pp. 127-155.

ALMEIDA, F. O. de. **O Complexo Tupi da Amazônia Oriental**. 353 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARNOLD, D. **Ceramic Theory and Cultural Process**: New studies in Archaeology. Cambridge University Press: Cambridge, 1988.

BANDEIRA, D. R. **Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC – Arqueologia e Etnicidade**. 272 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BINFORD, L. R. (ed.). **For Theory Building in Archaeology**: Essays on faunal remains, aquatic resources, spatial analysis, and systemic modeling. Academic Press: New York, 1977.

BINFORD, L. R. Archaeological Systematics and the Study of Cultural Process. **American Antiquity**, Vol. 31, No. 2, Part 1, 1965, pp. 203-210.

BINFORD, L. R. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**, Vol. 28, No. 2, 1962, pp. 217-225.

BINFORD, L. R. **For Theory Building in Arcaheology**. New York: Academic Press, 1977.

BINFORD, L. R. Willow smoke and dog's tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. **American Antiquity**, 45 (1). Washington: Society for American Archaeology, 1980.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Relatório dos irmãos Kellers sobre as explorações dos rios Tibagy e Paranapanema**. Rio de Janeiro, 1866.

BROCHADO, J. P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **Clio**, n. III, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980, p. 47-59.

BROCHADO, J. P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America**. 1014 p. PhD Thesis (PhD in Anthropogy). University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.

BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, dez. 1994.

BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. S. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas**, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, dez. 1990.

CARVALHO, A. Análise da morfologia, do uso e do gestual de fabricação da cerâmica no vale do rio Peruaçu – MG. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico, UFMG**. Vol. 19, Belo Horizonte, 2009, p. 469-500.

CEREZER, J. F. **Cerâmica Guarani: Manual de Experimentação Arqueológica**. Habilis: Erechim, 2011.

CHAMBERLAIN, A. T. **Demography in Archaeology**. Cambridge University Press: Cambridge, 2006.

CHMYZ, I. (Ed.). Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**. Ano I, Nº 1. Museu de Arqueologia e Artes Populares. Paranaguá, 1976.

CHMYZ, I. A tradição Tupiguarani no litoral do estado do Paraná. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, n. 16, Curitiba, 2002. p. 71-95.

CHMYZ, I. **Projeto Arqueológico Rosana-Taquaruçu**. CESP: São Paulo, 1986.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, E. M.; VOLCOV, J. E.; BORA, E.; CECCON, R. S. **A arqueologia da área da LT 750kV Ivaiporã-Itaberá III, Paraná - São Paulo**. Arqueologia (CEPA/UFPR). Vol. 5. Curitiba, 2008.

CORRÊA, A. A.; SAMIA, D. G. Cronologia da Tradição Arqueológica Tupiguarani. **FUMDHAMENTOS VII**. São Raimundo Nonato: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, 2008. pp. 404-416.

CORTESÃO, J. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640). **Manuscritos da coleção de Angelis I**. Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 1951.

CORTESÃO, J. Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760). **Manuscritos da coleção de Angelis II**. Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 1952.

CRUZ, D. G. **Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)**. 171 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DIAS, A. S. **Repensando a tradição Umbu através de um estudo de caso**. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

DIAS, A. S. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. 401 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIAS, A. S.; NEUMANN, M. A.; MONTERO, R.; PASSOS, M. M. dos; MEIRELLES, P. V. M.; MARQUES, R. P. O discurso dos fragmentos: sócio-cosmologia e alteridade na cerâmica Guarani pré-colonial. **Espaço Ameríndio**, Vol. 2, n. 2, 2008, p. 5-34.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Embrapa Produção de Informação/Embrapa Solos: Rio de Janeiro, 1999.

GAMBLE, C. **Arqueología Básica**. Barcelona: Ariel Prehistoria, 2002.

HABITUS ASSESSORIA E CONSULTORIA LTDA. **Levantamento sistemático prospectivo na usina hidrelétrica Mauá (PR)**. Erechim, 2007.

HABITUS ASSESSORIA E CONSULTORIA LTDA. **Salvamento arqueológico na usina hidrelétrica Mauá (PR)**. Canteiro de obras. Erechim, 2008.

HABITUS ASSESSORIA E CONSULTORIA LTDA. **Salvamento arqueológico na usina hidrelétrica Mauá (PR)**. Canteiro de obras. Erechim, 2009.

HABITUS ASSESSORIA E CONSULTORIA LTDA. **Salvamento arqueológico na usina hidrelétrica Mauá (PR)**. Reservatório. Erechim, 2010.

HABITUS ASSESSORIA E CONSULTORIA LTDA. **Salvamento arqueológico na usina hidrelétrica Mauá (PR)**. Reservatório. Erechim, 2011.

HARRIS, E. **Principles of Archaeological Stratigraphy**. Second edition. Academic Press: London, 1989.

HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. **Revista de Antropologia**. Vol. 41, nº 1. São Paulo, 1998.

IBGE. **Mapa Etno Histórico de Curt Nimuendaju**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1987.

JACOME, C. P.; PROUS, A. O catálogo das pinturas tupiguarani em cerâmica. In: OLIVEIRA, A. P. de P. L. de (Org.). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Juiz de Fora: EDUF-JF, 2009, v. , p. 151-156.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LANDA, B. dos S. Arqueologia Guarani e Gênero. **Revista do CEPA**. Volume 23, nº 29. Santa Cruz do Sul, 1999. pp. 240-241.

LIMA, T. A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas. V. 6, n. 1. Belém, 2011. pp. 11-23.

LINO, J. T. **Arqueologia Guarani no vale do rio Araranguá, Santa Catarina**. Erechim: Habilis, 2009.

MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. UFPR/IBPT: Curitiba, 1968.

MACARIO, K. D.; BUARQUE, A.; SCHEEL-YBERT, R.; ANJOS, R. M.; GOMES, P. R. S.; BEAUCLAIR, M.; HATTÉ, C. The long-term Tupiguarani occupation in southeastern Brazil. **Radiocarbon**, Vol. 51, Nº 3, 2009. pp. 937-946.

MACHADO, J.S. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 15-16: 87-111, 2005-2006.

MEDRI, M. E. [et. al.]. **A bacia do rio Tibagi**. M.E. Medri: Londrina, 2002.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

MENDONÇA, F. de A.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Dinâmica atmosférica e tipos climáticos predominantes da bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, M. E. [et. al.]. **A bacia do rio Tibagi**. M.E. Medri: Londrina, 2002. p. 63-68.

MILHEIRA, R. G. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: História e Território**. 224 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MILHEIRA, R. G. **Território e Estratégia de Assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS**. 224 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MILLS, B. J. Ceramics and the social contexts of food consumption in the Northern Southwest. In: SKIBO, J.; FEINMAN, G. **Pottery and People: A Dynamic Interaction**. University of Utah Press: Salt Lake City, 1999. p. 99-114.

MONTEIRO, J. M. Os Guarani e a História do Brasil Meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, M. C. da. (org.). **História dos Índios no Brasil**. 2ª edição. Companhia das Letras: São Paulo, 1992. p. 475-500.

MONTEIRO, L. C. **Abrigos e Aldeias: análise dos contextos tecnológicos das ocupações de ceramistas na Cidade de Pedra, Rondonópolis, Mato Grosso**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MONTICELLI, G. Análise das informações obtidas com os Mbyá-Guarani sobre suas antigas vasilhas de cerâmica. **Revista do CEPA**. Volume 23, nº 29. Santa Cruz do Sul, 1999. pp. 233-239.

MONTOYA, P. A. R. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985. pp. 263.

MORAES, C. A. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual**. 391 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORAIS, J. L. Arqueologia da região sudeste. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, 1999/2000, p. 194-217.

MORAIS, J. L. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema paulista**. Habilis: Erechim, 2011.

MOTA, L. T. Relações interculturais na bacia dos rio Paranapanema/Tibagi no século XIX. **XXIII Simpósio Nacional de História (ANPUH)**. Londrina, 2005.

NEUMANN, M. A. **Ñande Rekó: Diferentes jeitos de ser Guarani**. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NEVES, W. A.; BERNARDO, D. V.; OKUMURA, M.; ALMEIDA, T. F.; STRAUSS, A. M. Origem e dispersão dos Tupiguarani: o que diz a morfologia craniana? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**. Volume 6, nº 1. Belém, 2011. pp. 95-122.

NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, 1999/2000, p. 218-269.

NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, Volume 39, Nº 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. pp. 7-53.

NOELLI, F. S. José Proenza Brochado, vida acadêmica e a arqueologia Tupi. In.: PROUS, André & LIMA, Tania Andrade. **Os ceramistas Tupiguarani**. Volume I - Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p. 17-48.

NOELLI, F. S. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. **Revista de Indias**. Vol. LXIV, nº 230, 2004, pp 17-34.

NOELLI, F. S. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi. **Estudos Ibero-americanos**. PUCRS, Volume XX, Nº 1. Porto Alegre, 1994. pp. 107-135.

NOELLI, F. S. **Sem tekoha não há Tekó – Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guaraní e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí**. 418 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, F. S. The Tupi: Explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. **Antiquity**: 72 (277): 648-63, 1998.

NOELLI, F. S.; TRINDADE, J. A.; SIMÃO, A. P. Primeiras análises sobre a funcionalidade e a frequência da cerâmica de um sítio arqueológico Guaraní na lagoa Xambrê – Paraná. **IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro, 1997.

NOELLI, F. Silva; BORCHADO, J. P. O cauim e as beberagens dos Guaraní e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 8, 1998. pp. 117-128.

OLIVEIRA, A. P. de P. L. de. Ceramistas Tupiguarani na Zona da Mata mineira. In: OLIVEIRA, A. P. de P. L. de (Org.). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009. pp. 9-36.

OLIVEIRA, C. As fronteiras tecnológicas de grupos pré-históricos ceramistas do Nordeste. In: OLIVEIRA, A. P. de P. L. de (Org.). **Estado da arte das**

**pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani.** Juiz de Fora: EDUFJF, 2009. pp. 131-150.

PACHECO, M. L. A. F. As diferentes abordagens sobre estilo e função em Arqueologia. **História: Questões & Debates.** N. 48/49, Curitiba, 2008. p. 389-425.

PALLESTRINI, L.; MORAIS, J. L. **Arqueologia Pré-histórica Brasileira.** Universidade de São Paulo / Museu Paulista: São Paulo, 1982.

PARELLADA, C. I. **Estudo Arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Brasil-Bolívia, trecho X, Paraná.** 272 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PARELLADA, C. I. **Relatório Final do Projeto de Caracterização do Patrimônio Arqueológico do EIA-RIMA da Usina Hidrelétrica Mauá.** Curitiba, 2003.

PINESE, J. P. P. Síntese geológica da bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, M. E. [et. al.]. **A bacia do rio Tibagi.** M.E. Medri: Londrina, 2002. p. 21-38.

PLOG, S. **Stylistic variation in prehistoric ceramics: design analysis in the American southwest.** Cambridge University Press: New York, 1980.

PROUS, A. & LIMA, T. A. **Os ceramistas Tupiguarani.** Volume I - Sínteses Regionais. Sigma: Belo Horizonte, 2008.

PROUS, A. A pintura em cerâmica Tupiguarani. **Ciência Hoje,** Rio de Janeiro, v. 36, n.213, p. 22-28, 2005.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1992.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros.** Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2008.

RENFREW, C. & BAHN, P. **Arqueología: Teoría, Métodos y Práctica.** Madrid: Akal, 1993.

RICE, P. M. Overview and Prospect. In: RICE, P. M. **Pots and Potters**: Current Approach in Ceramic Archaeology. Monograph XXIV. Institute of Archaeology. University of California: Los Angeles, 1984. p. 245-255.

RICE, P. M. **Pottery Analysis**: A sourcebook. University of Chicago Press: Chicago, 1987.

ROBRAHN, E. M. **A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, São Paulo: os grupos ceramistas do médio curso**. 348 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Diversidade cultural entre os grupos ceramistas do sul-sudeste brasileiro: o caso do vale do Ribeira de Iguape. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-história da terra Brasilis**. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2000. p. 293-306.

ROGGE, J. O material cerâmico dos sítios do litoral central. **Pesquisas, Antropologia** 63. São Leopoldo: IAP, 2006. pp. 179-192.

ROOD, R. J. Spatial analysis in archaeology: historical developments and modern applications. **Lambda Alpha of Man**, v. 14. Wichita: Wichita State University, 1982. pp. 21-55.

SACKETT, J. R. The Meaning of Style in Archaeology: A General Model. **American Antiquity**. Vol. 42, n. 3, Essays on Archaeological Problems, 1977. p. 369-380.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Os sítios arqueológicos de grupos de filiação lingüística Tupi-guarani no estado de São Paulo: avaliação e perspectiva. In: OLIVEIRA, A. P. de P. L. de (Org.). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009. pp. 89-98.

SCHEEL-YBERT, R.; MACARIO, K.; BUARQUE, A.; ANJOS, R. M.; BEAUCLAIR, M. A new age to an old site: the earliest Tupiguarani settlement in Rio de Janeiro State? **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. V. 80(4), 2008. pp. 763-770.

SCHIFFER, M. B. Archaeological Context and Systemic Context. **American Antiquity**, Vol. 37, n. 2. Society for American Archaeology. 1972. pp. 156-165.

SCHIFFER, M. B. **Formation Process of the Archaeological Record**. University of Utah Press: Salt Lake City, 1987.

SCHMITZ, P. I. *O Guarani: História e Pré-História*. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. pp 285-292.

SCHMITZ, P. I. Pré-história do Rio Grande do Sul. **Documentos 05**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. 2ª edição.

SHAPIRO, G. Ceramic vessels, site permanence, and group size: a mississippian example. **American Antiquity**, 49 (4), 1984. pp. 696-712.

SHENNAN, S. **Quantifying Archaeology**. Edinburgh University Press: Edinburgh, 1988.

SOARES, A. L. R. Arqueologia, História e Etnografia: o denominador Guarani. **Revista de Arqueologia**. Nº 14-15. 2001/2002. pp. 97-114.

SOARES, A. L. R. **Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do Sítio Röpke**. 237 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOARES, A. L. R. **Guarani. Organização Social e Arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOARES, A. L. R. Os horticultores Guaranis: modelos, problemáticas e perspectivas. **Revista do CEPA**. Volume 23, Nº 30. 1999. p. 103-141.

SOUSA, E. da S. **O potencial interpretativo dos artefatos cerâmicos: a tradição Tupiguarani na Amazônia**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SOUSA, G. S. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 2ª edição. Typographia de João Ignácio da Silva: Rio de Janeiro, 1879.

SOUZA, A. M. de. **Dicionário de Arqueologia**. Associação de Docentes da Estácio de Sá: Rio de Janeiro, 1997.

STIPP, N. A. F. Principais tipos de solo da bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, M. E. [et. al.]. **A bacia do rio Tibagi**. M.E. Medri: Londrina, 2002. p. 39-44.

TOREZAN, J. M. D. Nota sobre a vegetação da bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, M. E. [et. al.]. **A bacia do rio Tibagi**. M.E. Medri: Londrina, 2002. p. 103-108.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VOLCOV, J. E. **Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no alto rio Iguaçu, PR**. 191 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

VOSS, B. L.; ALLEN, R. Guide to Ceramic MNV Calculation Qualitative and Quantitative. **Technical Briefs in Historical Archaeology**, n. 5, 2010. p. 1-9.

WILLEY, G.; PHILLIPS, P. **Method and Theory in American Archaeology**. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

WILSON, G. D. **Between Plaza and palisade: household and community organization at early Moundville**. 299 f. PhD Thesis (PhD in Anthropology) – University of North Carolina at Chapel Hill, 2005.

WÜST, I.; CARVALHO, H. B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará I (GO-NI-100), Goiás. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Vol 6. São Paulo: MAE/USP, 1996.

ZEDENÑO, M. N. Landscapes, Land Use, and the History of Territory Formation: An Exemple from the Puebloan Southwest. **Journal of Archaeological Method and Theory**, Vol. 4, No. 1, 1997. pp. 67-103.